



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA

Daniela Marisa Sousa Silva

## AVENIDA DA LIBERDADE

UMA HISTÓRIA URBANA DA PRIMEIRA REPÚBLICA À DEMOCRACIA

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,  
orientada pelo Professor Doutor Rui Aristides Bixirão Neto Marinho Lebre  
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
da Universidade de Coimbra.

Julho de 2021





# Avenida da Liberdade

Uma história urbana da Primeira República à Democracia

A presente dissertação segue o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa e as normas APA 6ª edição para citação e referência bibliográfica.

O símbolo ∩ indica que existe conteúdo na parte posterior da página.

**Daniela Marisa Sousa Silva**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura  
Sob orientação do Professor Doutor Rui Aristides Lebre  
Departamento de Arquitetura, FCTUC, julho de 2021



UNIVERSIDADE D  
COIMBRA



Agradeço,

Ao meu orientador Professor Rui Aristides pela paciência e entusiasmo que disponibilizou ao longo deste percurso.

Ao Museu da Imagem, Museu Nogueira da Silva, Câmara Municipal de Braga e ao fotógrafo Luís Machado pelo apoio prestado.

A todas as pessoas que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais por tudo, principalmente por terem acreditado em mim.

À minha numerosa família, em especial à minha irmã Filipa, pelo suporte e entusiasmo constantes.

Às amizades do Norte e às que encontrei por Coimbra, sem vocês estes anos não teriam sido tão divertidos.

A todos os que cruzam comigo neste percurso.

Ao Hugo, pelo apoio e carinho essenciais.

Ao tio João, pelo sorriso sempre presente na minha memória.





## Resumo

Quando percorremos e observamos a Avenida da Liberdade em Braga, apercebemo-nos que esta é como um organismo em constante mutação, onde o presente dialoga com o passado e está em permanente *reinvenção*, como se de um *palimpsesto* se tratasse. Inerentemente, este constante processo de metamorfose aplica-se não só ao edificado como também às vivências e significações que caracterizam este espaço urbano.

Assim, visando a interpretação do processo de produção desta *paisagem* particular, esta dissertação procura fazer uma história urbana da Avenida da Liberdade a partir das relações entre espaço e sociedade. Além de refletirmos sobre alguns dos processos pelos quais se produz paisagem, iremos abordar de que modo é que a arquitetura, para além de um exercício de desenho e construção, se torna um instrumento político, social e cultural. Cada edifício abordado simboliza uma diferente fase da história urbana da Avenida, representa um momento de transformação da estrutura cultural, social e política e articula representações e memórias urbanas. Este exercício parte do princípio de que o espaço é simultaneamente uma produção material e social, intrinsecamente vinculada às características culturais da sociedade ou grupo que o produz.

Dada a complexidade e pluralidade inerente a esta perspetiva diacrónica, o presente trabalho foca-se nos *estratos* da Avenida da Liberdade produzidos pelos ideais políticos da sociedade durante os regimes *republicano*, *fascista* e *democrático* contemporâneo. Afinal, estes regimes geraram reformas espaciais que redefiniram social e fisicamente a estrutura da cidade e da sociedade até aos nossos dias.

### **Palavras-chave:**

Avenida da Liberdade; História Urbana; Produção de Espaço; Sociedade; Memórias.



## Abstract

As we stroll along Braga's Avenida da Liberdade, we realize it is like a living organism in constant transformation, where the present dialogues with the past and is constantly reinvented, as if it were a *palimpsest*. Thus, this process of constant metamorphosis applies not only to the buildings but also to the experiences and meanings that shape this urban space.

Therefore, we seek to present an urban history of Avenida da Liberdade from the duality between space and society, aiming at the interpretation of the production process of this particular landscape. We seek to discuss how architecture becomes a political, social and cultural instrument. Every approached building symbolizes a different historical phase of the Avenida da Liberdade's urban history, they are a period of transformation in cultural, social and political structures, as well as shaping urban representations and memories. This dissertation is based on the premisses that space is simultaneously a material and a social production, intrinsically associated to the cultural characteristics of the society or group that produces it.

Given the complexity and plurality inherent to this diachronic perspective, this work focuses on the strata of Avenida da Liberdade, produced by the political ideals of society during the republican, fascist and democratic regimes. All in all, these regimes originated spatial reforms that socially and physically redefined the city's structure and society until today.

### **Keywords:**

Avenida da Liberdade; Urban History; Production of Space; Society; Memories.



	<b>Sumário</b>
Acrónimos e siglas	15
<b>Introdução</b>	21
<b>1º Capítulo:</b>	
<b>Reminiscências do passado republicano e fascista</b>	35
1.1. A procura de modernidade liberal	37
1.2. A construção de uma nacionalidade urbana	51
1.3. O diálogo entre o local e o moderno	63
1.4. A questão da habitação	71
1.5. A queda do regime	83
<b>2º Capítulo:</b>	
<b>Redefinição urbana a par dos processos de democratização</b>	95
2.1. O acordar da amnésia	97
2.2. Aproximação à Europa, a CEE	109
2.3. A terciarização	121
2.4. <i>Braga sempre a crescer</i>	135
2.5. <i>Braga, cidade autêntica</i>	147
<b>Considerações finais</b>	159
Bibliografia	165
Fontes das Imagens	177
<b>Anexos</b>	193



## **Acrónimos e siglas**

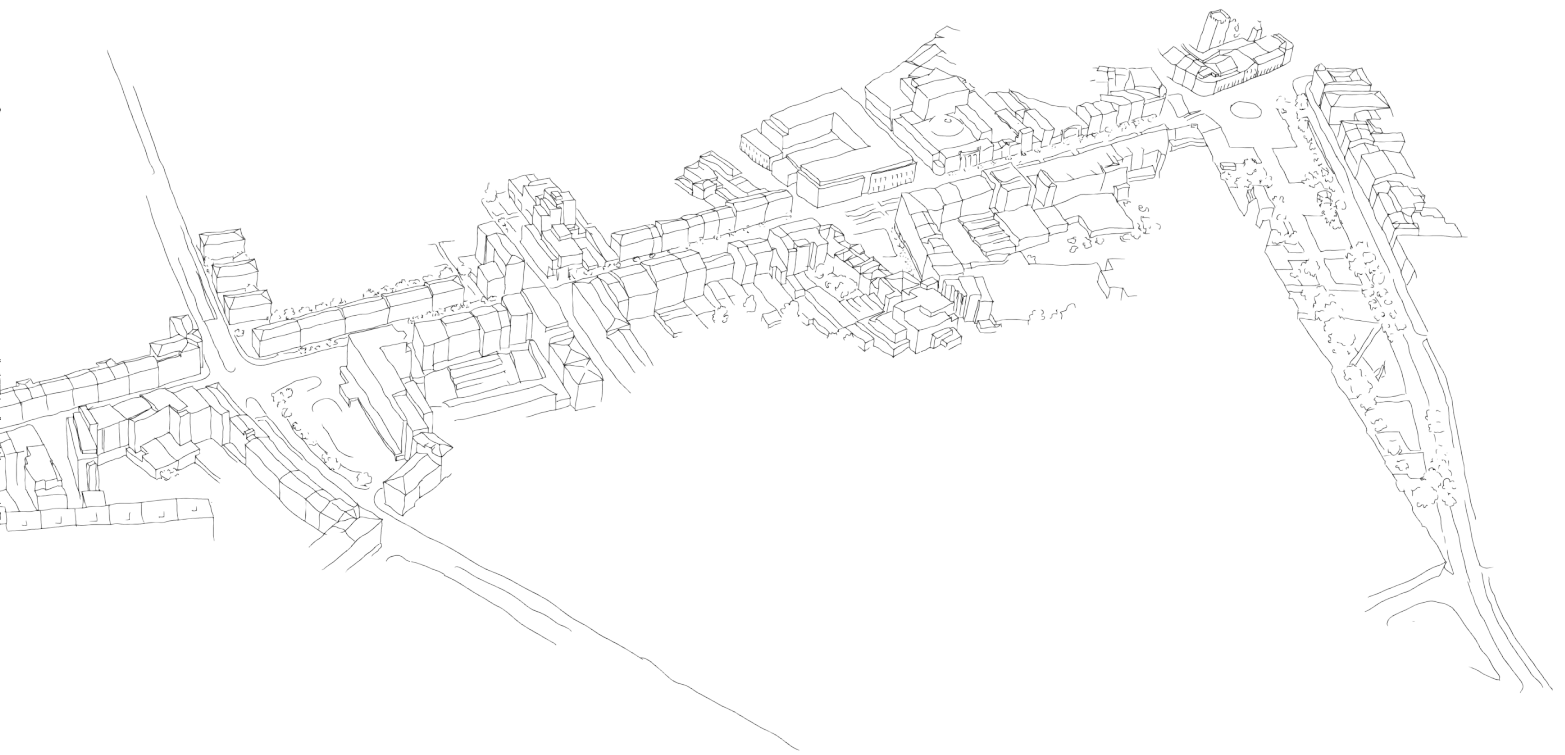
ACES Europe - European Capitals and Cities of Sport Federation  
AL - Avenida da Liberdade  
AMB - Arquivo Municipal de Braga  
ASPA - Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural  
CEE - Comunidade Económica Europeia  
CMB - Câmara Municipal de Braga  
CODEP - Comissão de Defesa e Estudo do Património  
DRU - Divisão de Renovação Urbana  
EFTA - Associação Europeia de Comércio Libre  
FCP-HE - Federação de Caixas de Previdência - Habitações Económicas  
FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional  
FMI - Fundo Monetário Internacional  
IARN - Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais  
IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico  
IGT - Instrumentos de Gestão Territorial  
GACMB - Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Braga  
GTL - Gabinete Técnico Local  
MFA - Movimento das Forças Armadas  
OU - Obras Urbanas  
PIDE - Polícia Internacional e de Defesa do Estado  
PPUS - Plano Parcial de Urbanização Sul de Braga  
PDM - Plano Diretor Municipal





PEOT - Planos Especiais de Ordenamento de Território  
PMU - Plano de Melhoramentos Urbanos  
Procom - Programa de apoio à modernização do comércio  
PROT - Planos Regionais de Ordenamento do Território  
PS - Partido Socialista  
PRTM - Plano de Reestruturação do Território Municipal  
SCB - Sporting Clube de Braga  
SGT - Sistema de Gestão Territorial  
SNI - Secretariado Nacional de Informação  
SPN - Secretariado da Propaganda Nacional  
UE - União Europeia  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
Urbcom - Sistema de incentivos a projetos de urbanismo comercial





Avenida da Liberdade



Fig. 1 - Vista aérea da Avenida da Liberdade

## Introdução

*“O olhar percorre as ruas como páginas escritas: a cidade diz tudo o que devemos pensar, faz-nos repetir o seu discurso, e enquanto julgamos visitar Tamara limitamo-nos a registar os nomes com que ela se define a si mesma e todas as suas partes.”*

(Calvino, 1999: 18)

Ao longo do percurso académico é constante o exercício de interpretação das cidades. Neste sentido, a relação da arquitetura com a cidade torna-se numa simbiose, um dos principais pontos de reflexão da própria disciplina. No entanto, existe uma tendência para abordar apenas as questões materiais do espaço urbano, negligenciando as perspetivas das pessoas que o habitam. Assim, neste trabalho procuraremos perceber como é que a arquitetura para além de um exercício de desenho e construção, articula aspetos sociais, políticos e culturais do espaço onde está inserida. Através da história urbana da Avenida da Liberdade em Braga, iremos especificar alguns dos processos pelos quais se produz paisagem, e o papel de programas arquitetónicos no processo de produção deste espaço urbano.

Para compreender a complexidade das dinâmicas urbanas atuais é necessário decodificar o seu permanente processo de produção. Isto é, interpretar tanto as velhas, bem como as novas *camadas materiais e imateriais* que compõem os espaços urbanos, como uma espécie de *palimpsesto*; uma justaposição das várias perceções de espaço, da multiplicidade de espaços produzidos e inerentes nas práticas sociais e do carácter ideológico destes processos, levadas a cabo no passado e no presente (Lefebvre, 1991).

Se considerarmos a forma física e visível do espaço uma personificação de uma intenção, apercebemo-nos que esta está intrinsecamente vinculada às pessoas que a produzem e às respetivas alterações na estrutura social destas. Tal constatação leva-nos a pensar a cidade como uma composição de espaços feitos ou modificados pelo ser humano no intuito de servirem como infraestruturas em benefício da nossa existência coletiva (Jackson, 1984); o que nos permite compreender cada produção espacial como única e reflexo das especificidades do coletivo que a produz, fazendo com que os espaços urbanos sejam produtos dinâmicos que estão permanentemente em metamorfose. O modo como experienciamos o urbano, o construímos ou alteramos, varia consoante uma série de premissas subjetivas que estão intrinsecamente vinculadas ao objetivo, ao

Avenida da Liberdade

material (Cosgrove, 1984). Podemos considerar que o espaço é uma produção social, resultado das interações sociais e culturais dos indivíduos e do contexto ideológico, político e histórico em que estes estão inseridos. Da mesma forma, podemos considerar a arquitetura a ferramenta utilizada pelo ser humano para construir e personificar um propósito, através da apropriação de *paisagem* (Kostof, 1995). Cada produção espacial é única, objetiva na sua materialidade e, subjetiva na sua significação e temporalidade (Kostof, 1995).

A complexidade e ambiguidade inerente ao processo de produção de espaço é de uma tal escala e variedade que é necessária uma lente pluridisciplinar para tentar levar a cabo tal desafio. Assim como a identidade de um indivíduo é algo multifacetado, contraditório e a sua interpretação subjetiva, a interpretação de espaço coletivo também o é, principalmente quando o objeto de estudo é a cidade. A organização de espaço produzida pela sociedade é parte integral na produção do social pois está intrinsecamente vinculada ao contexto histórico e político. Ou seja, o espaço é algo dinâmico dependente da sua localização temporal e espacial, sendo composto pela articulação das relações e conexões sociais de todas as escalas que geram cenários particulares. Estes lugares, apesar de serem resultado destas articulações específicas, não são independentes do contexto exterior, o que nos permite relacionar espaço com o *social* e o *poder* (Massey, 1994).

Com o desenvolvimento da democracia e do capitalismo, os espaços urbanos produzidos adquiriram novas camadas de significação por consequência da reterritorialização social do domínio dos espaços públicos, nomeadamente: da emancipação da rua como elemento urbano e lugar de manifestação e expressão pública (Jackson, 1985); e do desvanecer das fronteiras bem delimitadas entre público e privado, doméstico e económico e, económico e político (Cosgrove, 1984). O modo como interpretamos o conceito de democracia, reflete-se diretamente no modo como conceptualizamos *público*, o que influencia o modo como nos apropriamos e produzimos os *espaços públicos do quotidiano*. É nestes espaços onde ocorre a intersecção entre os indivíduos e a cidade. Neste ponto de encontro, os indivíduos e os grupos apropriam-se dos espaços em seu próprio benefício, sendo estas adaptações as que redefinem e alteram conceitos aparentemente bem delimitados como o público e o privado. São espaços que acabam por possuir significados múltiplos que estão permanentemente a ser reescritos e não possuem uma clareza funcional. Esta diluição de limites gera novas formas de espaço, cria uma condição que quebra a sua estratificação e possibilita a criação de espaços mais democráticos (Cosgrove, 1984).

O edificado, para além de poder ser um meio para satisfazer uma necessidade, é também uma forma pela qual a sociedade reconfigura a sua estrutura e se manifesta. Diferentes estruturas sociais ou relações de poder produzem espaços distintos e estes, ao significarem ideias e valores, acabam por interferir no processo de reconfiguração da estrutura social, nomeadamente nos conceitos de tempo, espaço e identidade. O construído é então uma das ferramentas pelas quais os indivíduos reconfiguram a sua vida social e privada, acabando por influenciar o contexto geral onde estão inseridos. Ao tentarmos decodificar os diferentes estratos do palimpsesto urbano, estamos simultaneamente a decodificar estratos de memórias sociais, pois estes incorporam histórias específicas que moldam as identidades coletivas das pessoas e, conseqüentemente, interferem no modo como estas produzem espaço. O construído não se pode dissociar das memórias coletivas de quem o habita, nem deixar de ser influenciado pelas significações específicas que estas memórias detêm. Ou seja, a partir

Avenida da Liberdade



das histórias individuais dos praticantes da cidade – das suas memórias urbanas - podemos adquirir pistas que nos permitem decodificar as camadas que compõem os léxicos urbanos atuais, pois o passado (consciente ou inconscientemente) continua a moldar a identidade do presente, e eventualmente, do futuro. A memória assume-se como um instrumento de percepção e produção espacial (Kusno, 2010).

Através do construído, podemos interpretar determinada época, determinado objeto de estudo, pois este pode derivar tanto de um modo de expressão de determinada sociedade, como da influência das esferas de poder. Esta abordagem permite-nos fazer uma leitura mais democrática do espaço, pois não se foca apenas nas suas questões materiais ou aborda unicamente os edifícios considerados monumentos. Ao prestarmos atenção à arquitetura enquanto prática e atividade, estamos a ter em consideração a sua natureza dinâmica e coletiva, por termos em conta as relações entre o edificado e os seus habitantes. Esta percepção contraria a tendência formal de arquitetura que trata o edificado e o seu contexto como uma ideia abstrata, prestando mais atenção à forma. (Kostof, 1995)

Ao prestarmos atenção ao lado sensível da vida urbana, para além de podermos identificar as expressões e ritmos culturais que caracterizam a cidade contemporânea, podemos também reconhecer as suas camadas sociopsicológicas e emocionais, o que nos permite uma (re)leitura da ação social e política sob o urbano.

Avenida da Liberdade

## Objetivos

Partindo do conceito de que o processo de produção de espaço é resultado da interação das componentes sociais, políticas e materiais (Lefebvre, 1991), podemos pensar o espaço como produção social e sociedade como produção espacial. Dada a complexidade e especificidade inerente aos processos de produção de espaço, iremos focalizar o nosso estudo numa *paisagem* específica: a Avenida da Liberdade em Braga, desde o período da Primeira República à Democracia.

Deste modo, através de uma leitura da história urbana da Avenida da Liberdade, procuramos especificar alguns dos processos que produzem a paisagem social e espacial das cidades contemporâneas portuguesas.

Procuramos compreender como é que determinados espaços urbanos articulam diferentes gerações, imaginários, vivências e significados, e como é que política e espaço interagem de modo a produzir determinados costumes e memórias urbanas.

Apresentar uma interpretação de como as condições socioculturais e políticas interferem no processo de produção de espaço.

Perceber como é que enquanto arquitetos devemos entender arquitetura e o seu papel na cidade.

Assim, a interpretação do processo de produção da Avenida, vai-nos permitir responder às questões centrais desta dissertação: *como é que a arquitetura se torna um instrumento político, cultural e social? Como é que enquanto arquitetos devemos interpretar cidade, tendo em conta as suas componentes materiais e imateriais?*

Avenida da Liberdade

## Método

Para procedermos à leitura da história urbana da Avenida da Liberdade tendo em consideração as componentes sociais do espaço, recorreremos a uma pesquisa etnograficamente informada. Tal, obteve-se através do recurso à observação participante, ao ato de caminhar pela cidade, de falar com os seus participantes, de escrever e desenhar as nossas interpretações (de Certeau, 1984). Utilizámos também um questionário semiestruturado, cujo formato e objetivo visou a recolha e identificação das representações da Avenida, a partir das respetivas memórias urbanas. É de realçar que as perguntas deste questionário tiveram como base as conversas realizadas no âmbito das observações participantes. Parte dos questionários foram realizados presencialmente em vários pontos da cidade, na procura de uma recolha de informação mais próxima das pessoas quando comparada às respostas obtidas por meio eletrónico.

Acedemos também a arquivos de Museus da cidade, grupos de Facebook e falamos com fotógrafos locais para recolher imagens históricas deste espaço urbano. Foram-nos disponibilizados pela Câmara Municipal de Braga planos urbanos da cidade. Acedemos a artigos de jornais do Público e do Expresso, artigos académicos e dissertações de mestrado e doutoramento. Recorremos também a fontes eletrónicas de instituições como o Teatro Circo, o Altice Fórum Braga e o Liberdade Street Fashion. Registámos, analisámos e cruzámos os conteúdos recolhidos com bibliografia de modo a podermos identificar as produções espaciais específicas da Avenida que remetem a diferentes nuances do processo de transformação cultural, político e social.

Avenida da Liberdade

## Estrutura

O contexto urbano português é peculiar por consequência da duradoura ditadura, que fomentou o ruralismo e o nacionalismo num contexto internacional cada vez mais global. Com o fim da ditadura e principalmente após a entrada de Portugal na então CEE em 1986, a velocidade de crescimento das cidades portuguesas desencadeou-se a um ritmo frenético, pois houve um processo de assimilação e adaptação da sociedade às *novidades lá de fora* num curto período temporal. A estrutura urbana de Braga foi redefinida nas últimas décadas por consequência dos processos de urbanização extensiva e da desruralização concomitante.

Assim, perante as alterações do processo de produção da cidade de Braga vividas nestes tempos políticos, a presente interpretação da história urbana da Avenida da Liberdade encontra-se dividida em dois capítulos: *Reminiscências do passado republicano e fascista*; e *Redefinição urbana a par dos processos de democratização*.

No início de cada capítulo encontramos uma pequena introdução que explica os respetivos temas abordados. Cada capítulo encontra-se subdividido em cinco temáticas distintas, sendo que cada uma destas corresponde a diferentes camadas do processo de produção da Avenida, associadas à implementação de certos ideais políticos, que ao produzirem determinado espaço na Avenida, estruturaram memórias e representações urbanas, e despoletaram novas formas de identidade individual e coletiva.







# Reminiscências do passado republicano e fascista

1º Capítulo

Avenida da Liberdade

As ideias políticas vividas ao longo da primeira república e da longa ditadura salazarista geraram reformas espaciais que redefiniram social e fisicamente a estrutura das cidades portuguesas até aos nossos dias. Para a Avenida da Liberdade em Braga, estes dois períodos históricos foram essenciais para o seu processo de produção. Neste sentido, constituem o primeiro tempo político que servirá como unidade de análise para uma história urbana desta Avenida.

Partindo de uma leitura histórica e etnograficamente informada das *reminiscências espaciais* destes regimes na Avenida da Liberdade, ao longo deste capítulo, iremos perceber como é que certas ideias vão da política para o espaço, do espaço para a política e qual a relação entre estes movimentos e os costumes e memórias que produzem o dia-a-dia deste espaço urbano. Esta interpretação do processo de produção de algumas das representações deste espaço urbano, além de nos permitir perceber diferentes formas de gerir o espaço urbano, vão permitir compreender algumas das mudanças sociais mais largas ao longo do século XX em Portugal.

Começaremos por abordar as reformas espaciais geradas pela procura de um ideal liberal de cidade e a respetiva utilização da tipologia da avenida. Seguidamente, abordaremos os programas arquitetónicos patrocinados pelo Estado Novo, que refletem a sua utilização da arquitetura enquanto instrumento e recurso de reorganização política. Iremos também refletir sobre a abordagem da ditadura aos processos de modernização e regionalismo, além dos programas de habitação relacionados com o Estado que reestruturaram socialmente a Avenida. Por último, abordaremos a transformação social que culminou no esgotamento do regime salazarista e a relação deste processo com a apropriação da Avenida da Liberdade.

Avenida da Liberdade



Fig.2 - Extremo norte da Avenida da Liberdade (2019)



Fig. 3 - Extremo sul da Avenida da Liberdade (2019)

### 1.1. A procura de modernidade liberal

Quando caminhamos pela Avenida da Liberdade, apercebemo-nos de que esta possui características urbanas bastante díspares entre si, não só pela sua variedade de ritmos e cadências urbanas, como também pela diversidade de programas arquitetónicos que encontramos ao longo da sua extensão. Esta diversidade faz com que os extremos da Avenida possuam diferentes representações e reflitam distintas problemáticas urbanas e momentos da história da cidade.

Se olharmos para o movimento pedonal e para as interações sociais, podemos considerar o seu extremo norte como mais dinâmico que o seu extremo sul, ainda que este possua um grande fluxo de movimento automóvel. Esta variedade é reflexo da estrutura urbana da cidade e representa diferentes dinâmicas urbanas das ruas que nela convergem. Podemos considerar que a perceção e vivência do troço sul da Avenida são afetadas pelos espaços urbanos pouco movimentados das suas ruas adjacentes, isto é, pela respetiva intermitência do fluxo de movimento da vida urbana e progressiva degradação do edificado.

Parte da população entrevistada considera o troço sul da Avenida como uma periferia, de ligação automóvel, “abandonada e menos apelativa”, tomada como marginalizada por alguns que a consideram “mal frequentada.” Já o seu extremo norte é considerado mais apelativo e esteticamente agradável, frequentemente associado a atividades de lazer e ócio, nomeadamente materializadas em importantes eventos citadinos como a Noite Branca e a Festa de São João.<sup>1</sup> Sempre bem aperaltado com os seus jardins e edifícios de arquiteturas ornamentadas, é um ponto turístico onde se pode encontrar uma vasta atividade comercial - incluindo famosas multinacionais como a *Starbucks*, a *Massimo Dutti* e o *Santander*, entre outras corporações - formando um cenário perfeito para o *city branding*. Estas características aliadas à grande afluência pedonal contribuem para a representação atual deste primeiro troço da Avenida como postal da cidade. Para perceber de que modo é que este troço da Avenida adquiriu estas características espaciais, temos de retroceder ao período de transição entre o século XIX e o século XX. Entre o fim da monarquia e a emergência do *movimento republicano*, a revolução industrial e o liberalismo, certas ideias políticas geraram reformas espaciais na cidade que se podem relacionar com estas representações da Avenida da Liberdade.

1. Tendo como base as respostas obtidas na pesquisa etnograficamente informada presente nos anexos.

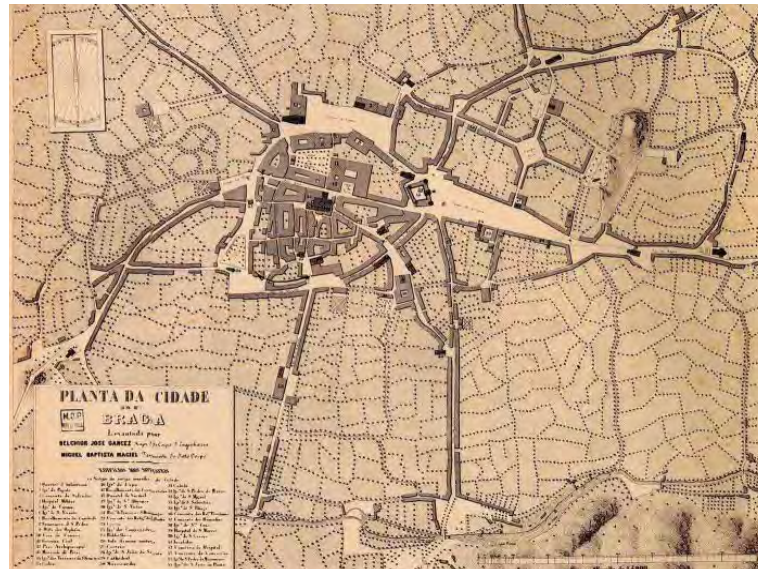


Fig.4 - Planta da cidade de Braga no século XIX

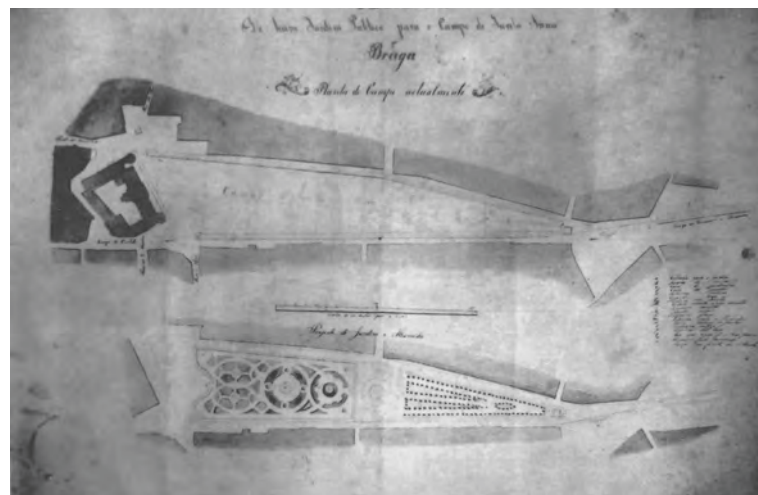


Fig.5 - Planta do Campo de Sant'Anna e da proposta de intervenção do Engenheiro Manuel Guimarães (1854)



Fig.6 - Passeio Público

Nesta época, Braga encontrava-se numa situação de sobrelotação entremuros e de crescimento urbano desregulado. Estes problemas urbanos, aliados ao fenómeno dos retornados do Brasil com grande poder de investimento e à ânsia pela modernização a par do resto da Europa, desencadearam várias transformações estruturantes na cidade que a permitiram crescer para além do seu traçado medieval e quinhentista. Isto é, através da criação de espaços urbanos representativos de um modo de vida cosmopolita a par do desenvolvimento europeu. (Macedo, 2016: 59)

Começemos por abordar a implementação de um novo jardim urbano no Campo de Sant'Anna, feito à imagem do que se fez na capital, uma espécie de *boulevard*: o *Passeio Público (1854-1913)*. Este além de ter sido o novo centro da vida social, foi uma charneira de crescimento entre o núcleo medieval e a futura cidade moderna. Na época, o Campo de Sant'Anna era considerado o principal espaço público da cidade devido ao seu papel central na circulação viária e à função simbólico-social que foi adquirindo desde o século XVIII. A sua configuração espacial foi originalmente radicada nos princípios urbanísticos de racionalização e legibilidade perspéctica implementados na cidade pelo arcebispo D. Diogo de Sousa no século XVI. Desde então a progressiva reestruturação de programas que delimitavam o Campo de Sant'Ana, para além do carácter cenográfico que lhe proporcionaram, tornaram este espaço um dos pontos de charneira entre o núcleo medieval intramuros e o crescimento urbano fora destes.<sup>2</sup> Este veio, pois, a marcar a reorientação da cidade para fora das suas muralhas e o surgir de um novo centro para a vida pública urbana. Esta reestruturação urbana seria reafirmada pelo projeto e construção de um novo jardim urbano moderno. Dada a escala do projeto, uma comissão foi criada e o projeto entregue ao engenheiro Manuel Couto Guimarães, que desenhou o *Passeio Público* em três secções com respetivas soluções distintas: a primeira, junto à Arcada, continha a área ajardinada propriamente dita; a segunda, uma praça central; a terceira, de configuração triangular, era o local da extinta feira de São Marcos. (Bandeira, 2001: 613-614)

Tendo em conta o papel que este espaço desempenhava na vida urbana da cidade de então, o *Passeio Público* foi o principal beneficiário do investimento das *Obras Públicas* do Município de Braga, sendo constantemente alvo de melhorias como o abastecimento de água e iluminação pública. De entre todas as intervenções que o *Passeio Público* sofreu após a sua implantação, a implementação de um gradeamento que fechava o recinto teve um grande impacto na vivência deste espaço pois ao evidenciar-se o seu carácter individualizado e cuidado, este passou progressivamente a acolher as primeiras manifestações de lazer e entretenimento da cidade, sejam estas festas populares ou simples passeios familiares da elite. No final do século XIX ocorreu uma valorização da dimensão cívica do seu uso, uma ênfase no convívio social e na necessidade de mais espaço de circulação viária que se refletiram no desenho deste espaço. A progressiva transformação deste espaço urbano ganhou um maior destaque com a emergência do movimento republicano. O ideário do centro de vida pública que este jardim intimista e romântico representava foi substituído por um ideário

2. A construção da *Arcada* (alfândega, albergue, abrigo para comerciantes e porta de entrada da muralha) no topo Oeste em 1715, tendo como segundo plano a *Torre de Menagem* (única reminiscência atual do Castelo); a Este, com a *Igreja de Nossa Senhora a Branca*, tendo como pano de fundo, o *Santuário do Bom Jesus do Monte*; fachadas em conformidade com o núcleo medieval, nomeadamente com a Rua do Souto; progressiva e rápida ocupação lateral por edifícios religiosos, como conventos e igrejas que procuravam demarcar-se fisicamente na malha urbana.

Avenida da Liberdade



Fig. 7 - Avenida Central no início do século XX



Fig. 8 - Avenida Central durante as festas populares de São João



Fig.9 - Cruzamento entre a Avenida Central e a Avenida da Liberdade no início do séc.XX



de circulação e vitrine fomentado pelos republicanos no início do século XX. Assim, levou-se a cabo uma série de projetos de *regularização*, *aformoseamento* e *melhorias* que desmantelaram o desenho primitivo do recinto. Retirou-se o gradeamento do jardim e abriram-se três vias de circulação automóvel, uma prática que transformou todo o Campo de Sant'Anna num espaço amplo e uno, uma Avenida “símbolo da visão ideal da cidade em devir: a Avenida Central.” (Bandeira, 2001: 616-618)

A ambição de tornar a atual Avenida Central o *palco e vitrine* de Braga, “espaço de representação do imaginário colectivo” (Bandeira, 2011: 56) fez com este espaço público continuasse a ser maior beneficiário das *Obras Públicas*. As sucessivas transformações do desenho do espaço público, os programas arquitetónicos – como o Banco de Portugal – que se geraram no seu em torno e as interações sociais e culturais que aqui passaram a acontecer tornaram esta Avenida uma espécie de *fórum* urbano para a cidade da época. Este processo de transformação marcou a estrutura da paisagem urbana bracarense e da sua vida urbana dada a centralidade que passou a adquirir. Em parte, esta representação permanece no léxico urbano atual, tanto pelo papel central que este espaço urbano ainda desempenha na vida social e cultural dos seus habitantes, como na sua forma, pois parte dos alinhamentos definidos desta época permanecem no desenho atual do espaço público.

Esta representação da Avenida Central não se restringiu à sua delimitação física, influenciou diretamente as ruas que nela convergem. Mais concretamente, a construção social que associa a Avenida Central como *ex-libris* da cidade, abrange outras produções espaciais específicas, das quais destacamos a Avenida da Liberdade. À semelhança da Avenida Central, o ideário da Avenida da Liberdade advém do período de transição entre o fim da monarquia e a instauração da República.

De modo breve, podemos considerar que as posições políticas neste período iam desde a preferência pelo nacionalismo, tradicionalismo e conservadorismo, até à visão liberal que ansiava por um país cosmopolita a par do nível de desenvolvimento europeu (Grande, 2005: 62). Este confronto ideológico influenciou a prática de arquitetura e alterou as dinâmicas urbanas, uma vez que cada perspetiva gerou programas arquitetónicos com determinadas opções estéticas, tipológicas e morfológicas, que refletem os interesses e aspirações de vida. Um dos fatores que distinguiu as polaridades anteriormente apontadas foram as respetivas abordagens à História: a visão *culturalista* fomentava o “restabelecimento nostálgico de um passado pretensamente autóctone e autêntico”; já os *progressistas* tinham preferência pelo ecletismo revivalista, por influência da formação académica da *École des Beaux-Arts* (Grande, 2005: 62). Esta última abordagem baseava-se na reinterpretação das linguagens estéticas e ornamentais do passado aplicada às soluções construtivas modernas.

Em Braga, tal como no resto do país, este momento de transformação sociocultural desencadeou mudanças drásticas na estrutura da vida urbana, das suas interações e das suas produções espaciais. A nova elite bracarense burguesa, negociante e republicana ansiava por uma cidade moderna e atrativa. A *Comissão dos Melhoramentos Locais* surgiu desta ânsia e visou resolver os problemas resultantes do crescimento populacional e urbano sem planeamento do século XIX, bem como concretizar os ideais de modernidade, de procura pelo novo. Esta comissão contribuiu para a redefinição da cidade pelo fomento de obras como o sistema de abastecimento de água a partir do rio Cávado, esgotos, tração elétrica e iluminação, o mercado coberto, o matadouro e a



Fig. 10 - Vista da cidade para a Rua das Águas, Rua de São Lázaro e Rua da Ponte de Guimarães

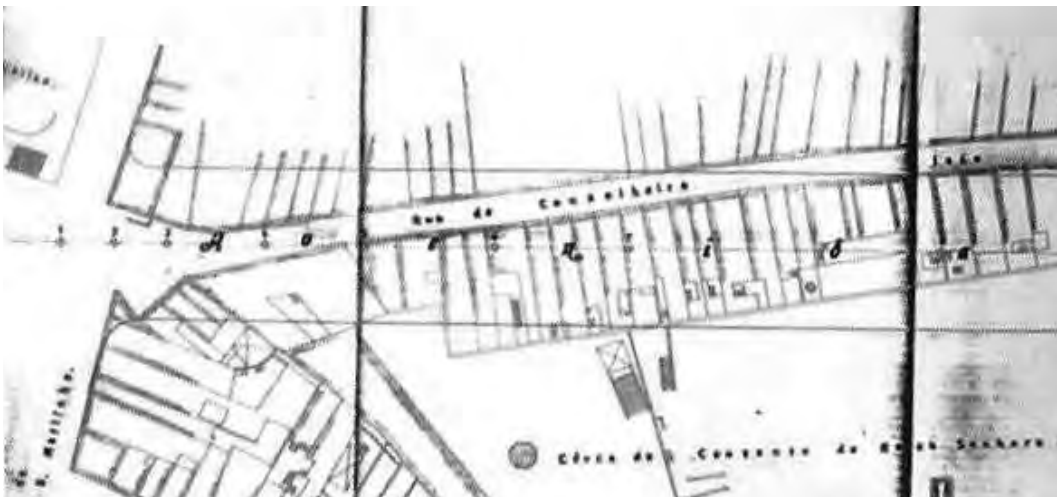


Fig. 11 - Plano de retificação da Rua das Águas



Fig. 12 - Cruzamento entre o Campo de Sant'Anna e a Rua das Águas



Fig. 13 - Rua das Águas

municipalização de serviços. Por outro lado, para reestruturar a tradicional *Braga antiga de rosário à cinta* ao nível pretendido, as estratégias de intervenção da Comissão foram incisivas, pois basearam-se em grandes demolições e projetos de grande envergadura. Para dar aso à ambição desta elite, demoliram-se elementos urbanos simbólica e espacialmente importantes da cidade na época, como o Convento dos Remédios, o Castelo e a Muralha Medieval. Este tipo de estratégia de intervenção fruto de uma visão mais liberal gerou um grande debate e até contestação por parte da população e da respetiva imprensa local, uma vez que a cidade possuía um cariz muito conservador e religioso. (Macedo, 2016: 59-66). É neste contexto de transformação urbana que surge a ideia de rasgar uma grande Avenida (1907): uma espinha dorsal Norte-Sul que ligaria o *palco e vitrine* da cidade a *São João da Ponte* e que se prolongaria até ao cemitério através do alargamento da Rua dos Chãos.<sup>3</sup> Apesar de não se saber ao certo a origem da ideia, este projeto da Avenida visava a retificação da ligação do centro da cidade à principal via de acesso a Guimarães. (Bandeira, 2001: 196-197)

A concretização do projeto para a *Avenida do Conselheiro João Franco*,<sup>4</sup> como era originalmente conhecida a Avenida da Liberdade, pressupunha a união da Rua das Águas, da Rua de São Lázaro e da Rua da Ponte de Guimarães e a sua respetiva retificação.<sup>5</sup> Segundo Bandeira (2001: 200), o projeto desta avenida apesar de manter a “antecedência direccional do eixo em que se projectava, ignorou o traçado e a irregularidade do desnivelamento primitivo.” Ou seja, implicava a expropriação e respetiva demolição de grande parte do edificado pré-existente tanto por razões funcionais como estéticas. Nesta fase inicial do projeto, estimava-se ser necessário expropriar parcial ou totalmente 221 parcelas, o que levou à criação de uma *comissão* destinada unicamente a tratar destes processos. (Bandeira, 2001: 199-201)

A complexidade e magnitude técnica e financeira que a construção de uma avenida de 835 metros de comprimento e 30 metros de largura pressupunha foi tal, que desde o início se percebeu que esta teria de ser executada por fases. A obra começou pelo lado *direito nascente*, mais concretamente, pela *cerca* do antigo Convento dos Remédios, adquirido pela Câmara ainda em 1907. Esta retificação do topo Norte da rua das Águas acabou por gerar uma necessidade de reconfiguração morfológica de todo o quarteirão. Além de *esquadrilharem* em lotes os terrenos do Convento, procederam à abertura da nova rua Conselheiro Domingos Soares, atualmente denominada rua Dr. Gonçalo Sampaio, e à regularização da *margem oriental do largo Carlos Amarante*. Assim, ainda naquele ano arrancaram as obras de abertura da Avenida que só chegou à rua do Raio em 1910, atingindo aí os 260 metros de extensão. (Bandeira, 2001: 200-201)

Com a instauração da República, inicia-se uma nova fase do projeto, que agora se passará a denominar *Avenida da Liberdade*. Além da continuidade dos processos de expropriação dos edifícios adjacentes ao antigo Convento dos Remédios, isto é, os que fazem a esquina do topo norte da Avenida e o largo Barão de São Martinho,

3. Este prolongamento até ao cemitério não foi concretizado, pois, na época, a Rua dos Chãos tinha sido alvo de obras de redefinição e regulamento recentemente.

4. Esta denominação ficou associada a este projeto até à instauração da República, onde passou a chamar-se Avenida da Liberdade. Mais tarde, durante o regime salazarista esta passou a denominar-se Avenida Marechal Gomes da Costa.

5. O traçado deste eixo de orientação Norte-Sul pode ser associado à época de Bracara Augusta. Este é consequência de um percurso de ligação ao rio Este que se manteve apesar de todas as transformações da cidade ao longo dos séculos. Tal é possível verificar em gravuras e ilustrações de época.



Fig. 14 - Postal da AL (edifícios desenhados por Moura Coutinho)



Fig. 15 - Garagem Auto-Palace (1916)



Fig. 16 - Troço da AL correspondente à 1º fase da sua construção

foram também apresentados os primeiros projetos de edificado que faziam o novo alinhamento retificado. (Bandeira, 2001: 204-205)

Surge então o conjunto de edifícios desenhado pelo arquiteto autodidata João de Moura Coutinho (1872-1954).<sup>6</sup> A implantação deste edificado permitiu a retificação e alargamento do espaço urbano, dando o primeiro passo para a construção da Avenida da Liberdade. Já a sua altimetria de dois a três pisos possibilitou a conformidade com a escala do edificado da Avenida Central, permitindo a relação espacial como se de uma continuidade do *novo* centro cívico se tratasse. No decorativismo das suas fachadas, podemos encontrar elementos de inspiração *art nouveau*, e outros de influência romântica francesa de finais do século XIX, que dão ao conjunto uma imagem eclética apelativa e, nos remetem à visão *progressista* do debate arquitetónico que referimos anteriormente. O aproveitamento análogo do piso térreo para fins comerciais e implemento de programas inovadores e modernos para a cidade, como é o caso da garagem *Auto-Palace* (c. 1914), das intervenções no interior do antigo edifício dos CTT (1916-32)<sup>7</sup> e do *Theatro Circo*, tornaram-no ainda mais atrativo. Por outro lado, estes edifícios, que visavam ser modernos, já não seguiam o que de moderno se ia fazendo pela Europa neste período. É também relevante dizer que ainda no extremo norte da Avenida, encontram-se outras obras deste arquiteto que, embora mais tardias – décadas de 1930-1940 – refletem outras linguagens arquitectónicas, pretensões e intenções, como é o caso do edifício do Turismo (1935-37). (Martins, 2010: 16)

É de destacar o *Theatro Circo* (1906-1915) que surge inscrito neste conjunto, ainda que inicialmente contestado por tarde da população bracarense mais conservadora da época. Este equipamento cultural ao longo da sua vida assumiu um papel de destaque na vida quotidiana bracarense, pois passou a ser um lugar de referência identitária da cidade para as várias gerações. Este é um espaço que presenciou e adaptou-se às transformações políticas, sociais e culturais, desde o início do século XX até à atualidade. Para além de ser um lugar de renome artístico, foi também palco de importantes momentos políticos e sociais da cidade como campanhas políticas, ações de propaganda e de censura. É um programa arquitetónico que desde a sua origem gera estruturas de interação social, memórias urbanas e consequentemente, espaço. A importância cultural e social progressivamente adquirida por este equipamento é tal para a cidade que, entre a década de 80 e 90, a Câmara Municipal de Braga adquiriu a quase totalidade do seu capital acionista, acabando por adquirir a sua totalidade em 2008 (*Theatro Circo*, s.d.).

Tal como a Avenida da Liberdade, o *Theatro Circo* é produto de um processo praticado por várias gerações, onde o *todo* prevalece apesar da transformação das suas *partes*, sejam estas camadas materiais ou imateriais. Apesar de parte do desenho de Moura Coutinho prevalecer, o edifício foi-se transformando e adaptando às necessidades do seu público e das suas atividades. Das várias intervenções podemos destacar as obras de restauro e requalificação iniciadas em 1999 e terminadas em 2008. A iniciativa resultou de um protocolo entre a Câmara Municipal de Braga (CMB) e o Ministério da Cultura, e foi cofinanciado pelo *Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional* (FEDER). O projeto que ficou a cargo do arquiteto Sérgio Borges, partiu de uma estratégia de intervenção

6. Referentes aos atuais edifícios nº 817, 805, 797, 777, 757, 773, 745, 733, 715 e 675 da Avenida da Liberdade (Direção Geral do Património Cultural, s.d.).

7. Projeto original do engenheiro Francisco Henriques.

Avenida da Liberdade



Fig. 17 - Theatro Circo (1916)



Fig. 18 - Theatro Circo após obras de requalificação



Fig.19 - Theatro Circo e a Avenida da Liberdade (2019)

que respeitou a pré-existência e adaptou-a às exigências técnicas e programáticas atuais. Além de reforçarem a estrutura do edifício, requalificaram os seus principais espaços como a Sala Principal, o *Foyer* e repuseram o traçado original do Salão Nobre, que tinha sofrido muitas alterações ao longo dos anos. Acrescentaram um novo volume visando aumentar a capacidade das zonas de apoio com novos camarins e armazéns, e adicionar duas novas salas ao equipamento, o Pequeno Auditório com 236 lugares e uma sala de ensaios. Houve também um grande investimento no âmbito tecnológico cénico e sonoro. O equipamento que originalmente era um teatro, atualmente é um grande complexo cultural com características espaciais e tecnológicas que lhe permitem flexibilidade programática. (Theatro Circo, s.d.)

O Theatro Circo, tal como grande parte dos edifícios ecléticos que substituíram o quarteirão do antigo Convento dos Remédios, subsistiram à passagem do tempo – pelo menos, as suas fachadas – e às consequentes transformações sociais e urbanas. O nosso levantamento das memórias e imaginários urbanos através de entrevistas e inquéritos permitiu-nos relacionar estes edifícios com algumas das representações da Avenida da Liberdade, nomeadamente do seu troço norte.<sup>8</sup> Algumas das respostas que obtivemos caracterizam este troço da Avenida como um lugar cultural e esteticamente agradável, que possui uma relação aprazível entre o espaço público e o edificado que o delimita, dos quais se sobressaem os edifícios desenhados por Moura Coutinho pelas suas características arquitetónicas. Afinal, os decorativismos ecléticos destas fachadas aliados à amplitude e desobstrução visual do espaço urbano permitem uma boa visualização destes edifícios, fazendo com que estes funcionem como um fundo cenográfico, um elemento urbano essencial na representação da Avenida como um lugar de referência identitária na cidade. Estas características espaciais acabam por influenciar a apropriação deste espaço urbano, que potenciam o desenvolvimento de práticas sociais e culturais, como a deambulação enquanto atividade de lazer e ócio. Tal como a própria Avenida, estes edifícios, pelas suas formas e relações urbanas, refletem um momento histórico de transformação da estrutura da vida urbana da cidade, um produto dos ideários republicanos do início do século XX. São representações físicas das práticas culturais e sociais fomentadas por uma elite republicana e liberal que precisava de mais e melhores programas arquitetónicos com características espaciais específicas que potenciasses as formas de interação social que esta pretendia, como o incremento de espaços de lazer e ócio ou de espaços públicos apelativos a passeios urbanos.

Por outro lado, outras respostas obtidas permitiram-nos relacionar a representação iconográfica da Avenida da Liberdade com outro espaço urbano de destaque, a Avenida Central.<sup>9</sup> O que nos leva a refletir sobre a relação que estas duas avenidas estabelecem entre si. Afinal, ambas refletem a utilização estratégica da tipologia de avenida como forma de regenerar, melhorar e expandir a estrutura urbana, praticada nos séculos XIX e XX. Além disso, as suas conotações simbólicas também se relacionam, tanto pelas suas escalas monumentais, bem como pela memória coletiva que adquiriram ao serem palco de momentos históricos coletivos. A relação urbana estratégica que estabelecem com o centro histórico e entre si, também influencia esta correspondência. Isto é, o léxico urbano do extremo norte da Avenida da Liberdade sempre foi muito influenciado pelo contexto do seu *ponto de partida*, como um prolongamento da Avenida Central. Um diálogo que se evidenciou com os projetos

8. Ver respostas aos questionários presentes nos anexos.

9. Ver respostas aos questionários presentes nos anexos.

Avenida da Liberdade



Fig.20 - Vista aérea da Avenida Central e da Avenida da Liberdade (zona pedonal)



Fig.21 - Avenida da Liberdade (zona pedonal, 2019)



Fig.22 - Avenida da Liberdade (zona pedonal)



urbanos realizados no final do século XX e no início do século XXI, quando retiraram o trânsito viário do centro histórico e tornaram-no maioritariamente pedonal. Numa primeira instância, construíram um túnel de ligação à Avenida da Liberdade e um parque de estacionamento subterrâneo que permitiu transformar a Avenida Central num espaço urbano quase totalmente pedonal. Mais tarde, já no século XXI, surgiu a ideia de prolongar a zona pedonal para a Avenida da Liberdade. O pressuposto inicial desta ideia era tornar a Avenida da Liberdade totalmente pedonal, no entanto, as condicionantes arqueológicas que estes solos contêm, tornou esta ideia inviável. Apenas a área compreendida entre a Avenida Central e a Rua do Raio foi convertida em zona completamente pedonal, o que implicou um prolongamento do túnel pré-existente. Este projeto veio incrementar a relação de continuidade de parte da Avenida da Liberdade com a Avenida Central, facto que se reflete na informação recolhida por nós através de entrevistas e inquéritos. Algumas das pessoas descrevem o troço norte da Avenida da Liberdade como parte da Avenida Central, como se a diferenciação formal não importasse, mas sim o modo como estas se movem no espaço público.<sup>10</sup> Se, por um lado, este projeto urbano veio aproximar parte da Avenida da Liberdade do centro histórico e a da sua representação iconográfica, por outro veio tornar ainda mais evidente as diferenças dos léxicos urbanos dos seus extremos, pois seccionou-a. Independentemente da variedade nos léxicos urbanos da Avenida da Liberdade, esta não deixa de representar a concretização do ideário de modernidade do início do século XX, permanecendo como um lugar de referência identitária nas memórias urbanas das várias gerações, apesar das transformações que sofreu.

10. Tendo por base as respostas aos questionários presentes nos anexos.



Fig. 23 - Visita de Salazar e Carmona a Braga nas celebrações do 10º Aniversário do 28 de maio (1936)



Fig. 24- Vista panorâmica de Braga desde o Monte Picoto (destaque da AL em construção)

## 1.2. A construção de uma nacionalidade urbana

A cidade de Braga aquando do regime republicano era compacta, uma cidade tradicional onde tudo era acessível de modo pedonal. Com a progressiva adoção das características da industrialização, a estrutura das cidades complexificou-se por influência dos progressivos movimentos de urbanização e de redefinição dos mecanismos de interação urbana. Este processo de assimilação das nuances das sociedades modernas aconteceu de modo um pouco particular no contexto nacional, quando comparado a outros países da Europa, devido às políticas de raiz fascista exercidas pelo Estado Novo, o governo que sucedeu o regime republicano em Portugal no início do século XX.

Para entendermos de que modo é que o processo de produção da Avenida da Liberdade foi afetado pelo Estado Novo, temos primeiro de compreender em que contexto é que este surgiu e depois, fazer uma leitura da influência do mesmo sob os paradigmas sociais, culturais e espaciais do nosso caso de estudo.

O Estado Novo surgiu como uma resposta ao contexto nacional de crise que se vivia no início do século XX. Os graves problemas económicos, sociais e políticos que o país enfrentava há décadas não foram resolvidos por nenhum dos sucessivos governos Monárquico, Republicano e da Ditadura Militar.<sup>11</sup> Foi neste clima de instabilidade que se desenvolveu o *Estado Novo* (1933-74) ou *Salazarismo*, um regime político autoritário, conservador, autocrático e corporativista (Guerra, 2018: 196). A criação da União Nacional e a aprovação da Constituição de 1933 permitiram a ascensão de António de Oliveira de Salazar como *Chefe da Nação*.<sup>12</sup> Os ideais de Salazar, inspirados

11. Antes da República Corporativista ou Estado Novo, houve um governo que não conseguiu responder à instabilidade social, económica e política do país vivida pela falta de uma estratégia política consensual que resolvesse os problemas económicos e financeiros. Este denomina-se Ditadura Militar (1926-33) iniciado pelo golpe de Estado a 28 de maio de 1926 que pôs fim ao governo republicano. O descontentamento provocado pelas medidas liberais contra a Igreja numa sociedade conservadora, a insatisfação militar associada à participação na 1ª Guerra Mundial aliadas à ânsia de regeneração nacional deram aso ao movimento liderado pelo General Gomes da Costa. É durante este período que se dá a ascensão política do então Ministro das Finanças, António de Oliveira Salazar.

12. A *União Nacional* (e a sua sucessora *Ação Nacional Popular*) foi uma organização política – ou partido político único – de representação parlamentar que, pelas suas características de centralização e de ligação ao executivo, permitiram assegurar a Salazar – e mais tarde a Marcello Caetano – a sua presidência vitalícia na Comissão Central. Isto é, esta organização criada ainda na Ditadura Nacional, permitiu a vigência do regime e um absoluto monopólio do poder político por parte do Salazar e dos seus apoiantes.



Fig. 25- Plano de urbanização da cidade de Braga por Étienne de Gröer (1945)

no corporativismo, na doutrina social da Igreja e nos preceitos nacionalistas fascistas, caracterizam a base da sua estratégia de *salvação da pátria* e do seu discurso populista.

Neste enredo de (re)organização política do regime, a arquitetura surge como um dos principais instrumentos de intervenção e recurso do simbolismo político, como uma forma de intervenção dos organismos de poder na formação da identidade coletiva e individual dos seus cidadãos. Assim, através da produção de certos programas arquitetónicos, o Estado Novo além de fabricar uma nova imagem identitária nacional sob os ideais do regime, liderou o processo de modernização do país, visando a resolução dos problemas nacionais e a preponderância do próprio regime (Bandeirinha, 1996: 21).

Numa primeira instância, a alteração de governo provocou alguma transformação no domínio das *Obras Públicas* em Braga. Houve um claro aumento do volume da documentação em comparação ao passado, assim como das obras de construção de raiz, além da introdução e aplicação de alguns conceitos de planeamento urbano. O foco das intervenções reorientou-se para o crescimento urbano, nomeadamente, para as áreas de maior expansão e circulação da cidade. Apesar da mudança política, alguns projetos urbanos do passado foram continuados, particularmente os referentes às infraestruturas viárias, dos quais se destaca a concretização da Avenida da Liberdade, que se passou a chamar *Avenida Marechal Gomes da Costa* (Bandeira, 2001: 210-211)

É interessante perceber que a ambição da concretização de um espaço urbano moderno e *digno* do título de capital do Minho manteve a sua conotação simbólica unânime apesar dos vários regimes que governaram o país durante o período da execução desta obra (Bandeira, 2001: 210). Para os republicanos, a concretização desta Avenida era vista como a representação urbana do processo de modernização da cidade, uma missão social e política que foi herdada do período republicano, ainda que com pressupostos distintos dado o cariz propagandista do Estado Novo.

*“(.. .) que o projecto de abertura da Avenida da Liberdade tenha continuado a estender-se para Sul, mais ao sabor da disponibilidade dos recursos e das conveniências orçamentais, do que propriamente pela falta de sintonia entre as diversas gerações de autarcas que consensualmente almejaram a sua conclusão. A abertura da Avenida da Liberdade, em Braga, foi lavra que uniu monárquicos, republicanos e líderes de Estado Novo.”*

(Bandeira, 2001: 210)

Por outro lado, a concretização de uma avenida radial desta envergadura foi bastante questionada no seu período inicial, inclusive pelo arquiteto Étienne de Gröer, que ao projetar o *Plano de Urbanização da cidade de Braga*, opinou que a dimensão e expectativa de crescimento da cidade não justificava uma avenida da conotação que *Comissão Municipal de Estética* pretendia.<sup>13</sup> No entanto, apesar deste parecer, a obra seguiu adiante, implicando “vários planos, sucessivas alterações, impasses e diversas gerações de técnicos e autarcas que com eles lidaram” e constituindo-se como a “maior e mais arrastada retificação viária de Braga”. Afinal, só na década de 1950 é que esta

13. Arquiteto que a convite de Duarte Pacheco realizou vários planos urbanos para várias cidades portuguesas nas décadas de 1930 e 40, nomeadamente o de Braga em 1942.

Avenida da Liberdade



Fig.26 e 27 - AL na década de 1950



Fig. 28 - AL na década de 1950

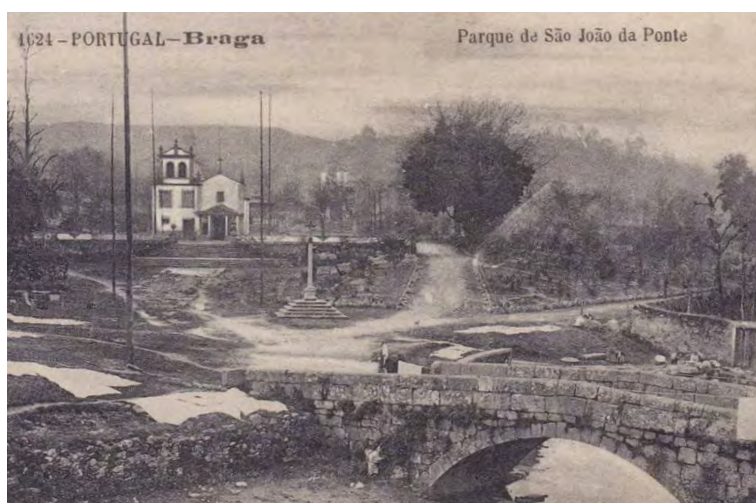
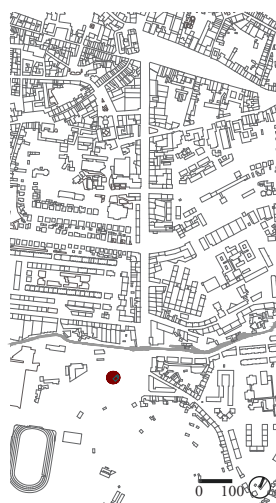


Fig. 29 - Postal da Ponte S.João sobre o rio Este e a Capela de S.João

chegou a São João da Ponte, mais de 4 décadas depois do seu arranque. (Bandeira, 2001: 217-223)

Esta Avenida foi alvo de sucessivos projetos de construção e reconstrução durante o período do Estado Novo, que incluíram trabalhos no âmbito da regularização, da repavimentação das faixas de rodagem e dos passeios, do saneamento, do abastecimento de água, da iluminação elétrica e alguns *arranjos* pontuais de ordem estética como ajardinamentos. As sucessivas alterações do desenho desta via pública foram desenvolvidas para dar resposta às necessidades que a cidade foi adquirindo, nomeadamente do ponto de vista das acessibilidades e da expansão urbana, articulando-se com os equipamentos que foram sendo edificados. Estas transformações aplicaram-se não só à Avenida, mas também aos espaços contíguos e a ela articulados. Assim, com a progressiva modernização da cidade e da alteração da afluência do tráfego automóvel, a Avenida assumiu-se como uma das principais vias de acesso à cidade e como um elemento urbano aglutinador que estruturou a progressiva expansão da malha urbana para Sul. Dentro destes projetos podemos realçar a zona em torno do Novo Liceu Feminino (1964), atual Escola Secundária D. Maria II, e a envolvente do Hospital de São Marcos (1960).

Dentro deste contexto de reurbanização, alguns equipamentos que foram surgindo em torno da Avenida foram promovidos pelo governo, e refletiram outras nuances da sua estratégia de intervenção, da *construção de uma nacionalidade através da forma urbana*. Alguns destes programas arquitetónicos aqui gerados, influenciaram as práticas da vida quotidiana, marcaram gerações e subsistiram até à atualidade.

Começemos por abordar o projeto do *Parque da Ponte* localizado a sul da Avenida, um dos poucos espaços verdes da cidade. Ainda que este Parque não pertença à Avenida, ao ser-lhe contíguo, influencia e é influenciado pela mesma. Por exemplo, em 1950, por consequência da construção e regularização do último tramo da Avenida da Liberdade, foi necessário alargar a *Nova Ponte* (1779) e, por tal, demolir a *Ponte Guimarães*. Esta intervenção urbana, ainda que tenha mantido as faces laterais da ponte reminiscente desenhadas pelo arquiteto Carlos Amarante (1748-1815), pôs fim à forte imagem centenária das duas pontes que atravessavam o rio e alterou a apropriação da marginal do rio pertencente ao parque (Ferreira, 2016: 24-27). Mas para compreendermos o processo de produção do Parque da Ponte, temos primeiro que abordar a origem do seu imaginário.

A ideia de reformular o núcleo arbóreo envolvente à capela quinhentista de São João, situado à saída da *Ponte* e da estrada de acesso a Guimarães, e transformá-lo num *jardim público ordenado e cuidado*, ganhou força no final do século XIX. Pretendia-se criar um espaço público de lazer, “alternativo ao distante Bom Jesus do Monte ou ao excessivamente seletivo Jardim Público” (Ferreira, 2016). A mudança de século e o desenvolvimento deste lugar enquanto espaço de lazer público levaram à criação de uma *comissão* que visava a melhoria e expansão deste *logradouro* público. Com a implantação da República, esta ideia de requalificar e expandir este espaço público permaneceu. O projeto pressupunha a expropriação dos terrenos da Quinta da Mitra pela Câmara Municipal e a sua anexação à área em torno da Capela de São João. (Bandeira, 2001: 620-622)

Este lugar, pela sua relação com o rio Este e com as suas pontes, concentrava



Fig. 30 - Largo e pontes de S. João (1916)



Fig. 31 - Lavadeiras do rio Este

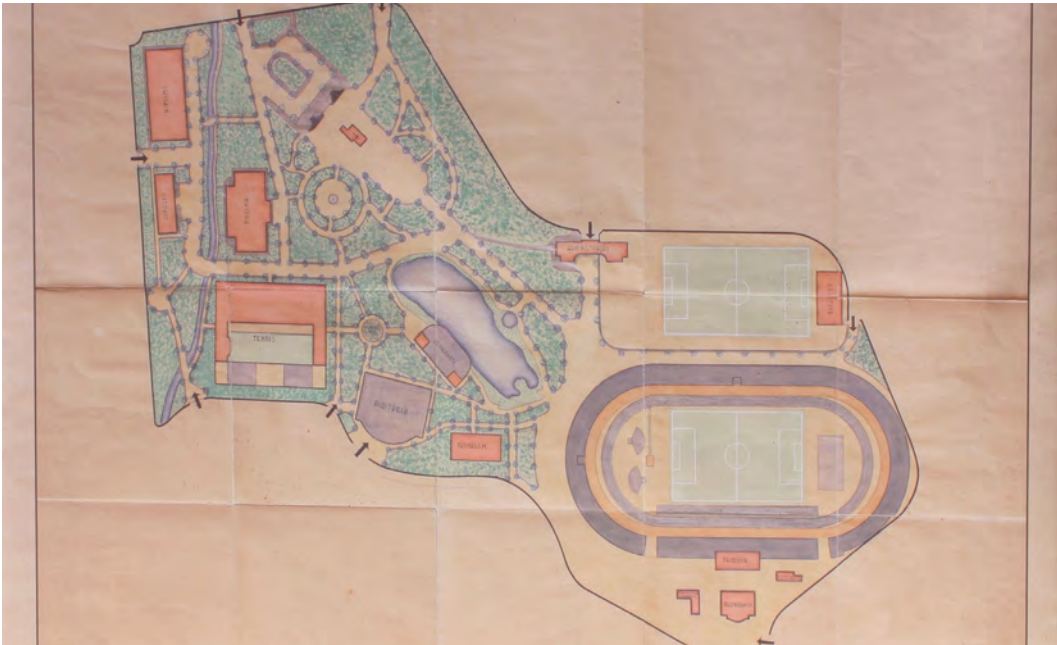


Fig. 32 - Planta do Parque da Ponte e do Estádio 1º maio



Fig. 33 - Videoteca Municipal (antiga estufa)



Fig. 34 - Piscina Municipal (após obras de requalificação)



parte das atividades agrícolas e da vida quotidiana de uma parte da população.<sup>14</sup> Por outro lado, devido à localização da Capela de São João, era também o local onde se centralizavam as festividades tradicionais religiosas em honra deste santo. A ocupação em torno do rio Este “é quase tão antiga como a própria cidade”, muito provavelmente consequente das atividades económicas desenvolvidas ligadas ao rio (Ferreira, 2016: 21).

A autarquia planeava para este espaço um projeto de grande porte, dada a vasta área que ele ocupava e as respetivas potencialidades, visando a representação dos seus ideais políticos, independentemente do papel que este espaço tinha para a vida quotidiana do resto da população e do desaparecimento de algumas das habitações próximas. (Bandeira, 2001: 621)

O projeto, que inicialmente, propunha um *horto municipal* (1917-2009), passou a englobar um campo de jogos, a construção de um grande lago, um campo equestre de obstáculos e até idealizou uma praça de touros. Inclusive, reutilizaram as grades que cercavam o antigo Passeio Público (1863-1914) na Avenida Central e utilizaram-nas no Parque, onde permanecem até à atualidade.

Em 1922, a construção do grande lago foi terminada, o hipódromo Amorim Lima foi inaugurado, e assim, uma fase do projeto do Parque da Ponte concretizou-se (Ferreira, 2016). Ainda no mesmo ano, criaram a *Empresa do Parque da Ponte* que, para além de um plano desportivo para este local, visava um plano económico pelos potenciais benefícios económicos e turísticos que um empreendimento deste tipo possuía. A administração do Parque ficou ao encargo desta empresa durante quase três décadas. (Bandeira, 2001: 621)

Entre complicações orçamentais e trocas de governo, o processo de construção do *Parque* só retomaria a partir da década de 1940. Aqui ocorreria uma mudança progressiva dos programas pretendidos. Construiu-se uma estufa municipal (1949/50), um edifício projetado pelo arquiteto Francisco Augusto Baptista, que em 2002, foi requalificado para Videoteca Municipal. A biblioteca Veiga de Macedo (1958), que após ter sido sede de uma associação, foi transformada em casa de banho pública. A CMB também promoveu a efémera *feira popular* (1962/63). (Bandeira, 2001: 622; Ferreira, 2016: 95-115)

Com a construção do estádio (1950) no lugar onde antigamente se localizava o hipódromo, surgiu a ideia de reformular o complexo do Parque, de modo a torná-lo um local de fomento à prática desportiva. Assim, junto ao estádio, construiu-se a primeira piscina pública da cidade - a Piscina Municipal (1962) – e uns anos mais tarde, edificou-se sobre o antigo ringue de hóquei um pavilhão polidesportivo, atualmente denominado Flávio Sá Leite (1973). (Ferreira, 2016: 95-115)

O Parque de Campismo, ainda hoje o único da cidade, apesar de projetado em 1965, foi apenas construído já após a queda do regime em 1977/78 (Bandeira, 2001: 622). Já na democracia, nos terrenos anexos ao Parque, foi construído o Pavilhão de Exposições em 1987.

Entre os vários equipamentos que nomeamos, há um que merece um especial destaque, por se tratar de uma das maiores obras públicas provenientes da política de

14. A população servia-se do rio Este para aceder à água para atividades do quotidiano, como lavar a roupa. Tal é possível verificar em fotografias de época.



Fig. 35 - Planta do Parque da Ponte e do Estádio



Fig.36- Entrada do Estádio



Fig.37 - Bancadas e tribuna



Fig.38 - Postal do Estádio

propaganda exaltadora do regime salazarista na cidade, o atual *Estádio 1º de Maio*. O crescimento da popularidade do futebol – um panorama vivido um pouco por todo o país – e o inerente desenvolvimento do Sporting Clube de Braga, aliados à necessidade de criar mais um marco urbano moderno e à carência de espaços desportivos na cidade, justificaram a necessidade de um recinto desportivo de referência. Surge então, a ideia do “*Estádio 28 de Maio - afim de ficar assinalado, no seu bêrço, o movimento que instituiu o actual sistema político da nação*” (Arquivo Municipal de Braga *apud* Bandeira, 2001: 457).<sup>15</sup> (Bandeira, 2001: 454-460)

O edifício, que por razões económicas e geográficas acabou por ser implantado na encosta do Monte Picoto, é um produto da cooperação do trabalho do engenheiro Travassos Valdez e do arquiteto João Simões<sup>16</sup>. Inspirado no Estádio Nacional de Oeiras, é constituído por bancadas ovais contínuas, paralelas à geometria do recinto, tendo como exceção o lado Norte onde surge a entrada para o Estádio com uma forma horizontal, pontuada por um elemento vertical de destaque, um monumental pilar onde se encontra a toponímia do equipamento acompanhado por elementos simbólicos iconográficos a bronze. Nesta zona frontal do edifício é também possível encontrar dois painéis de esculturas em bronze de teor propagandístico do regime, obra de Barata Feyo. Como elemento de quebra da simetria das bancadas, temos a tribuna localizada na bancada Poente. Este equipamento moderno de betão armado revestido a granito possui a capacidade de albergar 30 mil pessoas (Mendes, 1994). O edifício, devido à sua função tipológica, à sua monumentalidade – para a época – e materialidade imponente – pedra e betão-, e à sua linguagem moderna, tornou-se um dos principais edifícios representativos do regime fascista na cidade, independentemente das suas intervenções posteriores (Bandeira, 2001: 454-460).<sup>17</sup>

Algumas das memórias urbanas recolhidas na nossa pesquisa, associam a vivência da Avenida com o Parque da Ponte, em particular com o *Estádio 1º de Maio*<sup>18</sup>. Isto é, as pessoas percorriam recorrentemente a Avenida visando o Parque, para poderem assistir aos jogos de futebol do Sporting Clube de Braga. Quando os principais jogos do clube passaram a ser praticados na *Pedreira* - alcunha do novo estádio inaugurado em 2003 - esta prática quotidiana alterou-se, e por inerência, transformou a vivência da Avenida.

Atualmente, este espaço verde permanece como um lugar de referência identitária bracarense que se reinventa consoante as alterações da estrutura urbana da cidade. Tal é demonstrado pelas obras de requalificação recentes do Parque e pela transformação do antigo Parque de Exposições para *Altice Forum Braga* (2018), um investimento que além de ter alterado a linguagem espacial do edificado, aumentou a área e o programa do mesmo (Larguesa, 2018).

Se antigamente era junto ao rio Este onde as pessoas lavavam as suas roupas,

15. Denominação do estádio antes do 25 de abril de 1974. Este nome correspondia à data de revolução nacional de 1926, iniciada em Braga, que pôs fim à 1ª República. Este estádio municipal foi palco dos jogos da equipa principal do Sporting Clube de Braga (SCB), até à construção do atual Estádio, aquando do Campeonato Europeu de Futebol de 2004.

16. No Plano de Urbanização (1942) desenvolvido por De Gröer, propunha-se um estádio para um outro local, na Quinta de Prados.

17. Inaugurado a 28 de maio de 1950, contou com a presença de várias figuras políticas como Óscar Carmona e António de Oliveira Salazar.

18. Nome pelo qual passou a designar-se após o 25 de abril de 1974.



Fig. 39 - Vista aérea do Parque da Ponte e do Estádio

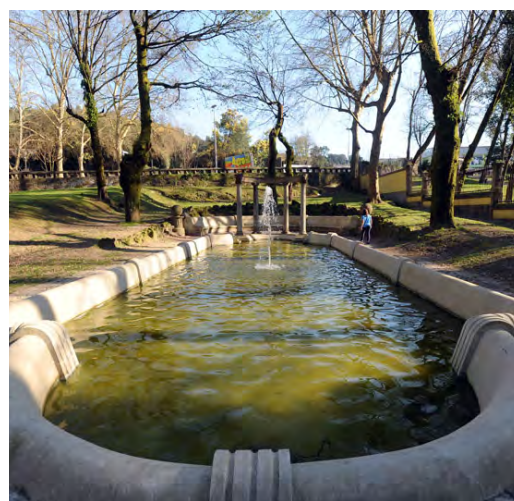


Fig. 40 e 41 - Parque da Ponte

vendiam os seus produtos em feiras, e cultuavam e festejavam o São João<sup>19</sup>; nos dias de hoje, ainda é possível encontrar feiras - ainda que não apresentem as mesmas características -, indivíduos a correr ou caminhar no recente percurso pedonal tangente ao rio Este e parte da Festa de São João, pois tanto a escala, como os propósitos destes festejos sofreram alterações. Em suma, apesar de alguns dos entrevistados considerarem como abandonado ou marginalizado, este espaço quotidiano não deixa de ser um lugar impactante na paisagem urbana e uma reminiscência espacial da política propagandística do regime que patrocinou a maioria do seu edificado.

19. Considera-se que as festas populares do São João de Braga como as mais antigas do país.

Avenida da Liberdade



Fig. 42- Avenida Central e Avenida da Liberdade (1950)

### 1.3. O diálogo entre o local e o moderno

Se a ideia da construção de um espaço urbano em Braga como a Avenida da Liberdade representa uma resposta inicial à procura pela modernidade urbana no início do século XX, outros edifícios que foram surgindo nas suas delimitações representam a evolução dessas mesmas respostas. Ou seja, à medida que este projeto urbano foi sendo construído, foram erguidos certos programas arquitetónicos que representam a assimilação local dos processos de modernização, um reflexo da progressiva mudança social.

Em Portugal, o processo de redefinição urbana consequente da modernização foi absorvido de modo particularmente lento quando comparado ao resto da Europa. Em grande medida este lento processo histórico deve-se ao controlo da ditadura sobre as formas de modernização. Os mecanismos político-culturais do Estado Novo assumiram distintas formas e linguagens ao longo da sua vigência. Uma dessas formas passou pela fabricação do *paraíso bucólico português*, uma imagem iconográfica apoiada na glorificação do mundo rural nacional, que contrapunha a heresia, a subversividade e a imoralidade das cidades ocidentais industrializadas (Bandeirinha, 1996: 30-31). Assim, o regime assumiu a missão de coordenar estrategicamente o processo de modernização nacional.

Apesar das sociedades urbanas industrializadas não se enquadrarem nesta imagem de *paraíso bucólico*, o governo não podia negligenciar os benefícios económicos que estas traziam. Principalmente no contexto após a Segunda Guerra Mundial e a inerente situação de crise nacional económica e social.<sup>20</sup> O contexto mundial pós-guerra também gerou um clima de reflexão entre o cânone moderno de rutura completa com o passado e os novos estudos em torno da identidade etnográfica e histórica de cada panorama particular, que se fez sentir um pouco por todo o mundo. Naturalmente, este debate entre “ser ou não ser moderno” de conjuntura política, económica e social, acabou por se refletir nas estruturas urbanas das cidades. A partir deste momento

20. Portugal ainda que não tenha participado diretamente nesta guerra, acabou por tirar proveito e beneficiar-se com os acordos que estabeleceu com ambas as frentes. Isto é, estabeleceu acordos políticos, diplomáticos e económicos de forma a beneficiar-se economicamente, sem sofrer as repercussões negativas da destruição bélica dentro do território nacional. Por outro lado, dentro do País assistia-se a uma onda de protestos, no Norte e Centro pelo campesinato pobre e operariado industrial e, a sul pelos assalariados rurais (Bandeirinha, 1996: 123-123).

Avenida da Liberdade



Fig. 43 - Avenida da Liberdade (envolvente do stand Ford)



Fig.44 - Stand da Ford (década de 1940)



Fig. 45 - Stand da Ford



histórico, a inserção de formas de modernidade nas cidades portuguesas ganhou um novo impulso. Isto é, a progressiva introdução de aspetos como inovações tecnológicas e programas arquitetónicos associados ao movimento moderno na estrutura urbana das cidades, incrementaram na década de 1940 e 1950.

Em Braga, antes do momento em que se deu a proliferação de programas arquitetónicos de génese moderna a nível nacional, a sua produção era feita de modo pontual (Oliveira, 2005: 87). Ou seja, a assimilação local da linguagem espacial moderna foi concretizada através de obras singulares que foram aparecendo um pouco por toda a cidade, como lojas comerciais e cafés. Certos programas produzidos neste gradual diálogo entre o local o moderno, permitem-nos refletir sobre a progressiva introdução do movimento moderno na cidade e a inerente transformação sociocultural.

Começamos por abordar o equipamento que foi um “elemento relevante para a compreensão da transformação do desenho urbano no extremo meridional da rua da *Ponte*, poucos anos antes de esta ser absorvida pela chegada da AMGC ao rio *Este*”,<sup>21</sup> a antiga estação de serviço automóvel *Ford*. Tal impacto deve-se ao facto da construção deste edifício ter implicado a desafetação de um espaço urbano público, o antigo Largo das Latinhas. (Bandeira, 2001: 487-488)

O projeto patrocinado pela empresa bracarense *Ranhada & Teixeira Lda* propôs a construção de uma nova garagem para a cidade junto à nova avenida nos terrenos do largo que era “uma espécie de logradouro público, visto os canteiros existentes nunca serem tratados” (AMB-OU *apud* Bandeira, 2001: 487). A falta de tratamento deste espaço urbano consequente dos problemas financeiros do município da época, aliado ao argumento de que este equipamento era do interesse da cidade, pois iria contribuir para “embelezamento de uma entrada da mesma”, convenceram a Câmara Municipal a vender os terrenos públicos solicitados. (Bandeira, 2001: 487-488)

O stand automóvel da *Ford* inaugurado em 1949 é um edifício que exemplifica uma faceta de génese modernista vivida durante o salazarismo. Os produtos comercializados eram automóveis, um dos símbolos da produção em massa, do capitalismo e das cidades industrializadas. A sua forma é de matriz moderna, ainda que austera pela materialidade da pedra. No entanto, possui elementos decorativos que estimulam o regionalismo, como é o caso do painel de azulejos onde estão ilustradas as cidades do distrito junto à porta principal, e da sua escala proporcional em relação ao contexto da época. Ou seja, existe uma linguagem espacial que sugere um diálogo entre o moderno e o local neste edifício.

Apesar da ocupação deste edifício ter sofrido alterações ao longo do tempo, ele permanece até aos dias de hoje, mesmo que descaracterizado. A completa transformação do contexto onde o edifício está inserido por consequência da urbanização extensiva e desenfreada vivida a partir da década de 1970, aliada às alterações internas e ao envelhecer da própria construção, contribuíram para um completo contraste na perceção e imagem deste espaço. Se antigamente, este sobressaia pela sua modernidade em comparação com o edificado que caracterizava aquela zona da Avenida, atualmente, ele destoa tanto na escala, bem como na própria linguagem do edifício. Esta diferença de perceção é comprovada quando comparamos o seu estado atual com os registos fotográficos históricos.

21. (Bandeira, 2001: 487)

Avenida da Liberdade



Loja *Cheio-Cheio* (antigo stand da Ford, 2019)



Fig. 48- Exposição do Estado Novo (região Norte)



Fig. 49 - Exposição (painel da política do espírito)



Fig. 50 - Exposição (painel regional)

Este equipamento pelo seu programa original representa a inserção de novos valores da sociedade na cidade consequentes do desenvolvimento tecnológico, ou seja, da introdução dos transportes viários na vida quotidiana na cidade. Estas primeiras garagens refletem a introdução progressiva de um dos principais elementos das cidades atuais que redefiniram completamente a estrutura da sociedade e da organização do território. Por outro lado, o desenho deste edifício demonstra a progressiva introdução das linguagens espaciais modernas em Braga, contribuindo assim para a significação da Avenida da Liberdade enquanto lugar associado ao processo de modernização.

Concomitantemente a estes processos de modernização nacionais, estava a questão do fomento do regionalismo como uma questão pedagógica organizativa e imperativa do regime do Estado Novo inerente à sua estratégia de atuação cultural e propagandística. Tal como abordado anteriormente, o Estado Novo desenvolveu uma poderosa máquina de propaganda político cultural, a *Política do Espírito*.<sup>22</sup> A trilogia “Deus, Pátria e Família”, aliada aos “valores primordiais da terra e tradição portuguesas”, condensaram o “espírito do país” (Lobo, 2012: 374). O discurso político foi criado em torno da exaltação da condição humilde, orgulhosa e trabalhadora do povo português, da focalização de valores como a religião, o nacionalismo e o patriarcado. Fomentou-se uma imagem idílica do ruralismo e da história nacional, além do estímulo do regionalismo. Servindo-se de leituras etnográficas da cultura tradicional e popular, o governo fomentou uma imagem sistematizada do país e enalteceu as suas respetivas tradições. (Damasceno, 2010)

O discurso regionalista além de servir um propósito político, cultural e social de manipulação da consciência política da população e da preponderância dos ideais do regime, teve um propósito económico. Isto é exemplificado pela criação regional de federações, celeiros, adegas entre outros, que compõem o sistema corporativista adotado e pela criação de estratégias de captação de capital estrangeiro. Ou seja, a sistematização do “mundo português” também serviu de base para a propaganda do país num panorama internacional (Damasceno, 2010). Como uma espécie *city branding* primitivo utilizado para a potencialização do turismo. Esta estratégia de captação de capitais teve como base os “Grandes Valores Turísticos Nacionais”. A construção da política oficial de turismo, fundamentou-se na promoção dos registos “pitoresco”, “monumental”, “folclore” e “património” (Lobo, 2012: 374).

Em termos de políticas ligadas a este sector, podemos demarcar dois momentos chave que contribuíram para a consolidação do turismo de massas no decorrer do regime: a década de 1930 e a década de 1960. O primeiro momento foi associado à valorização da atividade enquanto indústria interna, e o segundo à sua exploração como indústria de exportação. O desenvolvimento deste sector estratégico da economia interna também teve repercussões diretas na reestruturação do território e no desenvolvimento dos meios de transporte. Ou seja, o investimento das infraestruturas, a democratização dos meios de transporte e o incentivo ao espaço e tempo de lazer – nas classes sociais mais abastadas - potenciaram o desenvolvimento de novos equipamentos como hotéis, pousadas e casas de férias, um pouco por todo o país. (Lobo, 2012: 22).

No caso da Avenida da Liberdade, nos dias de hoje, existem vários equipamentos

22. Termo utilizado por António Ferro – presidente do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), que após o fim da 2ª Guerra Mundial, passou a designar-se Secretariado Nacional de Informação (SNI) - para designar a estratégia de atuação cultural e propagandística do Estado Novo. (Lobo, 2012: 373)

Avenida da Liberdade



Fig.51 - Posto de Turismo na AL



Fig. 52- Hotel Turismo na AL



Fig. 53 - Mercure Hotel Braga (antigo Hotel Turismo, 2019)

ligados ao sector turístico, sendo que alguns deles advêm da época do regime Salazarista, nomeadamente: *o posto de Turismo*, o antigo *Hotel Turismo* - atual Hotel Mercure Braga Centro - e o *Hotel João XXI*.

O primeiro exemplo, refere-se ao posto de turismo municipal construído em 1937 num dos pontos de ligação entre a Avenida Central e a então Avenida Marechal Gomes da Costa. O projeto associado ao arquiteto autodidata João de Moura Coutinho, foi um dos que introduziu a linguagem espacial moderna na cidade e surge no âmbito da primeira etapa da estratégia política ligada ao sector, à valorização do turismo enquanto indústria interna vivida na década de 1930. Apesar das alterações e requalificações que o edifício sofreu ao longo do tempo, a imagem da sua fachada ainda hoje se mantém preservada, sendo um ícone da cidade, principalmente pela sua localização. Mesmo após as transformações sociais, políticas e espaciais que a cidade sofreu desde a construção deste edifício, este permanece com a sua função inicial, o de posto turístico de Braga.

Já o antigo Hotel Turismo e o Hotel João XXI (1967) localizados na praça que compõe a intersecção da Avenida com a Rodovia, remetem à segunda etapa de promoção turística vivida na década de 1960. As linguagens construtivas e formais destas edificações representam uma outra abordagem ao movimento moderno, uma transformação da assimilação local ao moderno. Ao longo do tempo, as caracterizações interiores dos hotéis em questão foram alvo de alterações. A composição espacial das suas fachadas, no entanto, remete às suas origens. A altimetria destes equipamentos demarca o início de outra fase do processo de produção da Avenida, que introduz uma alteração da altimetria e volumetria de parte do edificado que a delimita. Por outro lado, podemos afirmar que pelo menos o Hotel Turismo e a praça onde está localizado surgem no âmbito do *Plano Parcial de Expansão Sul*. A necessidade de salientar espacialmente o cruzamento da Rodovia com a Avenida, considerada na época como a principal artéria da cidade, levou ao desenvolvimento de soluções arquitetónicas que transmitissem monumentalidade e impacto visual. (Bandeira, 2001: 224)

É também relevante referir que para o desenvolvimento deste setor, o desenvolvimento das infraestruturas nacionais foi essencial. Neste contexto, a ascensão do Ministro José Ferreira Dias ao poder foi fundamental pelas mudanças trazidas ao panorama político e económico nacional (Bandeirinha, 1996: 121-122). Ocorreu um investimento nas políticas de industrialização e houve a ascensão dos engenheiros no panorama nacional face à carência de infraestruturas nacionais. As obras de carácter técnico, social e turístico aumentaram, além da abertura ao investimento privado devido à carência de fundos públicos. As ressonâncias destas alterações vieram reafirmar a necessidade de reestruturação e crescimento das cidades portuguesas, e assim, criar oportunidade para a concretização dos planos de expansão urbana que já estavam a ser estudados há décadas.



Fig. 54 - Bairro das Casas Económicas de Braga (1939)



Fig. 55 - Bairro das Casas Económicas de Braga (1939)

#### 1.4. A questão da habitação

Ao longo do Estado Novo, foram implementados distintos modelos institucionais e legislativos com o intuito de proliferar e conservar os princípios político-morais que o regime vigente pretendia. Apesar da pluralidade das áreas de atuação que compuseram o aparelho estatal fascista, a habitação e os programas estatais gerados em torno desta problemática constituem-se como um dos principais domínios de ação do Estado ao longo da sua vigência. As políticas públicas de habitação levadas a cabo, além de interferirem na estrutura social, estão interligadas com os processos de transformação das cidades e das vilas portuguesas, por consequência da implementação sucessiva de modelos urbanos, arquitetónicos, culturais e sociais. Ainda que a introdução da temática das políticas públicas de habitação tenha sido introduzida no período republicano, foi durante a ditadura militar (1926-1933) que foram levadas a cabo medidas legislativas e programáticas que serviram de base para as estratégias desenvolvidas pelo Estado Novo. Assim, como parte do pacote legislativo implementado a par da Constituição de 1933 – que consagra o regime salazarista –, temos a primeira iniciativa de construção habitacional que abrangeu todo o território nacional: o *Programa das Casas Económicas*. (Agarez, 2018: 16-21)

Podemos considerar que ao longo das suas décadas de vigência este programa foi-se modificando consoante as alterações das respostas ao *problema da habitação*. No seu esquema inicial, este programa tirou partido do modelo de projeto-tipo de habitação que correspondia ao preceito da *casa portuguesa*. Estas habitações unifamiliares de um ou dois pisos que, pela sua repetição modular, compunham bairros localizados nas periferias das cidades. O seu desenho demonstra simultaneamente uma modernidade projetual devido à simplificação do programa, em aspetos como menos espaços de circulação e um conservadorismo social. Este programa negligenciava a população mais carenciada e privilegiava os grupos sociais que eram a base do regime. Afinal, era apenas acessível a famílias que correspondessem a determinados pré-requisitos económico-sociais que beneficiassem a consolidação do sistema corporativo e paternalista do regime. (Pereira et al., 2018)

Segundo Agarez (2018: 21), o desenvolvimento de políticas públicas de habitação pressupunha uma estratégia económico e social, “nomeadamente a manutenção de um campo político de feição ao regime através da distribuição de casas a grupos socioprofissionais importantes para a sua implantação e consolidação”. Em

Avenida da Liberdade



Fig. 56 e 57 - Casas Económicas de Braga



Fig. 58 - Casas de Renda Económica (1º fase) na AL



Fig. 59 - Casas de Renda Económica na AL (década de 1960)



Braga, o primeiro bairro que surgiu no âmbito deste programa foi o antigo *Bairro das Casas Económicas Duarte Pacheco* (1935- 1939), desenhado pelo arquiteto Joaquim Madureira e localizado nos terrenos adjacentes ao Monte Picoto (Bandeira, 2001: 513-516).

As casas económicas iam ao encontro da *sociedade dos pequenos proprietários*, porque era um programa vocacionado para a aquisição da propriedade privada. No entanto, no período após a 2ª Guerra Mundial e a inerente migração para as cidades, houve uma necessidade de rever os programas e de alargar os leques de resposta às diferentes classes, incluindo a possibilidade de arrendamento e aumentando o leque dos seus promotores.<sup>23</sup> Apesar da relutância do regime, a questão do arrendamento e da edificação em agrupamentos ou blocos foram incluídas nas políticas públicas de habitação, afinal, estas questões contrariavam os valores político-morais que o Estado fomentava. O arrendamento ia contra o princípio de estabilidade e a inerente valorização da família moral e economicamente estável. Já os modelos de habitação coletiva eram criticados por irem contra a cultura do individualismo propagada, por serem produto de influências internacionais e favorecerem o coletivo. Contudo, face à emergência dos problemas sociais do pós-guerra, surgem novos modelos de habitação em 1945, sendo um dos quais, as *Casas de Renda Económica* vocacionadas para a classe média emergente<sup>24</sup>. (Tavares & Duarte, 2018: 197-199)

Para o desenvolvimento deste programa habitacional em específico, a criação da *Federação de Caixas de Previdência - Habitações Económicas* (FCP-HE), foi fundamental, visto que esta federação de serviços, ao gerir e financiar a construção das habitações pretendidas, credibilizou na prática este projeto.

Um dos primeiros conjuntos habitacionais construídos no âmbito das FCP-HE e do financiamento do capital das instituições de previdência,<sup>25</sup> surge precisamente na Avenida Marechal Gomes da Costa em 1950: o projeto das *Casas de Renda Económica (1ª fase)*. Este projeto é da autoria do engenheiro dos serviços técnicos das HE, Gastão Ricou e, do então recém-formado arquiteto Nuno Teotónio Pereira.<sup>26</sup>

Apesar dos diversos estudos de implantação anteriormente realizados, os terrenos escolhidos pela CMB foram justamente os que fazem o cruzamento entre a Avenida Marechal Gomes da Costa e a Avenida Imaculada Conceição. Esta escolha advém da necessidade de beneficiar estéticamente, social e economicamente a Avenida Marechal Gomes da Costa, cuja longa construção e retificação estava a chegar ao fim na época. As casas de

23. Segundo a Lei n.º 2007 aprovada a 7 de maio de 1945, para o caso do Programa das Casas de Renda Económica: sociedades cooperativas ou anónimas específicas para o programa, por organismos corporativos ou de coordenação económica, empresas indústrias ou concessionárias de serviços públicos instituições de previdência social ou outras entidades idóneas de direito privado.

24. As *Casas para Alojamento de Famílias Pobres* é um outro exemplo dos programas que surgiram neste contexto. Estas casas produto de uma política social de habitação foram desenvolvidas tanto em aldeias como em vilas e cidades por todo o território (Agarez, 2018: 24-25). Em Braga, temos como exemplo o *Bairro de Casas para Famílias Pobres em Braga*, ou comumente conhecido como *Bairro da Misericórdia*, resultando de uma parceira público-privada (Bandeira, 2001: 518- 521).

25. Totalidade de caixas sindicais de previdência ou reforma dependentes do Ministério das Corporações e Previdência Social.

26. Este arquiteto assumiu-se como uma figura central do desenvolvimento deste programa pelos modelos e diretrizes experimentais que induziu enquanto foi técnico responsável. (Tavares & Duarte, 2018: 223)

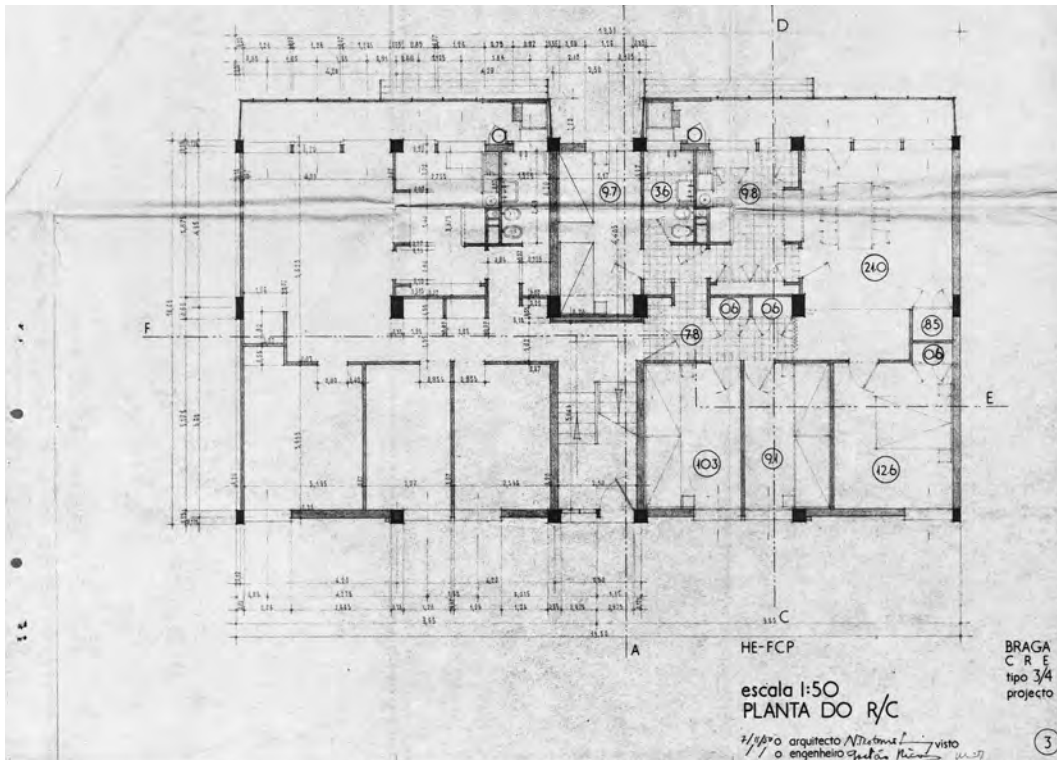


Fig.60 - Planta da habitação do tipo 3/4

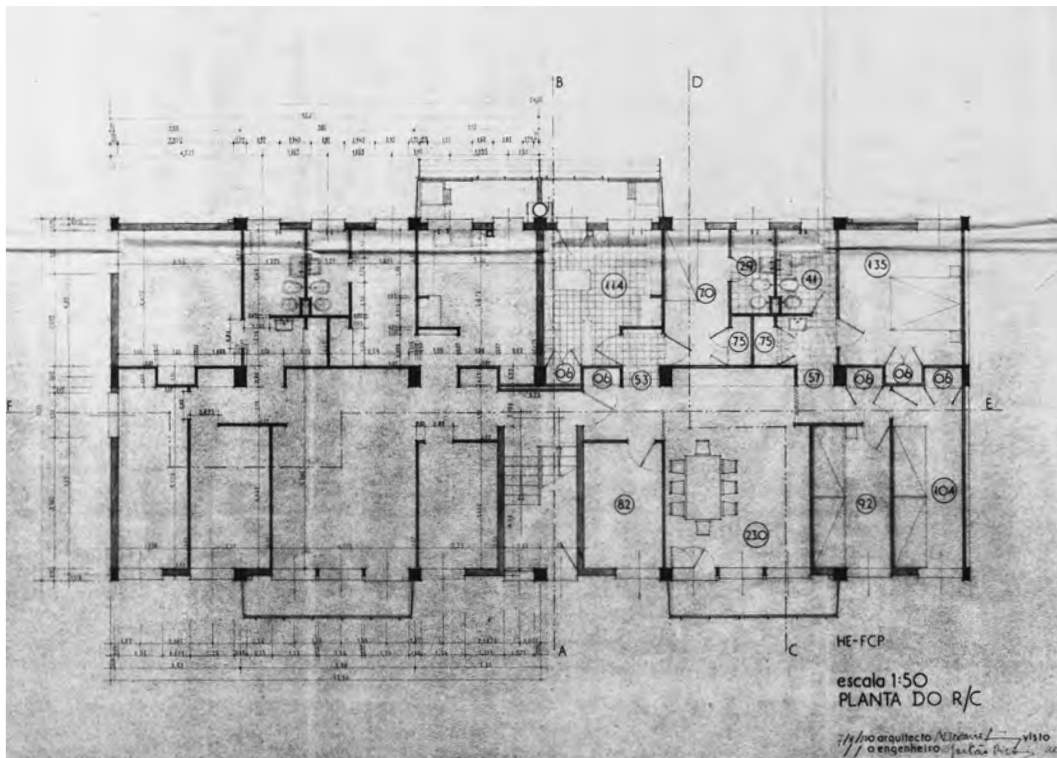


Fig.61 - Planta da habitação do tipo 7

renda económica por serem consideradas “massas edificadas *bem orientadas*”, tanto do ponto de vista estético como social, iam ao encontro das pretensões estéticas e políticas dos promotores da Avenida. (Bandeira, 2001: 523)

Este programa, ao ser socialmente seletivo, por ser vocacionado para a classe média que se encontrava em desenvolvimento, contribuiu para os processos de territorialização social da Avenida. Ou seja, os parâmetros de acesso a este programa tornavam-no apenas acessível a determinados *tipos* de famílias da classe média e média-baixa, que ao ocuparem os blocos de habitação da Avenida, contribuíram para a sua construção social.

*“Era, pois, «uma classe intermédia que [reunia] o maior número de membros – o funcionário, o professor, o empregado em atividades particulares e o homem em profissões liberais – na comunidade social, desempenhando assim uma função de equilíbrio, base da tranquilidade nacional» (Diário das Sessões, n.º136, 1945, p.297).*

*E era, ao certo, essa tranquilidade que se desejava, promovendo o bem-estar social e também político, tanto através da casa como através da nova classe média que se encontra em construção. “*

(Tavares & Duarte, 2018: 203)

Estes agregados familiares e as suas inerentes necessidades serviram de base para a formulação de determinados *tipos* de habitação que compunham os blocos de habitação. No caso destas casas de renda económica, estes *tipos* serviram como ponto de partida para a elaboração das células-base que, ao serem repetidas e combinadas de modo particular consoante as características do seu local de implantação, caracterizavam o modelo de projeto *elemento funcional-tipo* defendido por Nuno Teotónio Pereira.<sup>27</sup> (Tavares & Duarte, 2018: 221-224)

Deste modo, o conjunto composto por cinco blocos em banda que delimitam parte da Avenida Marechal Gomes da Costa e três blocos de menor dimensão, mas paralelos entre si e perpendiculares à Avenida Imaculada Conceição, são caracterizados pela repetição e conjugação de habitações do tipo 3, 4, 7 e 8 (Bandeira, 2001: 523). É também relevante informar que estes prédios possuem logradouros com espaço ajardinado e de estacionamento, um dos princípios orientadores pré-definidos pela lei de 1945 (Tavares & Duarte, 2018: 203).

A relativa independência que este organismo tinha do governo, ao permitir uma grande autonomia que aliada aos princípios defendidos por Nuno Teotónio Pereira, tornaram este programa e o seu objeto de estudo num importante laboratório de experiências (Tavares & Duarte, 2018: 223). Apesar deste conjunto específico se remeter ao início desta vaga experimental, e por tal a sua solução construtiva poder ser considerada como “tímida e incompleta”<sup>28</sup>, não deixa de apresentar características

27. Este modelo difere do *projeto-tipo* defendido por Miguel Jacobetty, que caracterizou outra das diretrizes do Programa das Casas de Renda Económica. (Tavares & Duarte, 2018: 221-224)

28. Os próprios autores assim a descreveram, por consequência das condicionantes geradas pelo “atraso [nacional] da indústria da construção civil, à falta de experiência na construção deste género de casas e, finalmente, aos limites das leis e regulamentos [então] em vigor.” (vid memória descritiva, in cx.42 b) AMB-OU *apud* Bandeira, 2001: 524)

Avenida da Liberdade



Fig.62 e 63 - Casas de Renda Económica (2019)



Fig.64 - Casas de Renda Económica (2ª fase)

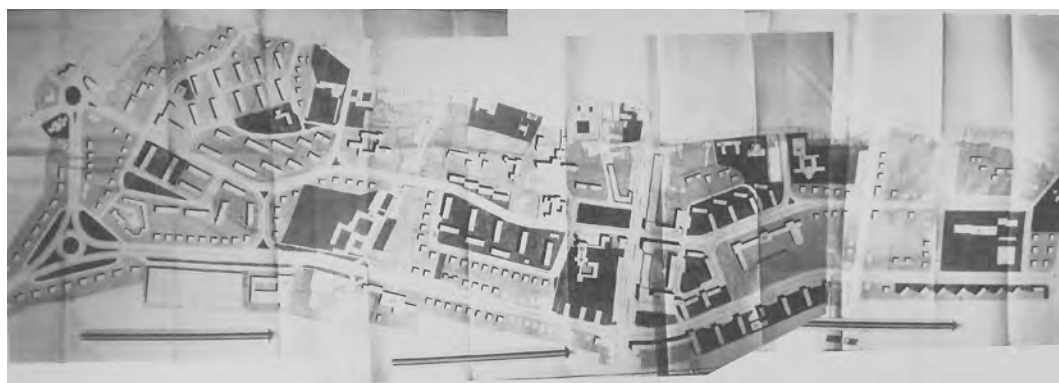


Fig. 65 - Plano Parcial de Urbanização Sul de Braga (1958)

inovadoras pela atenção dada às condições de habitabilidade, conforto e funcionalidade. Este projeto segue uma lógica de racionalização e otimização do espaço, aplicada aos princípios de organização dos espaços e à sua inerente funcionalidade e à respetiva economia de construção. (Bandeira, 2001: 522- 525)

Refletindo um quadro moderno de habitação, as respetivas tipologias estruturaram-se em torno dos seus espaços de circulação. Quando observamos os desenhos deste projeto, reparamos que o que estrutura a relação entre as distintas habitações são os acessos verticais contíguos e, o que estrutura o espaço interior das habitações são os corredores de distribuição horizontais. Outros aspetos como as cozinhas otimizadas, o mobiliário fixo, a iluminação direta dos compartimentos, varandas de recreio e de serviço e a centralidade dada à sala comum, também refletem a modernização dos espaços privados. A funcionalidade e racionalização também foi aplicada a outros aspetos como o sistema de drenagem dos resíduos para um depósito comum por bloco e os sistemas elétrico e de abastecimento de águas. O desenho deste edificado também tem em consideração aspetos como a privacidade, pela banda verde que recua as fachadas em relação à AL no intuito de preservar a intimidade das famílias e, contempla de espaços de arrumação independentes nas caves, que mais tarde foram reconvertidas em garagens automóveis. (Direção Geral do Património Cultural, 2008; Bandeira, 2001: 522- 525)

Por outro lado, os conjuntos habitacionais promovidos por este programa também foram utilizados como instrumento estatal no campo do urbanismo, isto é, para incitar à expansão da malha urbana das cidades. Neste aspeto, o conjunto construído em 1959, referente à 2ª fase das Casas de Renda Económica em Braga, também se pode considerar bastante relevante. Este projeto do arquiteto Dario da Silva Vieira é caracterizado por oito blocos de habitação coletiva, dos quais sete encontram-se numa disposição diagonal em relação à via pública, o que introduz na cidade uma nova forma de disposição de edificado (Bandeira, 2001: 525-526). Por outro lado, estas FCP-HE ao serem propostas para os terrenos a sul da rodovia, acabam por ir ao encontro de um programa mais amplo de intervenção: *Plano Parcial de Urbanização Sul de Braga (PPUS)* de 1958. Este plano desenvolvido pelo engenheiro Miguel Rezende, ainda que não tenha sido plenamente concretizado, representa um momento de transformação da lógica de crescimento e de circulação da cidade e, a implementação de um outro tipo de estratégia urbana desenvolvida durante o período do Estado Novo.

O plano pressupunha o alargamento do perímetro urbano da cidade ao estruturar o seu crescimento para sul, para os terrenos - na sua maioria, agrícolas - em torno do primeiro troço da futura via circular da cidade, a *Rodovia*. O PPUS abrangeu a área compreendida entre a atual rua Bernardo Sequeira e a atual Avenida Conde Dom Henrique, privilegiando o setor a norte da rodovia, incluído a zona em torno do Liceu Feminino e a zona a sul do Hospital. Este projeto também representa um momento onde a velocidade dos processos de urbanização na cidade aumentou. Esta estrutura espacial, por impelir uma maior individualização, racionalização e diferenciação social, despoletou novas formas de identidade individual e coletiva.

Numa primeira instância, podemos encontrar neste plano ressonâncias de planos urbanos anteriores que não foram plenamente concretizados, mais precisamente do *Plano Geral de Urbanização* de 1934 e o *Plano de Alargamento, Extensão e Embelezamento da cidade* de 1942 do De Gröer. Destacamos a influência do De Gröer, na medida em

Avenida da Liberdade



Fig. 66 e 67 - Rodovia e expansão urbana por influência do PPUS



Fig. 68 - Vista para a zona de expansão sul da cidade



Fig. 69 - Postal da Rodovia da década de 1950

que este suscitou a reflexão do conceito de cidade, do seu modelo de expansão e de planeamento, e na conceção de património e centro histórico. A ideia de uma via circular à cidade, que permitisse simultaneamente a preservação do centro histórico ao separá-lo do fluxo de atravessamento automóvel e servisse como um limite de contenção ao desenvolvimento extensivo da malha urbana para que esta não perdesse a sua coesão, advém dos princípios deste urbanista. Por outro lado, este plano urbano também sofre influências da *Carta de Atenas*. Tal, em aspetos como a prioridade dada à questão da habitação e a inerente necessidade de edificação, o destaque dado às vias de circulação automóvel que se assumem como elemento estruturador do tecido urbano e por ter em consideração “os grandes espaços abertos e os pressupostos morfo-funcionais do espaço urbano”. (Bandeira, 2001/2002: 85-88)

Assim, o PPUS propõe o desenho dos loteamentos e dos respetivos arruamentos destinados à urbanização, estabelece diretivas para o edificado a construir, além da construção das infraestruturas e da inclusão de equipamentos coletivos como a Escola Industrial.<sup>29</sup> Dada a complexidade e magnitude deste plano, a autarquia desenvolveu os processos de urbanização de modo faseado, começando de leste para oeste, a partir da antiga rua Engenheiro Arantes e Oliveira, atual rua 25 de abril. Outra especificidade que interveio no processo de concretização deste plano foi o recurso ao investimento privado. A carência infraestrutural e habitacional da cidade aliada à falta de recursos financeiros públicos, levaram a uma alteração na estratégia nos empreendimentos urbanos: a criação de contratos-tipo com particulares. Esta tática praticada em várias cidades do país permitiu a adjudicação do processo e dos trabalhos de urbanização a empresas privadas. (Bandeira, 2001: 565-575)

As diretivas deste plano urbano privilegiavam a construção de edificado habitacional, além de incluírem uma grande variedade morfológica que variava desde tipologias de habitação unifamiliares isoladas a prédios de habitação coletiva. Inclusive, as posteriores alterações do plano, retiraram do mesmo a construção de alguns equipamentos coletivos previstos, em prol de aumentar as áreas direcionadas para a densificação e quantidade de edificado habitacional. É também relevante referir que os blocos de edifícios de maior volumetria e densidade previstos eram precisamente os que faziam o cruzamento com a Avenida Marechal Gomes da Costa. A conjuntura destas habitações também contribuiu para a construção social da cidade e da Avenida Marechal Gomes da Costa, visto que era direcionada às classes médias e altas de rendimentos. (Bandeira, 2001: 565-575)

Por outro lado, também é importante abordar o impacto da concretização da *rodovia* para a estrutura urbana bracarense. Esta via circular à cidade, cuja concretização iniciou-se no âmbito deste plano, veio alterar a lógica de crescimento e de circulação do traçado urbano bracarense por assumir o automóvel como elemento estruturante na vida quotidiana urbana e por alterar os fluxos de atravessamento e de crescimento da cidade. Até então, os acessos à cidade compacta eram feitos através das vias radiais que ligavam o centro às periferias. Com esta via, estes contornos foram alterados. Assim, o PPUS ao construir o primeiro troço da *rodovia* e ao concretizar a expansão da malha urbana em torno da Avenida Marechal Gomes da Costa, veio evidenciar o papel estruturante que esta desempenha na vida quotidiana bracarense.

Deste modo, tanto o Plano Parcial de Urbanização Sul como os programas de

29. Atual Escola Secundária Carlos Amarante.



Fig. 70 - Cruzamento da Rodovia com a AL (2019)



Casas de Renda Económica, além de representarem modelos de intervenção social e urbana levados a cabo no período salazarista, refletem a transformação das práticas no âmbito da disciplina de arquitetura no panorama nacional.

As casas de renda económica representam a admissão da linguagem moderna na estrutura identitária e espacial da cidade, assim como a profunda transformação das práticas de projeto, consequente da contínua experimentação morfológica e tipológica desenvolvida pelo programa das HE- FCP. Ou seja, as casas de renda económica foram importantes para o próprio desenvolvimento disciplinar da arquitetura, por representarem uma “assinalável conquista pela liberdade e expressão dos arquitetos” (Tavares & Duarte, 2018: 223). Por outro lado, a revisão metodológica e conceptual disciplinar, alterou a perceção da relação que esta estabelece com o processo de produção das paisagens portuguesas e com a estrutura da vida quotidiana urbana. O exercício de projetar passou a ser um exercício de “organização do espaço”, onde a cidade é vista como um todo e não como a soma das distintas partes. A apologia do funcionalismo do modernismo passou a ser aplicada, não só à escala microbiana do edifício, como também à escala urbana, o que nos leva ao PPUS e ao inerente edificado construído. Assim, a progressiva e estratégica introdução das nuances da modernização e dos respetivos modelos, não só vieram alterar a forma como se conceptualizava e habitava o espaço privado, como também a do espaço público.

Estes projetos urbanos de escalas distintas associados à questão da habitação e aos processos de urbanização da cidade de Braga, remetem-nos para uma fase da sua reestruturação identitária e espacial. Isto é visível quando percorremos a Avenida da Liberdade e as suas ruas adjacentes e nos deparamos com o edificado reminescente desta época.



Fig. 71 - Celebrações do 10º aniversário do 28 de maio de 1926 (Avenida Central)



Fig. 72 - Capa de Jornal (inauguração do Estádio em Braga)



Fig. 73 - Parada Militar das celebrações do 28 de maio no Campo da Vinha (1966)



Fig. 74 - Parada Militar na Avenida da Liberdade

### 1.5. A queda do regime

*“Para entender as cidades, temos de perceber os processos através dos quais as formas espaciais são criadas e transformadas. A disposição e as características arquitectónicas das cidades e dos arredores são a expressão de lutas e conflitos entre diferentes grupos da sociedade. Por outras palavras, os ambientes urbanos são manifestações simbólicas e espaciais de forças sociais mais vastas.”*

(Tonkiss *apud* Giddens, 2013: 230)

A Avenida da Liberdade reflete parte do modo como se estruturam as práticas, mentalidades e relações sociais da sociedade que a produz. É uma realidade que se viu reescrita à medida que foi criando novas linguagens e expressões culturais. Ao longo do período do Estado Novo, a progressiva alteração das práticas quotidianas e das apropriações dos espaços urbanos interferiram no processo de produção da Avenida, de modo que ainda hoje se fazem sentir na estrutura da vida quotidiana. Numa primeira instância, se refletirmos sobre estas significações, somos remetidos para a progressiva redefinição do *status quo* da rua. Os espaços urbanos tornaram-se mais complexos pela centralidade que passaram a desempenhar na vida quotidiana dos indivíduos, pela sua emancipação como elemento urbano. O espaço público ao passar a ser progressivamente o espaço de maior permanência das pessoas, suscitou o desenvolvimento de novas formas de identidade individual e coletiva (Crawford, 1999).

Dada a importância que os espaços públicos adquiriram na estrutura da vida quotidiana da sociedade durante a ditadura, estes foram utilizados como instrumento de expressão simbólico-cultural e política do regime. Tomemos como exemplo a utilização da Avenida Marechal Gomes da Costa como palco de comemorações oficiais do Estado. Foram várias as vezes que se realizaram paradas e desfiles como formas de expressão e de monumentalidade do poder político, principalmente por Braga ser tida como o berço do movimento do 28 de maio de 1926 que serviu de base para o regime. Entre os distintos eventos realizados podemos destacar as celebrações decorrentes do *XXIV aniversário* da instauração do regime fascista, que incluíram a inauguração do Estádio em 1950, desfiles públicos e paradas militares. Ainda que estes tipos de eventos mais vistosos não fossem habituais, existiram outras práticas quotidianas desenvolvidas nos espaços públicos que também refletiam a ideologia do regime. É o caso da presença

Avenida da Liberdade



Fig. 75 - Intervenção da PIDE



Fig. 76 - Cortejo etnográfico na AL



Fig. 77 - Festa do S.João na Rua das Águas



Fig. 78 - Festa de S.João no Largo de S.João (1917)



Fig. 79 - AL decorada nas festas de S.João



Fig. 80 - Cartaz da festa de S.João (1935)

constante da *Polícia Internacional e de Defesa do Estado* (PIDE) nas ruas da cidade. Estas utilizações da Avenida foram uma das formas de manifestação e expressão do regime, como parte das políticas que compuseram a sua poderosa máquina de propaganda política.

Uma outra forma de apropriação estratégica dos espaços públicos, decorrente dos pressupostos ideológicos do regime, relevante para a conotação simbólico-social da Avenida que podemos aqui referenciar é precisamente a decorrente da valorização dos costumes tradicionais (Damasceno, 2010). Isto é, perante o investimento e as políticas de valorização etnográfica e regionalista, eventos como as festas populares foram ainda mais popularizadas, em particular a Festa Popular de São João.<sup>30</sup> Esta forma de expressão e manifestação tradicional de motivos religiosos, apesar de temporária, é considerada como uma das principais e mais antigas iniciativas culturais da cidade, prevalecendo destacada até aos dias de hoje.

Neste contexto, a Avenida destaca-se pelo papel central que tem para o desenvolvimento deste evento sazonal que ainda hoje enche as ruas da cidade. Antigamente, a secular e tradicional romaria descia pela estreita Rua das Águas até à Capela de São João situada junto ao rio Este. Quando estas ruas tiveram o seu traçado reconfigurado e convertido numa única, ampla e monumental avenida, esta romaria viu-se alterada. Outros aspetos como o investimento do turismo e o desenvolvimento dos meios de transporte, ao fomentarem o acesso e popularidade destas festas, também contribuíram para a progressiva alteração da sua escala e adesão.

Ainda que os mecanismos de interação social, a escala e o propósito destas festividades se tenham progressivamente alterado, ainda hoje na noite de São João percorre-se a Avenida da Liberdade até ao fim, de martelo numa mão e alho-porro noutra. As apropriações do espaço urbano durante estas festividades constituem-se como uma das memórias coletivas inerentes às representações da Avenida da Liberdade.

Quando realizamos a nossa pesquisa etnograficamente informada, algumas respostas remetem-nos para um outro aspeto da progressiva transformação das práticas quotidianas na Avenida da Liberdade inerentes às mudanças sociais decorrentes durante o período do Estado Novo. Isto é, algumas das memórias urbanas recolhidas referentes à vivência da Avenida e às suas significações, salientam o papel de programas arquitetónicos de carácter semipúblico e de convívio coletivo, como é o caso dos *cafés*.

Os cafés, por se tratar de equipamentos de sociabilização, consumo e entretenimento, possuem um papel estruturante na vida quotidiana urbana. São espaços que geram encontros, diálogos, relações e decisões (Bandeira, 2016), que ganharam uma conotação social e urbana muito relevante, em particular no contexto português. Visto que, ao longo do século XX a transformação dos valores da sociedade deu uma maior ênfase aos espaços de convívio e, progressivamente, criaram-se hábitos que redefiniram a estrutura da vida urbana. A frequência assídua de cafés é exemplo disso, sendo uma prática comum às diferentes gerações até aos dias de hoje. Estes espaços que pelo seu carácter semipúblico, informal e diversificado, ao serem intrinsecamente vinculados ao

30. A origem das festividades remota ao ano de 1150, quando se construiu uma igreja na cidade em honra ao São João. São consideradas as maiores festas da cidade na atualidade, organizadas desde 1983 por uma comissão organizadora. Com o investimento da Câmara Municipal, da Associação Comercial de Braga e do investimento de capital privado, a escala e complexidade do evento tem vindo a aumentar rapidamente. (Associação de Festas de São João de Braga, s.d.)



Fig. 81 - *O Nosso Café* (antiga garagem Auto-Palace) na AL

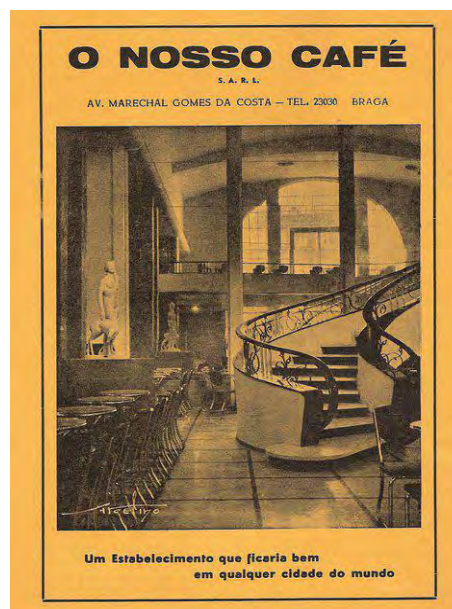


Fig. 82 - Cartaz de *O Nosso Café*



Fig. 83 - Esplanada de *O Nosso Café*

lugar e às pessoas que o produzem, assumem-se como núcleos de influência sobre a (re) definição da paisagem urbana em que estão inseridos.

Das conversas que tivemos com alguns habitantes da cidade, houve uma frase dita por um bracarense que explica um exemplo da relação entre estes equipamentos e as práticas quotidianas da Avenida da Liberdade: “Antigamente, quando eu tinha os meus vinte anos, as pessoas percorriam a Avenida diariamente e paravam sempre nos cafés, como O Nosso Café, A Brasileira, ...”.<sup>31</sup> Esta resposta vai de encontro a muitas outras que referenciam os cafés históricos como relevantes para a vida urbana da cidade da época. Nomes como o *Café Sporting* ou o *Salão de Chá Benamor* foram muito citados, mas houve um em particular que se destacou: *O Nosso Café* (1951-89).<sup>32</sup> Tal particularidade deve-se à importância e simbolismo que este desempenhou no processo de produção do extremo norte da Avenida da Liberdade, pois foi um espaço de convívio que potenciou e presenciou momentos de transformação do ritmo quotidiano da cidade e dos seus usuários.

Numa época em que o preço do café triplicou a nível nacional devido à especulação financeira, surgiu a ideia de criar um espaço de convívio que respeitasse os interesses e valores da população local, um lugar que fosse de e para os bracarenses, *O Nosso Café* (Gomes, 2016). Criou-se a Sociedade Anónima de Ações e procurou-se um estabelecimento com dimensões e localização apropriadas. Assim, sob o projeto do arquiteto bracarense Oldemiro Carneiro, transformou-se a antiga *Auto-Garage* na Avenida Marechal Gomes da Costa, no espaço que materializou os preceitos deste grupo de homens burgueses. Tal como enunciou a primeira página do Diário do Minho em 1950: *O triunfo de “O Nosso Café” simboliza na cidade de Braga a vitória do Espírito Moderno.* (Gomes, 2016)

Este equipamento de 2 pisos compostos por um salão de chá, um de café, outro de jogos de cartas e bilhares, um bar, serviço de pastelaria, barbearia, tabacaria e montras expositivas, gerou ritmos urbanos, trajetórias e enlances quotidianos. Ao observarmos fotografias antigas do café, podemos perceber que a estratégia de intervenção do arquiteto Oldemiro Carneiro adaptou o edifício eclético do início do século XX a uma lógica de organização espacial moderna. Na medida em que o desenho interior do espaço é adaptado segundo uma lógica de funcionalidade e clareza da estrutura do edifício que entra em diálogo com elementos preexistentes, pelo que nos parece ser o caso da escadaria principal. Assim, o projeto de intervenção que adaptou a antiga *Auto-Garage* ao *O Nosso Café*, além de refletir um programa produzido pelos novos costumes que foram surgindo ao longo do século XX, representa a assimilação das arquiteturas modernas aos espaços pré-existentes.

Este estabelecimento, apesar de já não existir, permanece na memória das pessoas como um símbolo, um lugar que potenciou e presenciou momentos de transformação do ritmo quotidiano da cidade e dos seus usuários. Em Braga, os frequentadores deste tipo de estabelecimentos eram maioritariamente homens, nomeadamente chefes de família. Após a abertura de *O Nosso Café* em 1951, as famílias passaram também a frequentar espaços de convívio informais, ou seja, este lugar contribuiu para a modificação de alguns hábitos sociais e por consequência, da alteração da vivência da Avenida. Este café foi palco de conversas e debates, um espaço de manifestação e

31. Fernando Santos. Ver observação participante do dia 28 de agosto de 2019 presente na página 209.

32. Tendo por base as respostas obtidas nos questionários presentes nos anexos.

Avenida da Liberdade



Fig. 84 - AL durante a visita do General Humberto Delgado

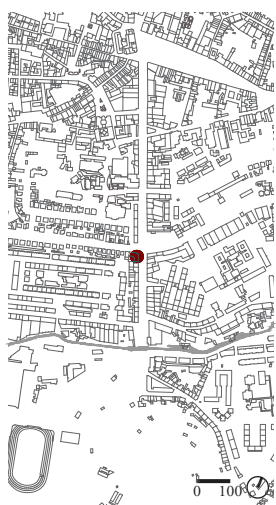


Fig. 85 - Sede de campanha de Humberto Delgado na AL



expressão pública, importante numa época em que imperava a censura e a supressão da consciência política no país. De tal modo que foi inclusivamente invadido e destruído pela PIDE durante a visita de campanha à cidade do General Humberto Delgado para as eleições de 1958. (Gomes, 2016)

Apesar do Estado interferir e influenciar o processo de produção de espaço, este ao ser uma realidade própria e coletiva, não pode ser manipulado na sua totalidade (Crawford, 1999). A complexificação dos mecanismos de interação social e a redefinição do papel da rua na estrutura da vida quotidiana, tornaram o espaço urbano num lugar de experiências, de circulação, de signos e de valores de uma coletividade. Ou seja, a reestruturação da forma e dos modos de interação urbana, fizeram com que os indivíduos passassem cada vez mais tempo na rua, incrementando as camadas de significação que esta contém. As apropriações do espaço urbano por parte dos seus habitantes, sejam elas temporárias ou permanentes, informais ou formais, individuais ou coletivas, interferem no seu processo de produção, fazendo com que este esteja em permanente transformação. Assim, apesar dos esforços do Estado Novo, as ruas também foram palco de movimentos contrários ao seu domínio político. Um claro exemplo de apropriação do espaço público que fugiu às imposições do regime foram os confrontos vividos na então Avenida Marechal Gomes da Costa, aquando da visita de campanha à cidade do opositor General Humberto Delgado em 1958.

A visita programada para o dia 27 de maio, foi estrategicamente coincidente com as comemorações oficiais da revolta militar de 28 de maio que contavam com a presença do Ministro da Defesa Santos Costa e dos seus 4500 homens, soldados e legionários nas ruas da cidade. Segundo Iva Delgado (1998), o governo salazarista receava uma manifestação popular em massa nas ruas de Braga, tal como tinha acontecido anteriormente em outras cidades visitadas pelo *General sem medo*. Esta presença militar visou a supressão da manifestação e expressão pública de apoio ao candidato opositor pela população bracarense. Não deixaram, no entanto, de haver eventos tumultuosos na Avenida Marechal Gomes da Costa como o evento já referenciado no *O Nosso Café* e, um tiroteio junto à sede de campanha do General. (Delgado, 1998)

Apesar dos esforços e das ações constantes dos opositores ao regime, este ainda prevaleceu durante muitos anos.<sup>33</sup> Principalmente a partir da década de 1960, a sociedade portuguesa foi presenciando transformações socioculturais que, aliadas aos problemas económicos, sociais e políticos do país, despoletaram *ventos de mudança* que contribuíram para o esgotamento do Estado Novo.

As mudanças sociodemográficas<sup>34</sup> e a mobilização militar para a Guerra Colonial, que aliadas à progressiva alteração de práticas culturais,<sup>35</sup> à ínfima abertura às novidades internacionais e ao incremento da escolarização, induziram a reflexão sobre o país propagado pelo Estado Novo e, por consequência, ao respetivo descontentamento e

33. As ações da oposição englobam desde assaltos, destruição de armamento bélico, emigrações a candidaturas de opositores, como a do General Humberto Delgado. Parte dessas ações eram de consciencialização política da população, como cartazes contra o regime espalhados pelas ruas.

34. Êxodo rural para o litoral do país, face à desvalorização da agricultura e o desenvolvimento da indústria nacional; a crescente emigração, nomeadamente após o início da Guerra Colonial em 1961. (Guerra, 2018)

35. Aumento do número de bibliotecas, de editoras, e da adesão ao teatro e cinema. Por outro lado, temos de referir o desenvolvimento e inserção dos media na vida quotidiana, como a rádio, a televisão, jornais e revistas.



Fig. 86 - Capa do Jornal Diário do Minho a 26 de abril de 1974



Fig. 87 - O 25 de abril de 1974 na Avenida da Liberdade



Fig. 88 - O 25 de abril de 1974 na Avenida Central

resistência ao mesmo. Por outro lado, é também importante referir o papel dos jovens<sup>36</sup> no desenvolvimento de possíveis contraculturas e na adoção de comportamentos hedonistas<sup>37</sup> que romperam com os valores da sociedade portuguesa conservadora católica e do regime político vigentes na época. (Guerra, 2018)

O auge do crescimento económico da década de 1960 por consequência das políticas económicas e sociais empreendidas pelo governo e do respetivo internacionalismo político<sup>38</sup> foi quebrado com a crise petrolífera de 1973. Esta circunstância aliada a um certo isolamento político e aos custos da guerra colonial, contribuíram para a recessão económica nacional, tornando-se mais um motivo de descontentamento com o regime. Ainda que a ascensão da *Primavera Marcelista* tivesse introduzido alguns dos mecanismos modernos de procura de eficiência do sistema económico, não conseguiu dar resposta às promessas de renovação do regime que a subida de Marcello Caetano<sup>39</sup> ao poder pressupôs. Já a inflexibilidade governamental em relação à situação em África que já advinha de 1961, tornou precisamente a guerra colonial um dos pontos centrais de mobilização contra o regime. (Guerra, 2018)

Assim, apesar dos esforços do Estado Novo, o regime viu o seu fim no golpe militar efetuado pelos militares do *Movimento das Forças Armadas* (MFA) no dia 25 de Abril de 1974. As ações constantes ainda que infrutíferas, realizadas pelos opositores do regime durante a sua longa duração, culminaram na rendição do sucessor de António de Oliveira Salazar, Marcello Caetano, perante o capitão Salgueiro Maia, no Quartel do Carmo.

A população, cansada da censura, repressão e precariedade, da forte emigração,<sup>40</sup> da guerra colonial e da situação económica de crise, invadiram as ruas por todo o país como forma de apoio à queda do regime. A denominada *Revolução dos Cravos* foi um momento histórico onde a pretensão de uma sociedade democrática e livre desencadeou a ocupação massiva dos espaços urbanos. Em suma, esta memória presente na estrutura identitária e espacial individual e coletiva do contexto nacional é um exemplo claro de como as ruas são lugares de manifestação e expressão pública. Naturalmente, a Avenida Marechal Gomes da Costa foi um dos espaços urbanos de Braga que foram invadidos pela população durante este importante momento da história contemporânea portuguesa. Tal se deve à conotação simbólico-social enquanto lugar de referência identitária que a Avenida foi adquirindo ao longo do Estado Novo. Ainda nos dias de hoje, quando existe alguma manifestação pública na cidade, a atual Avenida da Liberdade é frequentemente o lugar eleito para a sua realização.

36. Por influência dos acontecimentos internacionais que permitiram a valorização política da juventude, como o *Maió de 1968* em França. (Guerra, 2018)

37. Doutrina filosófica que conceptualiza o prazer como máxima e objeto de vida.

38. Ajuda internacional recebida por Portugal consequente do Plano Marshall e a entrada de Portugal na Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) em 1961, contribuíram para o crescimento económico nacional.

39. Foi eleito Presidente do Conselho de Ministros do Estado Novo após Salazar em 1968.

40. Maoritariamente clandestina, esta forte emigração portuguesa foi desencadeada a partir da década de 60.





# Redefinição urbana a par dos processos de democratização

2º Capítulo

Avenida da Liberdade

A mudança social é um processo complexo e difícil de entender e, ainda que a sua velocidade e aplicação varie, é uma produção permanente. O desenvolvimento progressivo da industrialização e das respetivas características culturais, políticas e económicas, aceleraram a velocidade dos processos de mudança social. A peculiaridade do caso português advém das repercussões das políticas nacionalistas praticadas pela longa ditadura salazarista, tanto no âmbito cultural e social, bem como no económico e político, que *censuraram* a velocidade destes processos de transformação. O corporativismo e o capitalismo rentista que imperavam no mercado laboral, o fomento do ruralismo e do nacionalismo e a importação restrita, contribuíram para que a situação nacional não acompanhasse o contexto internacional cada vez mais global. Como Alves (2017) afirmou: “Neste filme a preto e branco, pintado de cinzento para dar cor, podia observar-se o mundo português continental a partir de uma rua. O resto do mundo não existia, estávamos orgulhosamente sós.”

Se ao longo do regime fascista o processo de modernização e absorção da industrialização foi lento, após a queda do mesmo, o cenário mudou drasticamente. Levantadas as barreiras impostas pelo regime ditatorial, com a implementação da democracia, houve um processo de assimilação e adaptação das novidades *lá de fora* num curto período, principalmente após a adesão à *Comunidade Económica Europeia* (CEE) em 1986. Ao longo deste capítulo iremos abordar as transformações espaciais vividas na Avenida da Liberdade consequentes da queda do regime, do retorno à democracia e ao liberalismo, da introdução da cultura do consumismo e das inovações tecnológicas próprias do capitalismo global pós-1973. Afinal, com os processos de democratização despoletados pelo 25 de abril a produção das paisagens portuguesas foi completamente redefinida através de fenómenos urbanos como a urbanização extensiva e a desruralização. Neste capítulo abordaremos como estas transformações foram produzidas no corpo e experiência da Avenida.



Fig. 89 - Manifestação na AL (década de 1970)



## 2.1. O acordar da amnésia

Refletir sobre as mudanças socioculturais que afetaram a estrutura da sociedade portuguesa após a queda do Regime Salazarista é indispensável para compreendermos as formas de vida urbana que a Avenida começou a ganhar no processo democrático. A revolução levada a cabo a 25 de Abril de 1974 constitui-se como um dos eventos mais marcantes da história contemporânea portuguesa por ter posto fim ao regime fascista que governou o país durante décadas e, por marcar o início de um tempo político gerado pelo ideário democrático da sociedade portuguesa.

Com os processos de democratização, acentuaram-se as transformações socioculturais do panorama nacional que já se sentiam desde a década de 1960 (Rosas *apud* Guerra, 2010: 198). Afinal, com a queda do regime ditatorial, esvaiu-se a censura e ressurgiu a liberdade de expressão, deu-se o retorno dos exilados políticos, a libertação dos presos políticos e iniciou-se o processo de descolonização das até então colónias ultramarinas. Todos estes momentos vividos após a revolução fizeram do período inicial da democracia um tempo de transições abruptas, de indefinição política e de instabilidade. A falta de consenso entre os conservadores, os socialistas e os comunistas, em relação à via política que o país deveria seguir, aliados aos graves problemas socioeconómicos nacionais, tornaram-se obstáculos à materialização dos objetivos revolucionários que ambicionavam uma democracia com acesso equitativo à liberdade e à “*paz, o pão; Habitação; Saúde, educação.*”<sup>41</sup> Isto tornou-se claro a partir de 1975 como nos diz Rosas (2014-2015: 15): ““Verão quente” de 1975 o processo revolucionário sofreu uma sucessão de revezes que conduziram à sua contenção político-militar e à “normalização democrática” de 1976. A revolução não lograra atingir os seus objetivos, mas deixava a sua marca genética na democracia em que desaguou.”

Naturalmente, este processo refletiu-se na Avenida da Liberdade. Por um lado, pelo aumento de assaltos e pelas dificuldades económicas que afetaram alguns estabelecimentos da avenida como *O Nosso Café* (Gomes, 2016). Por outro lado, pelo aumento da necessidade de habitação provocado pelo seu respetivo aumento demográfico relacionado com a população proveniente das ex-colónias - comumente chamados de *retornados*, um termo pejorativo - e com o retorno dos emigrantes nacionais que

41. Letra da música de intervenção “Liberdade” lançada em 1974, do álbum “À queima Roupa” de Sérgio Godinho.

Avenida da Liberdade

Restaurante Aliança  
Seminário de Santiago

Pensão Coração do  
Minho

Hotel Turismo

Hotel João XXI

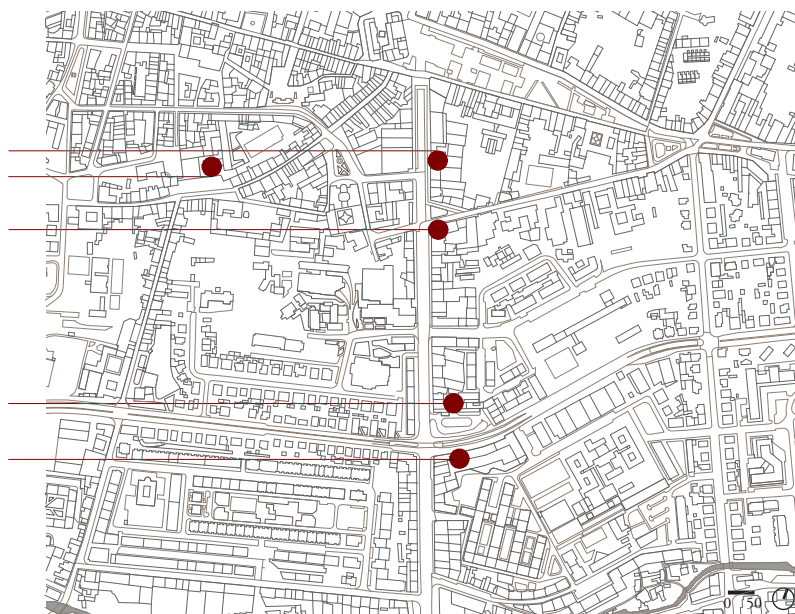


Fig.90 - Locais de alojamento temporário de ex-colonos em Braga



Fig. 91 - Seminário de Santiago



Fig. 92 - Uso do espaço externo do Seminário de Santiago

fugiram ao antigo regime. Este problema de carência de habitação apesar de já não ser uma novidade, tendo em conta que a crescente procura pelas cidades já advinha desde a década de 1960, foi reforçado por estas circunstâncias migratórias. O problema, no entanto, não era só a falta da habitação em si, mas também a sua qualidade construtiva e posição urbana, uma vez que as circunstâncias socioeconómicas da época eram propícias à construção de edificado com pouca salubridade e ao crescimento urbano desregulado. Perante estes problemas sociais e urbanos, foram desenvolvidas diferentes estratégias pelo Estado democrático que se estava a formar.

Começamos por abordar o desenvolvimento de estratégias de apoio aos indivíduos provenientes das ex-colónias e a repetitiva influência na vida urbana bracarense. Grande parte da população que nestes termos chegou ao país viu-se numa situação complexa, carenciada e precária – muito mais do que inicialmente se esperava - por terem deixado a maioria dos seus bens nas antigas colónias e pelo Estado português não conseguir dar resposta às suas necessidades. Apesar do apoio do governo, das respetivas instituições e organismos público-privados, o facto do fluxo migratório ter sido muito mais intenso do que se antecipava, aliado à situação de instabilidade do panorama nacional, contribuíram para este contexto problemático. Ainda que o distrito bracarense não tenha sido o que mais recebeu pessoas nestes termos entre 1974 e 1977, ocupou um lugar intermédio na situação nacional.<sup>42</sup> (Vieira, 2013: 24-39)

Das medidas desenvolvidas pelo *Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN)* que podemos associar à história urbana da Avenida da Liberdade, temos a utilização provisória dos equipamentos hoteleiros para alojar as pessoas que nestas circunstâncias chegaram à cidade. Ainda que de modo pontual, o antigo *Hotel Turismo*, o *Hotel João XXI*, a antiga *Pensão Coração do Minho* e o *Restaurante Aliança*, foram utilizados para acolher ex-colonos.<sup>43</sup> Como a rede hoteleira não teve um peso significativo no alojamento desta população, a unidade de acolhimento mais importante na cidade foi o *Seminário de Santiago*, sendo a que funcionou por mais tempo e a que albergou o maior número de pessoas. Durante aproximadamente dez anos, estima-se que o seminário acolheu entre 500 e 600 pessoas. (Vieira, 2013: 56-58)

A ocupação de unidades hoteleiras e do seminário a cargo do Estado, representam a resposta inicial ao problema do alojamento destas famílias desenvolvida pelo Governo. No entanto, o montante de despesa acumulada aliado à necessidade de desocupação das unidades hoteleiras e de integração destas famílias no contexto nacional, tornaram clara a necessidade de um novo tipo de estratégia. A *Comissão para o Alojamento de Refugiados (CAR)* foi então criada em 1976, com o intuito de desenvolver um programa de construção de habitação rápida para a população desalojada. O CAR

42. Tendo por base o *Recenseamento Geral da População* realizado em 1981, estima-se que Braga ocupou o décimo lugar num total de vinte distritos no que diz respeito à fixação de ex-colonos. Isto é, apenas 4% face ao contexto nacional, que representam 15 190 indivíduos. Destes, apenas 5 394 indivíduos referem-se ao concelho de Braga. Estes números não são completamente fidedignos por consequência da imprecisão dos métodos quantitativos da época, isto é, há disparidade entre os números apresentados nos vários recenseamentos. (Vieira, 2013: 39)

43. Segundo o que consta no *Apuramento Geral do Recenseamento* realizado no final de 1976, destes locais de alojamento, o Hotel Turismo foi o que alojou um maior número de pessoas, tendo recebido 23 ex-colonos. Já o Hotel João XXI, apesar de não estar registado na lista de hotéis do recenseamento, também chegou a acolher 18 pessoas durante alguns meses. Este último não consta na lista porque não quis alargar o período de alojamento disponibilizado para este fim, segundo a informação que se encontra na documentação do IARN. (Vieira, 2013: 56-58)



Fig. 93 - Rua dos Granjinhos antes da demolição



Fig. 94 - Antiga Igreja de São Lázaro na AL

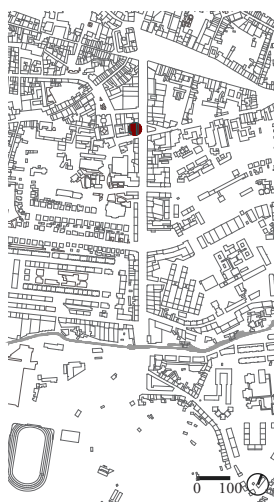


Fig. 95 - Rua dos Granjinhos

tinha como base a construção de habitações individuais e coletivas prefabricadas. Este programa inicialmente vocacionado apenas para retornados, gerou tal entusiasmo que foi alargado a nacionais já residentes.

Relativamente a Braga, consta que o Governador Civil local da época, Eurico de Melo, anunciou em agosto de 1976 a “implantação de 1600 casas prefabricadas no distrito, das quais 500 em Braga, oferta dos “países nórdicos”” (A Capital *apud* Bandeirinha, 2011: 300). Estas habitações em questão destinavam-se maioritariamente a ex-colonos. Apesar desta declaração, não conseguimos encontrar informações que corroborassem tal afirmação, não nos sendo assim possível confirmar a existência destas habitações na cidade.

A necessidade de habitação condigna, no entanto, não era uma carência exclusiva dos ex-colonos. Inclusive, a própria extensão do programa CAR a nacionais já residentes, reflete esta questão. O que nos leva a outro problema muito importante desta altura: a questão da promoção da habitação e inerentes estratégias locais. Como resposta a este problema de carência habitacional e infraestrutural da cidade, o município de Braga diligenciou um leque de estratégias de incentivo à urbanização. Uma das quais, envolveu a municipalização de terrenos a custo inferior ao do mercado, uma prática que já tinha sido iniciada no período antes do 25 de abril pelo presidente da CMB António Santos da Cunha. Segundo Maia (2005:30), esta criação de bolsas de solos urbanizáveis permitiu à Câmara Municipal “orientar de alguma forma o crescimento urbano, mas sobretudo criar condições para a promoção da construção a preços não especulativos, tendo como objectivo a diminuição das carências habitacionais.”

Este controlo do solo urbano por parte da Câmara Municipal foi acentuado na democracia por consequência da criação do poder autárquico autónomo (1977) e da lei das finanças locais (1979). Estas ao conceder mais competências e uma maior autonomia às autarquias, fizeram com que estas tivessem um maior controlo deste mercado e, como tal, do crescimento urbano (Bandeira, 2015: 18). No caso de Braga, este tipo de políticas de fomento à construção civil tendo como principal foco o crescimento do parque habitacional, vão contribuir significativamente para os fenómenos de urbanização extensiva e desruralização que a cidade presenciará nas décadas seguintes.

Por outro lado, os projetos de urbanização em Braga desta época também incluíram processos de expropriação. No caso da Avenida da Liberdade esta prática foi particularmente relevante, pois possibilitou a reurbanização de parte significativa do edificado que ladeava as suas margens. Entre as várias expropriações executadas, houve uma em particular que permaneceu nas memórias urbanas associadas a este espaço urbano: a demolição da Igreja de São Lázaro e da rua dos Granjinhos.<sup>44</sup>

Apesar da demolição da Igreja ter sido assinalada pela CMB em 1968, esta só foi concretizada após a queda do regime, no final de 1974. Com ela seguiram-se, em 1981, as expropriações das habitações unifamiliares e os respetivos logradouros junto a esta igreja, nomeadamente as que delimitavam a quinzentista Rua dos Granjinhos e a parte

44. A intenção destas transformações urbanas já adivinha do *Plano de Melhoramentos Urbanos (PMU)* aprovados pelo governo da década de 1960. Na época pretendia-se estender o processo de urbanização da *zona do novo Liceu Feminino* - atual Escola Secundária D.Maria II – a Leste da Avenida para Oeste, para os terrenos a sul do Hospital de São Marcos. Os problemas de ordem financeira, no entanto, levaram à impossibilidade de concluir o PMU, “pelo que a zona manter-se-ia instável, nos anos que se sucederam” (Bandeira, 2001: 264).



Fig. 96 - Processo de demolição da rua dos Granjinhos

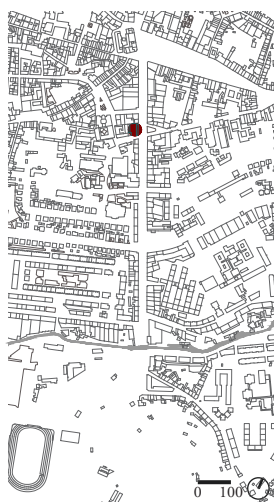


Fig. 97 - Rua dos Granjinhos após a demolição



Fig. 98 e 99 - Antes e depois da intervenção de José Gigante no edifício

da Avenida associada a este edificado. A demolição da Igreja de São Lázaro era necessária para a construção de novas vias de circulação, para a resolução de um problema de desnível topográfico e para a desobstrução da Avenida da Liberdade. Por se tratar de um edifício do século XVIII a sua implantação era remetente ao alinhamento da antiga rua das Águas, tornando-o desenquadrado ao alinhamento retificado desenvolvido com a construção da Avenida. Já as expropriações do edificado da Rua dos Granjinhos, enquadraram-se numa das várias fases necessárias à reurbanização do sector. (Bandeira, 2001: 251-298)

Após a demolição deste edificado, procederam ao aterro e terraplanagem do quarteirão e à construção de novas vias de circulação. Além de terem prolongado a rua 25 de abril para poente, construíram novos acessos viários para o Hospital de São Marcos<sup>45</sup>. Este último aspeto, foi bastante relevante para o desenvolvimento do processo de reurbanização deste quarteirão. Uma vez que com a democratização, o acesso à saúde passou a ser uma das principais pautas do novo regime. O investimento na saúde aliado ao aumento demográfico da região e ao desenvolvimento dos transportes, contribuíram para o crescimento da afluência do Hospital e, por consequência, da necessidade de bons acessos ao mesmo.

Ainda que a perceção da necessidade de reurbanização desta zona tinha sido antecedente ao 25 de abril, o facto de esta ter sido apenas concretizada após a mudança de regime, demonstra o inerente incremento da mudança da velocidade das transformações urbanas. As políticas de fomento à construção aliadas à modernização dos métodos construtivos promovidas após a mudança de regime, contribuíram para esta alteração na escala e velocidade dos processos de transformação urbanos.

Um processo de mudança veloz que se fez sentir em todos os campos da sociedade portuguesa, desde o económico ao cultural. Como Guerra (2018: 209) nota, a escala e velocidade destas mudanças criaram “o ambiente interno favorável à experimentação, à inovação e à assimilação muito rápida de paradigmas internacionais”.

A liberdade de expressão associada às novidades internacionais fomentou uma reflexão filosófica e estética, uma espécie de *curto-circuito* entre modernidade e pós-modernidade, que para além de atingir o âmbito político, passou a refletir-se na produção cultural nacional, e naturalmente na arquitetura. Este período foi marcado pela experimentação e pela introdução de novas linguagens estéticas como a “complexidade, a contradição, a ironia pop ou os referenciais históricos na arquitetura portuguesa.” (Grande, 2005: 63)

Em Braga podemos encontrar uma produção espacial em particular que reflete em pleno esta fase de experimentação arquitetónica. Referimo-nos à intervenção espacial projetada pelo arquiteto José Gigante para o edifício do *Banco Borges & Irmão* (1979-1985), localizado num dos pontos de encontro entre a Avenida da Liberdade e a Avenida Central.

A área de intervenção incluía um edifício pré-existente que fazia a esquina do quarteirão e o lote vazio ao lado. Uma obra experimental pela sua abordagem ao edifício pré-existente, pelo “choque” entre a fachada antiga e o novo edifício construído. A fachada pré-existente foi mantida como uma membrana que contrasta com a fachada

45. Em 1961, foram inauguradas estas novas instalações para o principal Hospital da Cidade que já era existia desde 1508.



Fig. 100 - O edifício em 2019

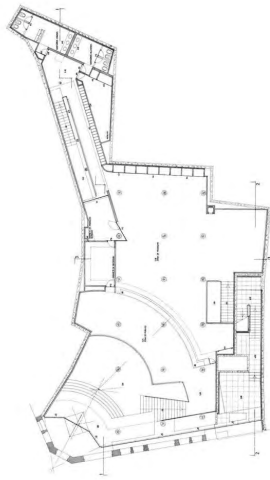


Fig. 101 - Planta da intervenção (piso térreo)



Fig.102 - Espaço interior do edifício

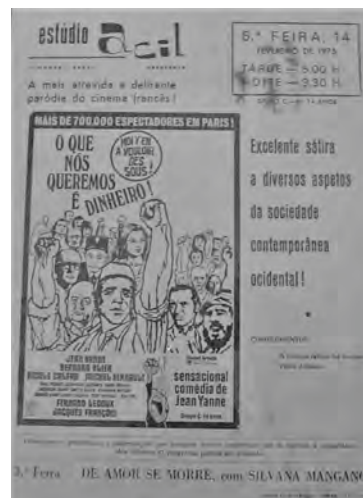


Fig.103 - Cartaz do Estúdio Acil



de vidro e caixilharia em ferro do novo edifício. É também a partir desta fachada que se articula o alinhamento espacial do interior do novo conjunto. O vidro, para além de contrastar com a pré-existência, permite a transparência da estrutura de betão armado que suporta o edifício. Já o interior do edifício é marcado pelos materiais construtivos utilizados: mármore, estuque e latão. (Milano, 2011: 35)

Esta intervenção transparece uma abordagem crítica e experimental ao passado, à memória da cidade. Estas novas sensibilidades estéticas demonstravam o processo de rutura que afetou todas as nuances da estrutura social com a mudança política e as novas condições de liberdade. É produto de uma época intermédia no processo de transformação social do contexto nacional, da revolução cultural que teve o seu auge na década de 1980 (Guerra, 2018: 210).

*“A liberdade trazia abertura, a abertura trazia conhecimento e ambos geravam uma disposição matricial para o questionamento e a transformação.*

*Adolescentes e jovens haveriam de participar, com empenhamentos e modos característicos e bem notórios no espaço público, desta revolução. (...) indo desde os costumes às aparências e das aparências às palavras, imagens e sons, quer dizer, envolvendo quer as expressões artísticas quer os estilos de vida e as formas de apropriação do espaço público.”*

(Guerra et al. *apud* Guerra, 2018: 209)

Ao contexto pós-revolucionário português também podemos relacionar o *Mai de 68* (Guerra, 2018:204) visto que esse marco da História do mundo ocidental promoveu a valorização política da juventude e a respetiva categorização social e cultural (Bennett *apud* Guerra, 2018 :198). Esta questão será importante para compreendermos a inserção de novos valores e tendências culturais em Braga devido à mudança das circunstâncias sociodemográficas. Uma vez que a “implantação da Universidade do Minho, uma pirâmide etária muito jovem e o regresso dos retornados das ex-colónias levaram a um abanão na moralidade dominante, isto é, à movida bracarense dos anos 80” (Guerra *apud* Baptista, 2010: 289).

Assim, os anos 80 de Braga são caracterizados pela *movida* artística, cultural, musical e juvenil (Guerra, 2010: 288) que, ao introduzir na vida urbana novas formas de sociabilização e de liberalização dos costumes, produziram novos programas arquitetónicos por toda a cidade. Estes programas aqui introduzidos iam desde salas de cinema, cafés, discotecas, bares e lojas de música. Naturalmente dada a sua centralidade na vida e imaginário da cidade, a Avenida da Liberdade acomodou vários destes espaços que ainda hoje marcam a memória urbana dos habitantes da cidade. Nas galerias do antigo Hotel Turismo podemos destacar o antigo *estúdio Acil*, uma sala de cinema que transmitiu alguns filmes considerados pornográficos, o café/snack-bar *Ding-dong* e o *Clube 84*.<sup>46</sup> Perto do Hotel também existiu o pub *o coche*. Também podemos referenciar as antigas discotecas *Ídolo*, localizada numa rua adjacente à Avenida, e a *Trigonometria*. É também importante mencionar a loja de música *Salão Mozart* (1978) que ainda hoje permanece de portas abertas.

O desenvolvimento dos espaços de lazer que se viveu em Braga nesta

46. O primeiro bar/discoteca que surge em Braga. (Adolfo *apud* Tavares, 2010: 289)

Avenida da Liberdade



Fig. 104 - Avenida da Liberdade de noite

época, em particular os associados à vida noturna e à liberalização dos valores foram particularmente impactantes no processo de produção da sua vida urbana. Uma vez que se tratava de uma cidade conservadora e tradicionalista, “um meio social quase que dualizado entre uma tradição religiosa e a emergência de grupos de jovens alicerçados na contemporaneidade” (Guerra, 2010:695). A agitação noturna bracarense da década de 1980 além de gerar um dos movimentos de rock alternativo em Portugal, do qual destacamos os *Mão Morta* (Guerra, 2010: 698), alterou valores na estrutura social dos habitantes da cidade. Por exemplo, em Braga as mulheres não saíam à noite, uma realidade que se modificou pouco a pouco nesta época.

A proliferação de espaços ligados ao negócio da noite que Braga produziu a partir desta época é relevante para a estrutura da vida noturna atual. Ainda que o negócio da noite na Avenida da Liberdade não exista na atualidade, a zona da Sé permanece como um dos principais destinos da vida noturna. A permanência do *Deslize*, um dos principais espaços alternativos da cidade da época, reflete isso.<sup>47</sup>

Assim, os discursos político-culturais contraditórios que marcaram o início do ciclo democrático, vão-se traduzir em produções espaciais tanto associadas ao problema da habitação, como à progressiva liberalização dos costumes e valores da sociedade portuguesa. Este gradual processo de transformação sociocultural, vai-se intensificar a partir da adesão do país à CEE. (Grande, 2005: 63)

47. O Deslize foi “o cenário por excelência da *movida* bracarense e de concretização de uma estética *pós-punk* (...) *era o Frágil dos Bracarenses talvez elo despojamento de elementos decorativos, pela cor cinzenta das paredes, pelo ambiente que se criou no seu interior. O certo é que, durante anos, o Deslize reuniu o ambiente mais modernista da cidade* (...)” (Gomes *apud* Guerra, 2010: 289).

Avenida da Liberdade

## 2.2. Aproximação à Europa, a CEE

A evolução dos sistemas políticos modernos caracterizados pela concorrência entre nações na busca insaciável por poder e riqueza, pelo intrínseco aprofundamento da relação dos governos com a economia e pela alteração dos sistemas de produção que visavam a expansão contínua e a acumulação crescente de riqueza – o desenvolvimento do capitalismo – aceleraram os processos de transformação social a nível mundial (Giddens, 2013: 130).

Neste panorama mundial cada vez mais global, Portugal viu-se isolado com a queda do regime salazarista e a conseqüente descolonização. Além disso, o país enfrentava uma situação de crise económica, política e social e, os vários partidos tinham perspectivas distintas sobre o caminho que se deveria adotar para a resolução destas problemáticas. Para o *Partido Socialista (PS)* que subiu ao poder após a instituição da atual Constituição em 1976, a estratégia de recuperação e redefinição nacional passava pela aproximação aos restantes países da Europa Central, mais concretamente pela adesão à *Comunidade Económica Europeia (CEE)*, denominada como *União Europeia (UE)* desde 1993. Assim, em 1977 procedeu-se à candidatura de Portugal para aderir à CEE e iniciou-se o longo processo de negociações com os restantes parceiros. Foram abordadas e negociadas questões como a emigração, a agricultura, o comércio e a pesca ao longo do processo, afinal era necessário cumprir certos pré-requisitos económicos, políticos e sociais que Portugal não obedecia. Foram necessários oito anos e oito governos para que a entrada de Portugal na CEE se concretizasse em 1986.<sup>48</sup> Para o novo regime democrático a adesão à CEE representava um passo fundamental para, como disse Soares (1985) o “futuro de progresso e modernidade” para o país, com o objetivo “de reduzirmos cada vez mais a distância que ainda nos separa dos países desenvolvidos da Europa, criando para os Portugueses padrões de vida e de bem-estar verdadeiramente europeus.”

Portugal passa a receber sucessivos fundos estruturais da CEE que visaram a diminuição de disparidades existentes entre os panoramas de modernização nacionais e dos restantes países da Europa Ocidental. Foi fomentada a liberalização da economia com medidas como a privatização de sectores empresariais estratégicos do Estado, ou seja, deu-se a aplicação do modelo neoliberal que procurava o aumento do capital

48. Ainda que o Tratado de Adesão à CEE tenha sido assinado em 1985.



económico. Os governos reformistas implementaram políticas que procuravam uma coesão territorial nacional, que tiveram grande impacto a todos os níveis da estrutura social nacional.<sup>49</sup> A nível da gestão territorial abrangeu desde a aplicação de novas políticas de ordenamento de território e sistemas de conexão viária, à criação de novos equipamentos locais. Foram desenvolvidos através do apoio dos *Quadros Comunitários de Apoio* europeus, projetos e programas à escala municipal e regional que visavam a captação e desenvolvimento de capital económico, social e cultural.

Em Braga, aspetos como o desenvolvimento das infraestruturas e dos transportes viários com o apoio do financiamento europeu foram particularmente impactantes para as dinâmicas da cidade. A infraestruturização do território regional e a progressiva banalização do acesso ao automóvel ao facilitarem o acesso à cidade, alteraram as dinâmicas de mobilidade, contribuindo para a transformação dos modos de vida da população (Maia, 2005: 53). O progressivo desenvolvimento deste tipo de estratégia, tiveram consequências na estrutura das dinâmicas urbanas da cidade e do território onde esta está inserida, o que nos leva à questão da organização e gestão do território.

A preocupação do Estado português em criar instrumentos de planeamento e gestão territorial era um problema que já existia no Estado Novo. Afinal, os fenómenos da litoralização e o êxodo rural que levaram ao crescimento urbano desregulado e, por consequência, à diminuição da qualidade de vida e à degradação do ambiente advinham deste antigo regime. Estas questões do crescimento urbano *espontâneo*, aliadas às pretensões de desenvolvimento, de crescimento de capital económico e de melhoria das condições de bem-estar da população, tornaram a necessidade de organizar eficientemente o solo, uma prática essencial na mudança de regime (Maia, 2005: 34). A valorização das escalas local e global, do princípio da subsidiariedade e a inserção de Portugal no panorama do mercado competitivo global vão requerer uma maior eficiência administrativa e espacial por parte das organizações estatais.

Assim, a partir da Constituição de 1976 a par da Europa, vai-se assistir em Portugal, um processo de evolução e experimentação das políticas de ordenamento de território. Principalmente após a revisão da Constituição de 1989, onde passam a incluir-se nas tarefas fundamentais do Estado a adequada e racional gestão territorial dos recursos humanos e naturais, que será repartida por diferentes níveis de poder: nacional, regional e local. Desta forma, os Municípios e as respetivas políticas passaram a ter um impacto muito mais estruturante na organização do seu território, e por inerência, na vida da respetiva população. (Maia, 2005: 55)

A procura por uma gestão estratégica urbana em Portugal resultou num conjunto de instrumentos de planeamento e gestão territorial legislativa como: os *Planos Diretores Municipais (PDM)* instituídos em 1982 e os *Planos Regionais de Ordenamento do Território (PROT)* em 1983; a criação dos *Planos Especiais de Ordenamento de Território (PEOT)* em 1993; a tentativa de concretizar um instrumento que articulasse coerentemente as várias figuras dos planos de ordenamento de território e definisse objetivos e princípios desta política no início dos anos 90, que só viria a ser plenamente concretizada em 1998 com a institucionalização das *Leis de Bases de Política de Ordenamento de Território e de Urbanismo*, dos *Instrumentos de Gestão Territorial (IGT)* e o *Sistema de Gestão Territorial (SGT)*. Tanto os objetivos, os conceitos e os conteúdos

49. Referimo-nos aos governos liderados pelo então Primeiro-Ministro Aníbal Cavaco Silva entre 1986 e 1995.

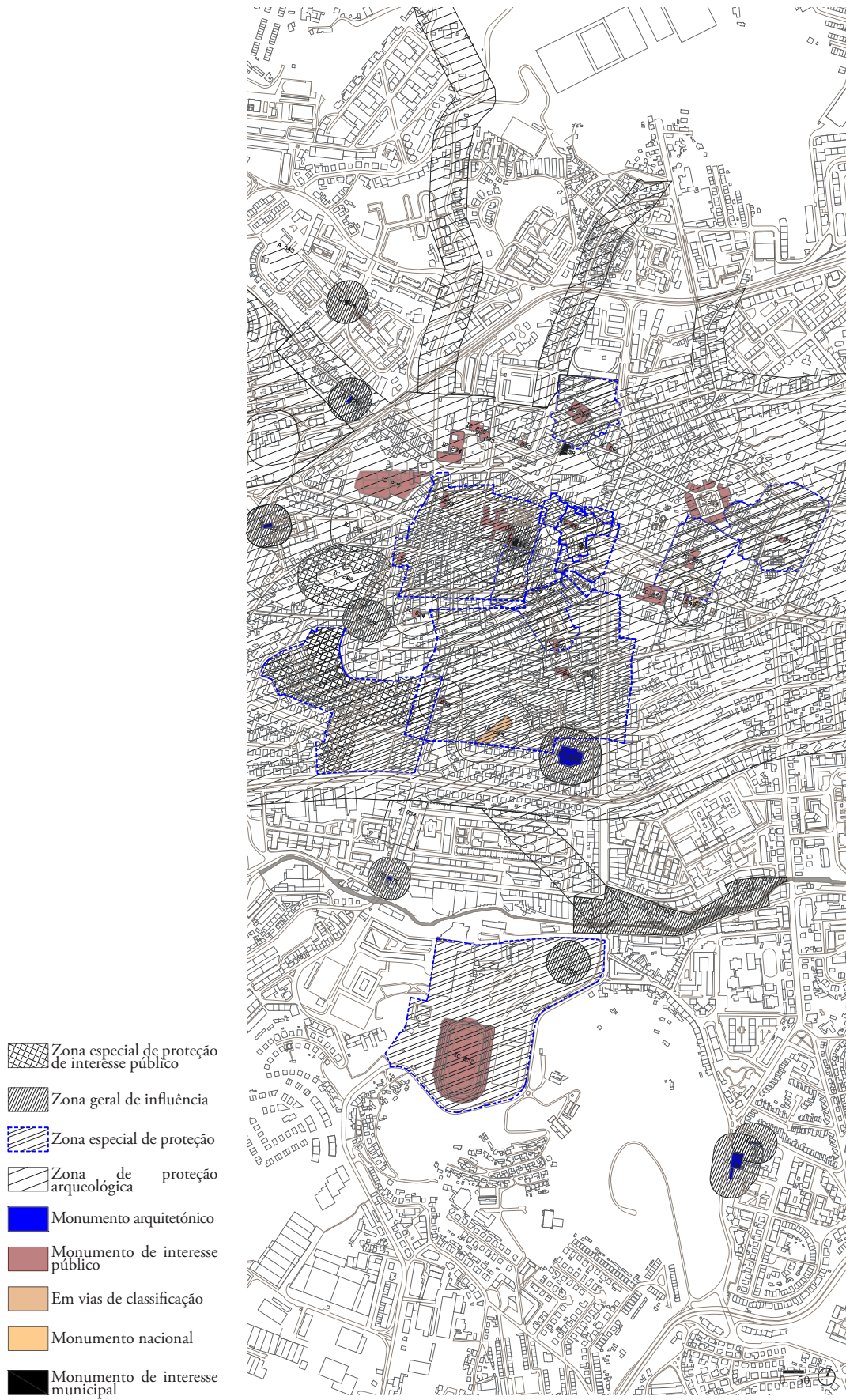


Fig. 106 - Planta do sistema patrimonial do PDM em vigor



dos IGT como os do SGT foram alvo de alterações e reconceptualizações ao longo do tempo, face às problemáticas urbanas que foram surgindo. (Maia, 2005: 36-37)

Esta progressiva institucionalização das políticas de ordenamento de território visava coordenar e articular os processos de urbanização que as cidades sofreram a partir do 25 de Abril, principalmente os decorrentes da aplicação dos recursos financeiros e institucionais da CEE. Deste modo, ao longo deste subcapítulo iremos refletir de que maneira é que algumas políticas e instrumentos adotados pelo Município influenciaram e influenciam os processos de urbanização da Avenida da Liberdade e por transferência do resto da cidade.

Tomemos como exemplo os Planos e Regulamentos do Centro Histórico de Braga consequentes da valorização do património urbano e da arqueologia urbana e da sua relação com os processos de urbanização que a cidade sofreu.<sup>50</sup> Se hoje podemos encontrar em alguns dos Planos inseridos no *Plano Diretor Municipal* em vigor, classificações como *Zona Especial de Proteção* e *Zona de Proteção Arqueológica*, tal deve-se à evolução das políticas de ordenamento de território nacional e as respetivas diretivas europeias<sup>51</sup> que levaram à atual política urbanística e de reabilitação urbana promovida pela Câmara Municipal de Braga.

O processo de valorização da arqueologia urbana e da sua relação com os processos de urbanização foi uma temática que ressurgiu em Braga com os processos de democratização, mais propriamente em 1976 quando se iniciou “aquele que pode ser considerado como o primeiro projeto de arqueologia urbana portuguesa, nascido de condicionantes políticas, económicas e sociais particulares” (Fontes, Martins, & Cunha, 2013: 81), com a criação do *Campo Arqueológico de Braga*, tutelado pela Universidade do Minho<sup>52</sup> por iniciativa da *Comissão de Defesa e Estudo do Património* (CODEP)<sup>53</sup> (Martins & Lemos, 1997: 9-10).

A urgência desta questão surge da necessidade de travar a sucessiva e irremediável destruição dos vestígios arqueológicos da cidade que já vinham a acontecer desde a década de 60/70 por consequência dos processos de urbanização a sul e oeste. Isto é, estes aceleraram a reconstrução e renovação de edificado nos centros históricos, e aumentaram extensivamente a urbe, passando a abranger “os terrenos onde jaziam as

50. Em Braga, os principais antecedentes destas políticas foram a criação: da *Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística do Centro Histórico* em 1979, do *Gabinete Técnico Local* (GTL) em 1985, do *Regulamento Municipal de Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico de Braga* em 1987 e da *Divisão de Renovação Urbana* (DRU) da CMB em 1991.

51. Como por exemplo, as convenções, normas e princípios debatidos na Carta de Veneza em 1964, na Carta de Washington em 1987, na Convenção de Granada em 1985 e na Convenção de Malta em 1992, a respeito da arqueologia urbana e defesa de património das cidades. Este debate refletiu-se na criação do *código europeu de boas práticas para a arqueologia urbana* adotado pelo Comité do Património Cultural do Conselho da Europa em 2000, que estabeleceu condutas e regulamentos para os seus Estados-membros, incluindo Portugal. (Martins & Ribeiro, 2009/2010: 165)

52. Atualmente, o Projeto de Salvamento de Bracara Augusta correlaciona o trabalho de 3 instituições: a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, o Museu D. Diogo de Sousa e o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal.

53. Uma associação criada por 7 bracarenses após o 25 de Abril foi se desenvolvendo e passou-se a denominar como *Associação para a Defesa, Estudo e Divulgação do Património Cultural e Natural* (ASPA). Além da defesa do património arqueológico, por iniciativa desta associação deu-se a classificação de muitos imóveis como é o caso do Estádio 1º de Maio. (Dias, 2017) Representa uma forma ativa e organizada de manifestação e intervenção dos cidadãos sobre a cidade, produto de um Estado Democrático.

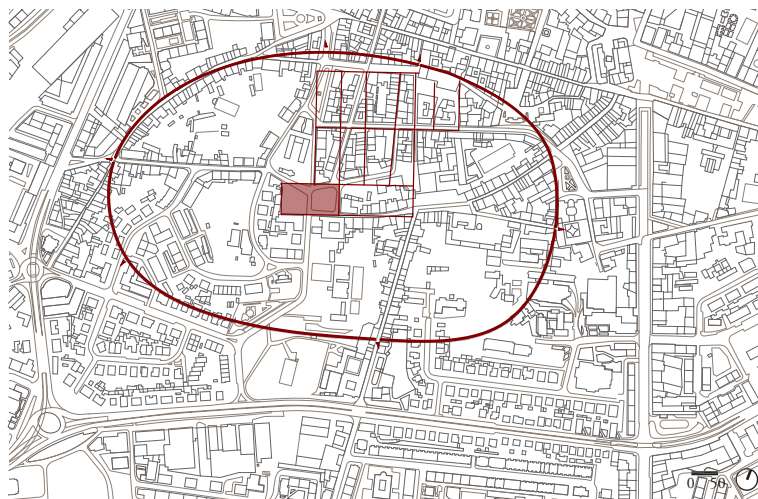


Fig. 107 - Esquema de localização da muralha, do fórum e de orientação da malha urbana de Bracara Augusta

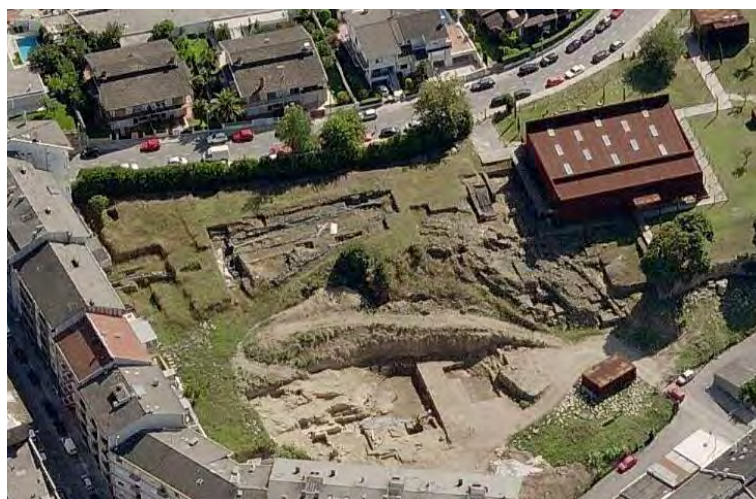


Fig. 108 - Vista aérea dos vestígios arqueológicos na Cividade



Fig. 109 - Vestígios do teatro romano na Cividade

ruínas da cidade romana de Bracara Augusta, que tinham mantido até então uma feição eminentemente rural, configurada desde a Alta Idade Média, quando o núcleo urbano sobrevivente se acantonou no quadrante nordeste da precedente cidade romana.” (Fontes, Martins, & Cunha, 2013: 81)

Num cenário de urbanização *expansionista*, as condicionantes que a investigação e salvaguarda dos vestígios arqueológicos pressupunha face aos interesses da especulação imobiliária crescente, trouxe complicações aos objetivos do *Projeto Salvamento de Bracara Augusta*. Sem uma proteção legal efetiva para a Zona Arqueológica aliada à carência de um plano de urbanização que tivesse esta questão em conta e ao facto destes terrenos passarem a pertencerem a particulares, a construção nesta zona continuou e vestígios foram destruídos principalmente na década de 1980. Apenas mais tarde, com a criação do *Gabinete de Arqueologia (GACMB)* em 1992 e, com as sucessivas alterações dos âmbitos legislativos e metodológicos de preservação e investigação, é que estes vestígios passaram a fazer parte do PDM e a ser devidamente preservados. (Martins & Lemos, 1997: 11-12)

O desenvolvimento da arqueologia urbana e suas respectivas condicionantes ao planeamento, além de representar a evolução das políticas de ordenamento de território, expuseram um dos extratos do processo de produção espacial e identitário que o caso de estudo desta dissertação compreende. Afinal, a Avenida da Liberdade, em quase toda a sua totalidade, está classificada como Zona Arqueológica. Naturalmente, o processo de produção da Avenida e do seu em torno foram afetados pela transformação das abordagens ao tratamento dos vestígios arqueológicos.

A consciencialização de que esta era uma área de alta sensibilidade arqueológica começou sobretudo a partir dos anos 1940/50, quando progressivamente encontraram vestígios que sugeriam a existência de uma necrópole romana da Via VII<sup>54</sup> no sector norte da Avenida da Liberdade, como as três estelas funerárias encontradas durante a construção do antigo edifício dos CTT e as sepulturas de incineração descobertas no atual Largo João Penha. (Cunha, Le Roux e Tranoy *apud* Fontes et al., 2010: 5)

Como já foi referenciado, a abordagem e preocupação sobre a arqueologia urbana na cidade só surgiu mais tarde com o regime democrático e o desenvolvimento do Projeto de Salvamento de Bracara Augusta. A partir da década de 1970, Braga presenciou um debate político “entre os interesses do sector imobiliário e o dos defensores do património cultural” (Bandeira, 2010: 27). Apesar da consciencialização que já existia à cerca do valor patrimonial e científico dos vestígios arqueológicos, durante a década de 1980, muitos foram destruídos devido à força do *lobby* da construção civil e, à carência de mecanismos de proteção e regulamentação destes. No caso da Avenida, sabe-se que no decorrer das obras de construção do *Centro Comercial de Santa Cruz*, quando se procediam ao desaterro dos terrenos, encontraram-se numerosas sepulturas que foram completamente destruídas. (Fontes et al., 2010: 6)

Com a evolução da abordagem à arqueologia urbana na cidade, estes vestígios passaram progressivamente a ser tratados e protegidos regularmente. Assim, as intervenções arqueológicas na cidade passaram a abranger a preservação de algumas áreas arqueológicas que geram novos polos de atração, como é o caso da musealização

54. Via que ligaria *Bracara Augusta* a *Asturica Augusta*, por *Aquae Flaviae* (Chaves). (Martins, et al., 2010: 6)

Avenida da Liberdade



Fig.110 - Museu da Fonte do Ídolo

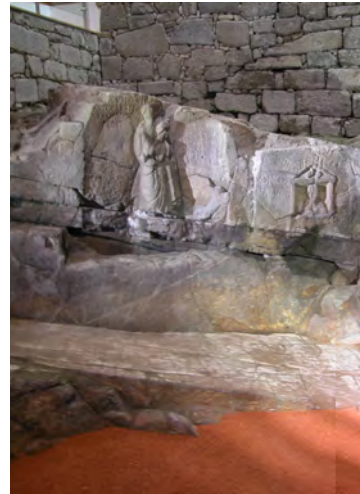


Fig. 111 - Fonte do Ídolo

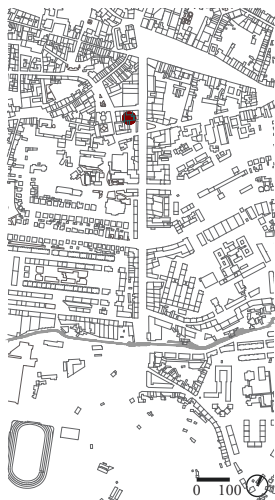


Fig. 112 - Vestígios arqueológicos (Liberdade Street Fashion)



Fig. 113 - Vestígios arqueológicos (construção do prolongamento do túnel)

da *Fonte do Ídolo* na Avenida da Liberdade, um projeto desenvolvido entre 2001 e 2004<sup>55</sup>.

Por outro lado, também se passou a proceder à catalogação e investigação de outros vestígios, resultando em dados “científicos inovadores referentes ao urbanismo, à arquitetura pública e privada, ao sistema hidráulico da cidade, às atividades económicas e ao mundo funerário” (Fontes, Martins, & Cunha, 2013: 82). Procedimentos estes que ocorreram nos trabalhos arqueológicos executados entre 2007 e 2008, durante as obras de interligação do túnel da Avenida da Liberdade ao parque de estacionamento do *Liberdade Street Fashion* que se encontrava em construção. Com o *Plano de Trabalhos* devidamente aprovado pela *Direção Regional de Cultura do Norte* e pelo *Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR)*, a Universidade do Minho procedeu à escavação, identificação e registo georreferenciado dos vestígios encontrados. Este levantamento que seguiu as normas do sistema regulamentar, permitiu comprovar a alta sensibilidade arqueológica desta área da Avenida. (Fontes, Martins, & Andrade, 2010: 4)

Quando pouco tempo mais tarde, deram início às obras de prolongamento do referido túnel, já se presumia encontrar mais vestígios. Os trabalhos arqueológicos que se realizaram ao longo desta obra contemplaram várias fases de execução e investigação, e acabaram por alterar o traçado do túnel, por consequência da “decisão de conservar in situ os vestígios arqueológicos de parte de um grande edifício da época romana identificados no lado sul do Sector C (Sondagens 5 e 7), cujo estado de conservação, monumentalidade e potencial científico foi considerado possuir grande valor patrimonial.” (Fontes et al., 2010: 9)

Podemos considerar que o reconhecimento e valorização do património arqueológico e a sua respetiva abordagem, desenvolvidos a par dos processos de democratização, alteraram os processos de urbanização na cidade, sendo hoje umas das principais condicionantes dos solos da Avenida da Liberdade. Neste contexto, a relação com a CEE e posteriormente com a União Europeia, foi essencial para o desenvolvimento e execução deste tipo de iniciativas, tanto pelo financiamento como pelas diretivas regulamentares que impõe.

Os projetos e programas desenvolvidos no âmbito da arqueologia urbana em Braga ao permitiram descobrir uma cidade romana “praticamente desconhecida até aos anos 70” (Fontes, Martins, & Cunha, 2013: 81), revelaram alguns dos estratos iniciais do processo de produção da cidade de Braga. Ao terem adquirido conhecimento sobre a cidade fundacional *Bracara Augusta* e a sua inerente evolução durante a *Antiguidade Tardia* e a *Alta Idade Média*, contribuíram para o enriquecimento da história da cidade e a criação de novos patrimónios na mesma. Estes vestígios que podem ser visualizados um pouco por todo o centro histórico em museus como a *Fonte do Ídolo*, ou em equipamentos como a pastelaria *Frigideiras do Cantinho* ou a *Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva*, influenciaram as memórias e vivências urbanas da cidade e, operam na estrutura identitária da população. Inclusive, a informação recolhida tornou-se mote para o desenvolvimento de atividades culturais e económicas como a Braga Romana, um evento anual que tem por base a demonstração de alguns aspetos da vida

55. Apesar de não se saber ao certo quando é que esta foi descoberta, estudos indicam que foi edificada no início do século I como um santuário associado ao culto da água. Está classificada como Monumento Nacional deste 1910.



Fig. 114 - Mapa turístico dos vestígios arqueológicos romanos de Braga

quotidiana destes períodos, sejam eles demonstrações musicais ou jogos. Deste modo, a consciencialização da informação recolhida com a arqueologia urbana influencia as memórias urbanas do centro histórico da cidade e, por inerência, da Avenida da Liberdade.



Fig. 115 - Avenida da Liberdade na década de 1980



### 2.3. A terciarização

Durante muito tempo, a crise económica e a falta de liberdade política foram alguns dos fatores que restringiram o consumo no panorama nacional. Com a adesão à CEE e a inerente liberalização da economia e globalização, novos produtos, valores e ideias entraram no país, tendo um forte impacto na oferta e na procura comercial. O progressivo aumento do poder de compra aliado à multiplicação e diversificação da oferta, não só alteraram os hábitos de consumo dos indivíduos, como também a forma dos espaços comerciais. Alterações sociodemográficas e tecnológicas como a inserção da mulher no mercado de trabalho e a banalização do acesso a eletrodomésticos de conservação alimentar, também contribuíram para alteração da estrutura de organização familiar e dos respetivos hábitos de consumo. Por outro lado, a evolução do comércio e dos serviços e da sua distribuição espacial em conjuntura com as alterações das condições de mobilidade vão romper com os tradicionais padrões de organização do comércio e redefinir as dinâmicas urbanas, relacionando-se diretamente com o processo de urbanização. (Salgueiro *apud* Maia, 2005: 71-77)

Estas alterações estruturais relacionadas com a atividade comercial e de serviços vão ser particularmente impactantes para a cidade apelidada de *Capital do Comércio* (Guimarães, 2014: 170). Apesar de Braga ser uma cidade eminentemente comercial desde a sua fundação, com a internacionalização económica e cultural nacional, e a respetiva liberalização do setor económico vividos com os processos de democratização, assistiu-se a uma mudança estrutural nas suas dinâmicas urbanas. A progressiva *terciarização* da cidade fez parte de uma estratégia municipal que visou o desenvolvimento da economia local, ao fomentar o crescimento da atividade comercial e de serviços (Maia, 2005: 53).

Se até à década de 1970, as dinâmicas urbanas de Braga dependiam completamente do centro histórico consolidado, a partir da década de 1980 vai ocorrer uma progressiva alteração desta estrutura. Até esta época, tanto as pessoas do meio rural próximo como do urbano, deslocavam-se ao centro da cidade para satisfazer as suas necessidades, entre elas, o consumo de bens e serviços. Existia uma predominância dos modelos de comércio retalhista à face da rua no centro. Com a introdução de novas formas de comércio na cidade, este deixa de se localizar apenas no centro urbano e passa a instalar-se nas avenidas – principais artérias de ligação regional – e nas novas urbanizações que surgiam então. Os novos estabelecimentos de consumo ao serem

Avenida da Liberdade

Gold Center  
Santa Cruz  
Galerias Bingo  
Rechicho

Granjinhos

Galerias Hotel  
Turismo

Este

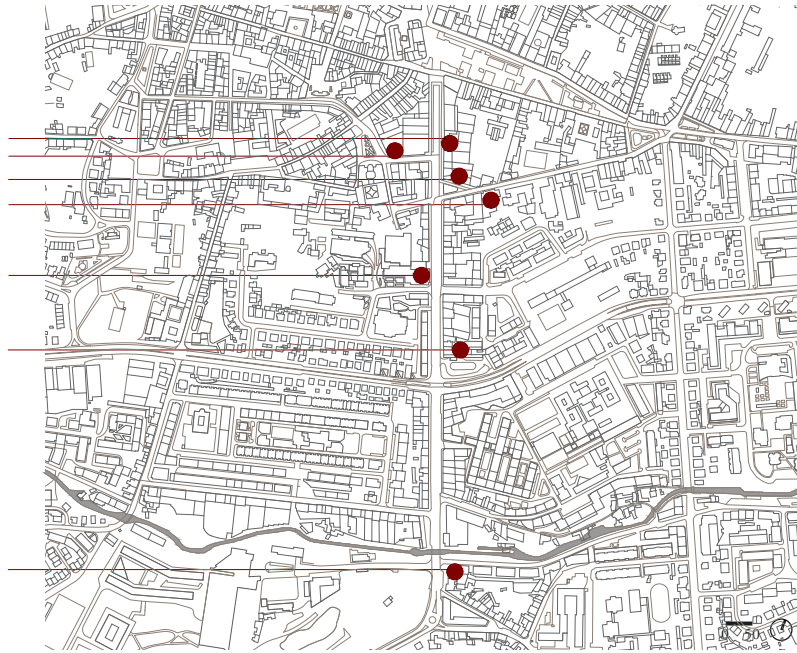


Fig. 116 - Galerias e centros comerciais de 1º geração associados à AL



Fig. 117 - Antigo Hotel Aliança



Fig.118-Centro Comercial Gold Center

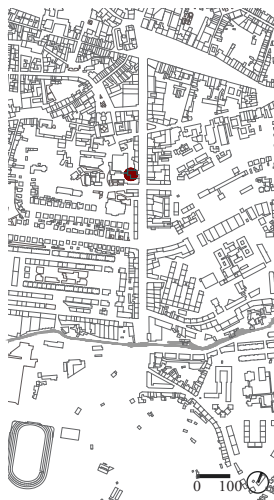


Fig. 119 - Centro Comercial Granjinhos

instalados nas áreas circundantes à cidade histórica, que se encontravam em processo de urbanização, vão instituir novas dinâmicas urbanas entre o centro e as periferias. Neste contexto, a Avenida da Liberdade sendo uma artéria de ligação ao centro da cidade, é naturalmente afetada por estas alterações urbanas associadas à terciarização. (Fernandes & Martins *apud* Maia, 2005: 90-91)

Começamos por refletir sobre as reformas espaciais geradas na Avenida pela inserção de novos modelos de distribuição e dinamização do comércio e serviços a partir da década de 80, que se associam à transformação das “franjas do núcleo consolidado” e ao preenchimento dos lotes interiores dos quarteirões de grandes dimensões (Maia, 2005: 91). Referimo-nos a programas arquitetónicos como os vulgarmente chamados *centros comerciais de primeira geração*, como o *Gold Center* (1977), *Rechicho* (1982), *Santa Cruz* (1985), *Granjinhos* (1987) e *Este* (1988); e às *galerias comerciais*, *Bingo* e do antigo *Hotel Turismo* (Guimarães, 2015: 322).

Estes centros comerciais localizados na Avenida, ou adjacentes a ela, apesar de possuírem características espaciais distintas entre si, refletem a introdução de novas formas de organização e produtividade de atividades económicas na cidade. Os métodos construtivos e a linguagem espacial promovem a eficiência e um maior aproveitamento do solo, pois existe uma ocupação vertical e uma concentração de estabelecimentos. Demonstram também uma preocupação em relação às acessibilidades, pois associados a alguns destes programas surgem parques de estacionamento que até à atualidade servem todo o centro histórico (Guimarães, 2015: 351-352).

O *Centro Comercial Gold Center* foi o primeiro destes exemplos a ser construído, pouco tempo depois da revolução. Voltado para a Avenida da Liberdade, onde se localiza a sua entrada principal, este volume entra em conformidade com a escala do edificado que o rodeia. Um edifício que veio substituir o antigo *Hotel Aliança*.<sup>56</sup> Possui sete pisos, dos quais os três primeiros são ocupados pela área comercial (-1, rés do chão e +1), o quarto piso corresponde a um cinema e os restantes, a área residencial. Na área comercial, o espaço é caracterizado por um corredor único central que estrutura a circulação vertical e horizontal e, permite o acesso às suas trinta e quatro lojas de pequena escala. Ainda que em alguns momentos haja espaços com pé direito duplo, a carência de aberturas e a respetiva falta de luz natural, fazem com que não haja uma relação visual com o exterior. A relação com a rua é apenas estabelecida no piso térreo, pois além de ser pavimentado com calçada – uma continuidade do pavimento exterior – é onde se localizam os cafés, que ao ocupar o vazio central com as suas esplanadas, tornam este piso um espaço de lazer, como se de uma praça se tratasse. Este equipamento também possui uma pequena porta no piso à face da rua, que lhe permite o acesso ao parque de estacionamento adjacente. (Carneiro, 2013: 121-130)

Um pouco mais a sul, localizado nos terrenos antes ocupados pela Igreja de São Lázaro e pelas edificações e respetivos logradouros da Rua dos Granjinhos, temos o *Centro Comercial dos Granjinhos* (1987). Um edifício que tanto pelo seu programa, bem como pela sua forma espacial, traduz a ânsia de um rompimento com o passado, uma nova expressão experimental de contraposição às normas estéticas da época. Este conjunto composto por um elemento vertical e outro horizontal, resulta da aglutinação

56. O projeto inicial do Hotel Aliança foi realizado em 1926 por Gaspar Dantas Aveiro. Em 1929 e 1931 foram feitas alterações ao projeto que foram atribuídas a João Moura Coutinho (AMB – OG8, Processo 63/926 *apud* Martins, 2010: 75). Este hotel foi demolido na década de 1970.



Fig. 120 - Loja de vestuário Jupial na Avenida da Liberdade

de volume. A composição volumétrica no espaço interior acaba por criar percursos e divisões irregulares, o que torna o seu interior uma espécie de *labirinto*. Possui sete entradas com configurações que variam consoante o espaço exterior com que se relacionam. É ocupado não só por área comercial e de serviços, mas também por área residencial e parquímetro subterrâneo. A sua composição geométrica gera sessenta e oito lojas de escalas e formas muito diversificadas. Apesar de toda a multiplicidade formal, existe uma uniformidade em todo o edifício devido à sua materialidade: pavimento em pedra bege, cerâmica amarela a revestir as paredes e a caixilharia e tetos verdes. (Carneiro, 2013: 131-141)

Destacamos estes dois exemplos entre todos pelo contraste que representam. Uma clara representação da evolução deste tipo de equipamentos, num curto período de tempo, visto que possuem apenas dez anos de diferença entre si. O Gold Center foi o primeiro centro comercial a ser construído na Avenida, ainda que mais pareça uma galeria pela escala, lotação e relação urbana. É um equipamento discreto que até passa despercebido, a não ser pela sinalética presente na sua fachada principal. Já os Granjinhos, possuem uma presença urbana completamente distinta, seja pela linguagem formal, seja pela escala do edifício. A sua alimetria sobressai comparativamente ao edificado do lado da Avenida em que se encontra, no entanto, esta característica acaba por refletir a escala do edificado que foi introduzida nos processos de reurbanização desta época. O Gold Center acaba por exemplificar o processo de *enchimento* de lotes profundos, enquanto os Granjinhos representam a renovação urbanística das franjas do núcleo consolidado.

Por outro lado e apesar das diferenças entre estes dois centros comerciais, quando circulamos nos mesmos apercebemo-nos de alguns padrões comuns à época, como as semelhanças na escala dos espaços de circulação e das lojas. Ainda que nos Granjinhos seja possível encontrar exceções, na sua maioria, as lojas são de pequena dimensão, um resultado da rentabilização do espaço. Estes centros comerciais representam a concentração de unidades funcionais localizada no centro da cidade, enquadrados na malha urbana, que caracterizavam Braga no início da década de 1990.

Ao longo da década de 1980, Braga presenciou um crescimento global das atividades, uma crescente tendência do comércio e das profissões liberais, além da reformulação dos serviços financeiros e das adaptações que o comércio retalhista sofreu ao adaptar-se às novas tecnologias, produtos, exigências e produções em série (Salgueiro *apud* Maia, 2005: 176-177). Perante estes processos de transformação do tecido comercial, na Avenida da Liberdade surgiram progressivamente estabelecimentos que refletem uma especialização nos serviços privados e no sector do comércio. Relativamente aos serviços privados, talvez pela proximidade ao Hospital de São Marcos, ocorreu uma aglutinação de equipamentos ligados à saúde, como laboratórios de análises clínicas e consultórios de diferentes especialidades. Quanto ao comércio, na Avenida da Liberdade aumentaram os espaços de alojamento, restauração e venda de artigos pessoais como casas de vestuário e lojas de discos, e dos espaços relacionados com transportes e combustíveis como stands e serviços de reparação. Estas transformações do tecido comercial, no entanto, acabaram por provocar a “diminuição de funções com marcas de ruralidade e de outras remanescentes da indústria artesanal que têm as suas origens nas corporações de artes e ofícios” (Maia, 2005: 186).

O governo desempenhou um papel relevante neste processo de transformação

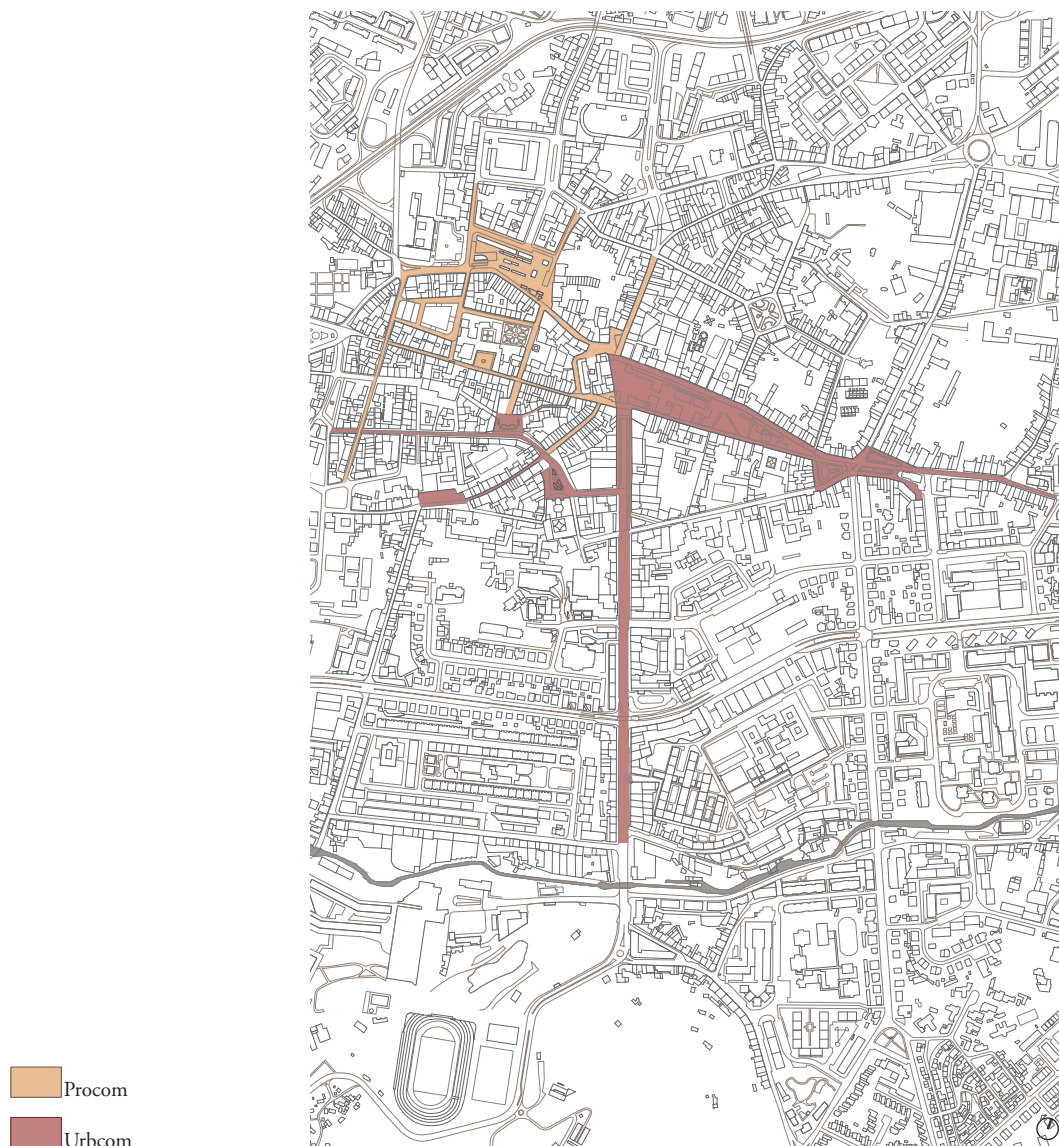


Fig. 121 - Zonas de intervenção dos programas Procom e Urbcom



Fig. 122 e 123 - Campo da Vinha antes e depois da intervenção

do sector comercial das cidades pelo conjunto de medidas regulamentares que implementou e pelos programas de urbanismo comercial que promoveu. Uma das medidas em questão foi a “obrigatoriedade da autorização prévia para os estabelecimentos e conjuntos comerciais de maior dimensão”, que teve inspiração na Lei *Royer* aplicada em França.<sup>57</sup> Dos programas desenvolvidos a nível nacional, destacamos o *Programa de apoio à modernização do comércio (Procom)* da década de 1990, e o *Sistema de incentivos a projetos de urbanismo comercial (Urbcom)* levado a cabo na década de 2000. Estes programas possuem os mesmos princípios de intervenção e acabam por refletir um novo modelo de regeneração urbana, pois não só disponibilizaram fundos para a modernização, reabilitação e promoção dos estabelecimentos comerciais, como também abrangeram os espaços públicos-alvo. Representam a estratégia de intervenção praticada por mais de uma década em Portugal nas áreas de comércio tradicional e, “foram considerados relevantes na regeneração de diversos centros de comércio das cidades em Portugal” (Guimarães, 2016: 49). É também relevante referir que ambos foram financiados pelas verbas dos apoios comunitários europeus. (Guimarães, 2016: 49-54)

Braga foi das poucas cidades a nível nacional que usufruiu de ambos programas, já que a grande maioria apenas executou apenas um deles. O Procom foi aplicado em parte do centro histórico, onde se centralizava a atividade comercial da cidade (ACB *apud* Guimarães, 2016: 56). Veio complementar as intervenções que o *Gabinete Técnico Local* (1985) e a *Divisão de Renovação Urbana* (1991) já vinham a desenvolver nesta área, como retirar o trânsito viário de ruas, tornando-as exclusivamente pedonais. Além das intervenções no espaço urbano, foi desenvolvido um plano de animação e promoção comercial da área. Este programa também permitiu a modernização dos equipamentos comerciais, seja pela renovação do espaço físico, seja pela renovação das técnicas de venda e captação de capital – publicidade e marketing - e pelo investimento no capital humano dos trabalhadores e empresários do sector (CMB *apud* Guimarães, 2016: 55).

O Urbcom surgiu para complementar as intervenções do seu antecessor, ainda que com menor relevância pelo seu orçamento inferior. Em Braga, este programa foi aplicado às áreas do centro histórico que ficaram de fora do Procom, fomentando assim a sua renovação urbana e a modernização comercial. Um destes espaços-alvo foi a Avenida da Liberdade. Na Avenida, do ponto de vista da modernização de estabelecimentos comerciais, a influência do programa foi pouco impactante devido à baixa adesão que teve, já que apenas foram apoiados cinco num total de centro e três estabelecimentos existentes. Estes valores da Avenida traduzem o panorama global do programa na cidade, uma vez que houve apenas uma taxa de adesão de 6,7% em toda área de intervenção, o que contraria a previsão inicial de 43%.

Já a construção do túnel viário de ligação entre o Campo da Vinha e a Avenida da Liberdade e a inerente transformação dos circuitos de deslocação da cidade, aquando do Procom, demonstrou-se muito mais relevante. Uma redefinição que se aplicou também aos transportes públicos, pois estes alteraram os seus percursos e transferiram algumas paragens para junto da saída do túnel na Avenida. Uma vez que o atravessamento da zona central da cidade passou a ser facultativo. Esta transformação

57. A Lei *Royer* foi implementada em França em 1973 e, teve como objetivo controlar o crescimento dos estabelecimentos comerciais de maior dimensão como os hipermercados (Guimarães, 2016: 64).

Avenida da Liberdade

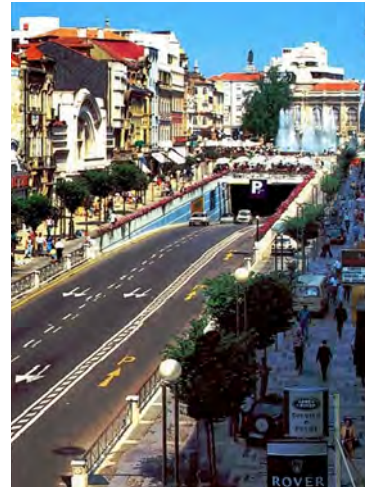


Fig. 124 e 125 - Avenida da Liberdade antes e depois da intervenção

Braga Parque



Minho Center

Fig. 126- Esquema do sistema comercial urbano policêntrico



que vai ao encontro da estratégia de diminuição do trânsito automóvel do centro que, apesar de ser à altura entendida como positiva “acabou por significar uma ruptura com os hábitos de circulação existentes até há pouco tempo” e assim, influenciar a vitalidade do centro histórico. (Guimarães, 2015: 338-351)

No entanto, estes programas que procuraram reforçar e modernizar a centralidade desta área urbana, acabaram por se revelar pouco eficientes a longo prazo, apesar da perceção positiva que têm. Mesmo que se tenham cumprido os objetivos da Associação Comercial e da Câmara Municipal de renovação urbana, “a postura adoptada foi de mera resistência interna face às alterações no sector comercial, não levando em consideração a natural evolução da área”. Embora estes projetos tenham acelerado o processo de modernização da estrutura comercial, não se demonstraram essenciais para a sua execução, pois não tiveram em conta a rápida transformação do sector do comércio e da própria cidade. Ou seja, as dinâmicas urbanas e os respetivos problemas na época em que delimitaram a estratégia de intervenção, já eram diferentes quando os programas se executaram, comprometendo assim a sua eficiência. (Guimarães, 2016: 61-62)

No final da década de 1990, período de execução do Procom, apesar do centro permanecer como principal destino comercial de Braga, já eram visíveis transformações na estrutura urbana que evidenciaram o desfasamento face à reorganização do comércio à escala urbana. A descentralização da atividade comercial consequente das novas urbanizações, em particular a do Vale de Lamações e, do aparecimento do *Minho Center* (1997) e do *Braga Parque* (1999), centros comerciais de grande dimensão localizados na periferia e não no centro da cidade. Estes novos centros comerciais são de uma tipologia e morfologia completamente distinta dos apoiados pelo Procom e Urbcom, além do tipo de comerciantes que aloja e da dimensão dos espaços. Ao contrário do Gold Center e dos Granjinhos são espaços desenhados para serem acessíveis para automóveis pela facilidade de estacionamento que possuem e pela localização próxima das grandes artérias urbanas (Fernandes *apud* Maia, 2005: 104), o que os tornou polos concorrenciais ao centro da cidade. O Braga Parque surge adjacente ao *Feira Nova*, o primeiro hipermercado da cidade construído em 1989 e localizado junto ao novo eixo estruturante da cidade, a Avenida Paulo Júlio Fragata (Guimarães, 2015: 322). Por outro lado, a conclusão da autoestrada nº3 no final da década de 1990 também interferiu na estrutura da atividade comercial de Braga. Esta via ao permitir a ligação rápida entre Braga e o Porto, aumentou a concorrência do centro. (ACB *apud* Guimarães, 2016: 55)

O desenvolvimento de novas formas de urbanização e mecanismos de mobilidade contribuíram para a descentralização das dinâmicas das atividades económicas e culturais. O centro histórico compacto “deixou de ser o princípio de organização e expansão urbana (do modelo centro – periferia) para ser parte do sistema urbano policêntrico” (Domingues *apud* Queirós, 2015: 26). As implicações na Avenida da Liberdade são patentes. Quando comparamos os dados de 2005 com os de 2014, podemos verificar que há uma diminuição do número de estabelecimentos comerciais na Avenida e um aumento da taxa de desocupação. À exceção do seu troço norte, a Avenida passou a ser considerada como uma zona pouco apelativa a grandes investimentos, o que a tornou propícia à fixação de pequenas empresas com pouco capital. Este aspeto afeta a viabilidade de investimento nesta zona urbana e contribui para o aumento da taxa de rotação dos equipamentos (Guimarães, 2015: 361-365). Esta problemática é claramente visível no estado de abandono atual dos centros

Avenida da Liberdade



Fig. 127 - Avenida da Liberdade (quarteirão dos CTT)



Fig.128 - Liberdade Street Fashion (antigo quarteirão dos CTT, 2019)

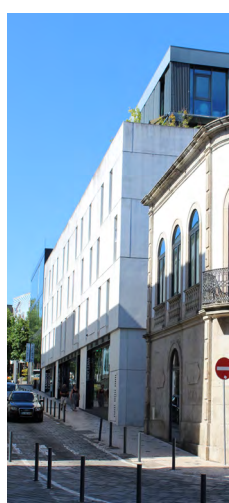


Fig.129, 130 e 131 - Liberdade Street Fashion (relação urbana, 2019)

comerciais de primeira geração reminiscentes (Carneiro, 2013: 53). Ainda que estes se mantenham em funcionamento, todos apresentam uma elevada taxa de desocupação e pouca vitalidade. A alteração da localização de alguns serviços, como o Hospital em 2011 para a periferia da cidade, também contribuiu para a diminuição da vitalidade da Avenida e do centro histórico. Tanto ao nível dos fluxos de mobilidade de pessoas, como na diminuição de estabelecimentos comerciais (Guimarães, 2015: 365).

Por outro lado, nesse mesmo ano, foi inaugurado um novo centro comercial na Avenida, o *Liberdade Street Fashion*. Fruto de um investimento privado, o programa de equipamento inclui comércio, escritórios, habitação e parque de estacionamento subterrâneo e ocupa todo o antigo quarteirão dos CTT. O projeto do arquiteto Gonçalo Byrne, mantém algumas das fachadas pré-existentes, incluindo a do antigo edifício dos CTT, que contrastam com a materialidade envidraçada dos novos volumes. Por estar envolto de espaço público pedonal, o comércio *trendy*<sup>58</sup> à face da rua acaba por ser favorecido. A abertura das frentes de loja deste equipamento atenuou os valores decrescentes da estrutura comercial da Avenida da Liberdade (Guimarães, 2015: 362). Este equipamento fruto de uma estratégia público-privada, procura tornar-se um instrumento central para mobilizar a renovação urbana desta zona da cidade. A sua polivalência programática e linguagem espacial diferenciada – quando comparado ao contexto onde está inserido – procuram ser inovadoras e atrativas de modo a impulsionar investimento para a Avenida da Liberdade. Inclusive, muitas das respostas obtidas ao nosso questionário identificaram este equipamento como um dos edifícios que melhor refletem o processo de transformação da Avenida da Liberdade, pelo diálogo entre o moderno e o antigo que sua materialidade compreende e, pelo seu programa. Este equipamento representa a contínua implementação de novas estratégias de renovação urbana, e a inerente importância que a atividade comercial possuiu nesses processos.

Apesar da descentralização da atividade comercial de Braga, o centro histórico da cidade, em particular a Avenida da Liberdade, permanece como um dos principais destinos do comércio e de lazer. Um espaço composto por lojas de pequena dimensão, por pequenos retalhistas, pela relação próxima com o comerciante, por feiras e mercados, até por vendas ambulantes, mas também por lojas *trendy*, internacionais, *franchising* e de grandes cadeias de distribuição.

Ainda que a atividade comercial da Avenida tenha sido alvo de muitas transformações nas últimas décadas, esta permanece como uma das camadas de significação deste espaço urbano. O comércio e os serviços da Avenida permanecem como parte das memórias urbanas dos praticantes da cidade, mesmo que agora existam mais polos comerciais. As respostas obtidas nos questionários permitem-nos relacionar o comércio e os serviços com as memórias e vivências da Avenida da Liberdade, uma vez que muitas das respostas recolhidas associam-na a um lugar de compras e de serviços. A passagem pela Avenida da Liberdade, está muitas vezes acompanhada de idas às lojas comerciais ou aos serviços que nela estão localizadas.

Dada a importância que este setor económico desempenha para a vitalidade da Avenida da Liberdade e do centro histórico da cidade, nas últimas décadas, este tem sido um dos motes de atuação das iniciativas públicas e privadas. Ou seja, a promoção da atividade comercial e dos serviços têm sido uma das estratégias levadas a cabo pelo sector privado e político para a revitalização urbana e a atratividade comercial do centro

58. Lojas comerciais que se enquadram em tendências de consumo.



Fig. 132 - Comércio de rua na Avenida da Liberdade (2019)

histórico de Braga, uma vontade contínua de fazer com que esta zona da cidade seja central e continue a ser central.



Fig. 133 - Vista da cidade do miradouro do Santuário do Bom Jesus do Monte

#### 2.4. Braga sempre a crescer<sup>59</sup>

*“Todavia, esse manto verde que envolvia a urbe e a separava do santuário, transgredido somente pelo tentáculo da rua-estrada de Nova de Santa Cruz até aos Peões, deu lugar a um continuum urbanizado que hoje se estende pela encosta acima até ao regaço do observador.”*

(Bandeira, 2010: 25-26)

Esta descrição da cidade de Braga, sob o ponto de vista de observação do *canudo do Bom Jesus*<sup>60</sup>, reflete as transformações da paisagem bracarense consequentes da metamorfose dos processos de urbanização da cidade das últimas décadas. Tanto a *urbanização extensiva* e a simultânea *desruralização*, como as alterações dos padrões de *mobilidade*, são processos essenciais para a compreensão da condição atual do território de Braga, visto que romperam com a estrutura histórica da cidade, ao diluírem e expandirem os limites do tecido urbano.

Tal como já abordado anteriormente, com os processos de democratização, houve uma redefinição das condições económicas, culturais e políticas da sociedade que desencadearam alterações profundas na condição política e social das cidades portuguesas. Visando a solução dos problemas económicos e sociais nacionais, proliferou-se a procura pela melhoria da qualidade de vida tendo por base um sistema económico liberal, o que levou à *procura pela cidade*. Um conceito que se refere não só ao acesso à vida e à cultura urbana, mas também ao direito à equidade e diferença (Fortuna, 2009). Esta *urbanização da sociedade* alterou as dinâmicas nacionais de territorialização, através da *desruralização*, da *litoralização* e do aumento demográfico urbano<sup>61</sup> (Bandeira, 2010: 27). Estes fenómenos, apesar de já acontecerem desde a

59. *Slogan* de uma das campanhas eleitorais à presidência da CMB, utilizado pelo engenheiro Francisco Mesquita Machado. (Bandeira, 2010: 26) É relevante informar que este foi o presidente da autarquia desde 1976 até 2013.

60. O *canudo* refere-se ao telescópio turístico do *Santuário do Bom Jesus*, um ponto de observação que permite ver toda a cidade e o contexto regional onde esta está inserida. A esta vista panorâmica está associada a expressão popular *ver Braga por um canudo*. (Bandeira, 2010: 25)

61. Ao longo da década de 1970, o concelho de Braga teve um crescimento demográfico de cerca de 26%. Na década de 1990 esse valor ronda os 16%. Entre 1960 e 1991, a taxa de variação de habitantes no concelho foi de 110,6%. (Maia, 2005: 53)

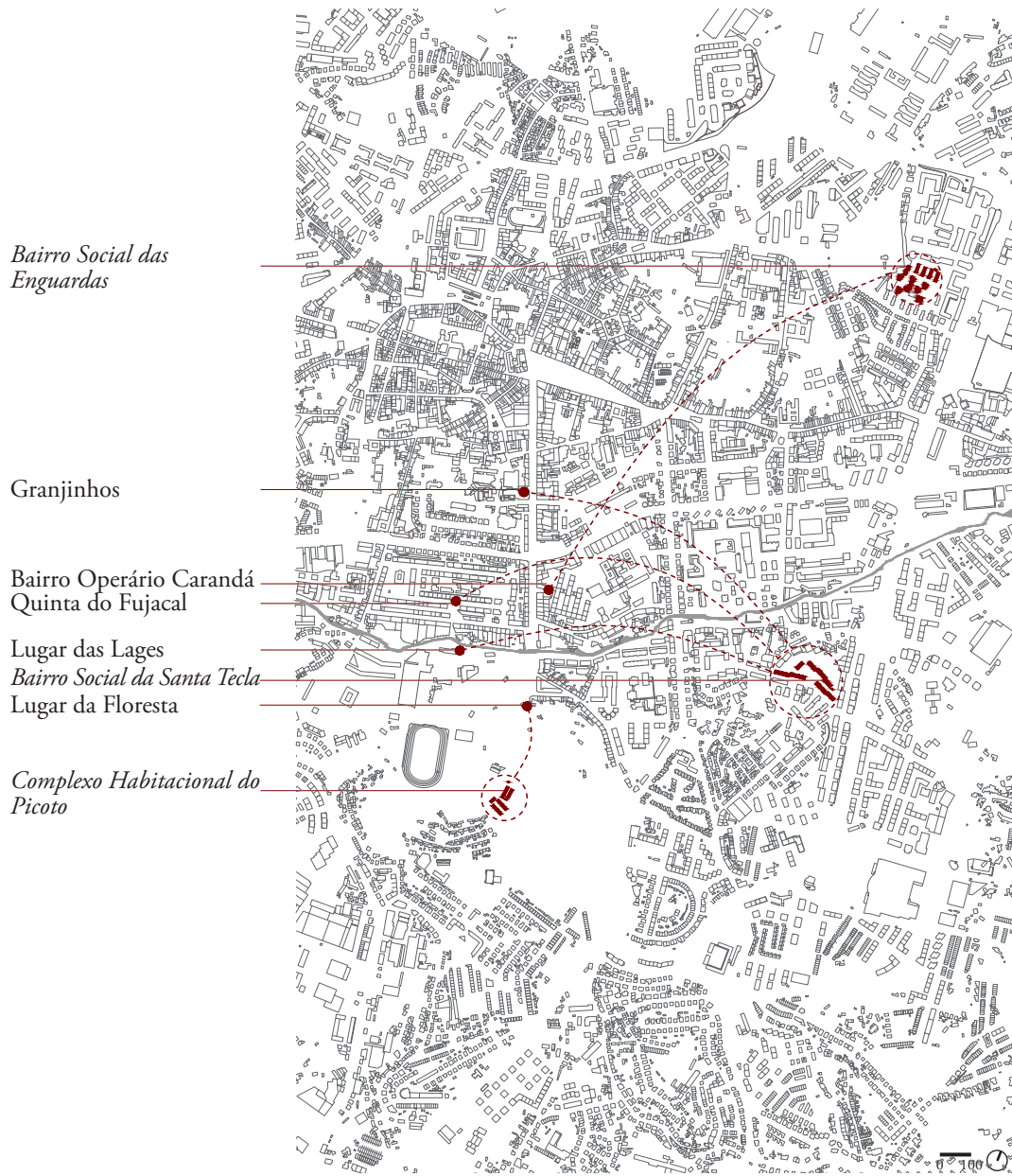


Fig. 134 - Esquema dos projetos de realojamento para os Bairros Sociais



Fig.135 - Vista aérea da reurbanização do Fujacal, do Carandá e do Lugar das Lages



década de 1960, ganharam um novo impulso a partir da implantação da democracia (Maia, 2005: 53).

Este progressivo crescimento da população nos territórios urbanos, aliado ao compromisso político do Estado democrático em conceder habitação condigna a toda a população e, à situação de desigualdade nas condições de habitação entre os diferentes grupos da sociedade portuguesa produzida ao longo do Estado Novo, contribuíram para um cenário de promoção de habitação. Perante a emergência desta problemática, as autarquias desenvolveram políticas urbanas que fomentaram o crescimento do parque habitacional.

Numa primeira instância, a estratégia adotada pela Câmara Municipal de Braga incluiu dar continuidade a projetos herdados do regime anterior, ainda que com maior proeminência. Isto é, deram seguimento à construção e conclusão de projetos de loteamentos privados ou de habitação social e à aquisição de terrenos para depois disponibilizarem-nos a preços baixos. (Bandeira, 2015:18)

Foram desenvolvidos projetos de realojamento da população que vivia em habitações precárias ou de ocupação informal para novos bairros de habitação social. Estes complexos habitacionais destinaram-se às famílias com situações económicas deficientes e à comunidade cigana da cidade que viviam em edificado considerado precário. (Transcribers, 2018: 78-79)

Na Avenida da Liberdade ou nas suas proximidades, este projeto levou à demolição das habitações localizadas na rua dos Granjinhos, do *Bairro Operário Araújo Carandá*<sup>62</sup> e da *Ilha das Devesas*; além das ocupações informais que existiam na *Quinta do Fujacal*, no *Lugar das Lages* e no *Lugar da Floresta*. (Transcribers, 2018: 78-79)

As pessoas que residiam no *Bairro Araújo Carandá* foram transferidas para o *Bairro Social das Enguardas* (1978), nos terrenos da antiga *Quinta dos Congregados*. Já os antigos habitantes dos *Granjinhos*, do *Fujacal* e das *Lages* foram recolocados no *Bairro Social da Santa Tecla* (1979), na antiga *Quinta de Santa Tecla*. Por último, os residentes do *Lugar da Floresta* foram realojados no *Complexo Habitacional do Picoto* (1998), construído sobre a antiga Pedreira do Picoto<sup>63</sup>. Aquando da sua construção, estes três complexos habitacionais compostos por blocos de densidade média, localizavam-se na periferia da cidade. É também relevante comentar que estes projetos são caracterizados por um conjunto de edifícios que são desenhados segundo uma lógica compositiva de repetição modular das diferentes tipologias, T2, T3 e T4. (Transcribers, 2018: 78-93)

Já o edificado remanescente foi destruído e substituído por novas urbanizações que favoreceram os padrões de habitação e, em alguns casos, incluíram equipamentos comerciais e serviços. Tal como já referimos no subcapítulo anterior, os *Granjinhos* deram lugar a um centro comercial. No caso do *Fujacal* e do *Carandá*, foram edificados complexos residenciais de iniciativa privada. As demolições do *Lugar da Floresta* permitiram a desocupação do *Parque da Ponte*. Por último, o *Lugar das Lages* passou a albergar um complexo cultural e desportivo desenhado pelo arquiteto Gonçalo Byrne,

62. Este foi o primeiro conjunto habitacional construído com uma finalidade social que consta indicado na série das Obras Urbanas. O Bairro Democrático foi aberto em 1876, e passou a denominar-se Bairro Araújo Carandá em 1914. Ainda que a sua demolição tenha sido aprovada em 1968, esta só foi executada em 1978. (Bandeira, 2001: 509-510)

63. Atualmente, estes três bairros são propriedade e estão ao encargo de uma empresa municipal, a *Braga Habit*.



Fig. 136 - Escola Secundária André Gomes (antiga escola preparatória)



Fig. 137 - Plano de Reestruturação do Território (1982)

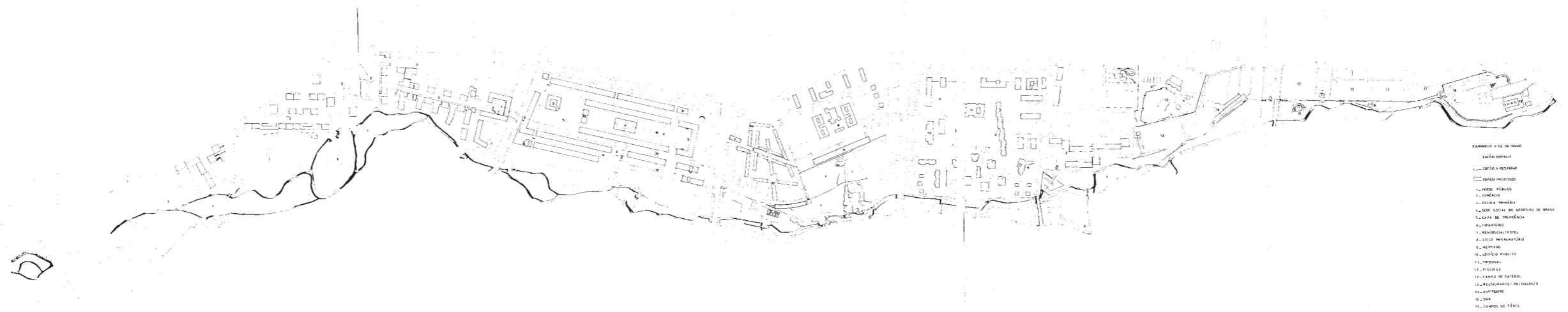


Fig. 138 - Plano de Reestruturação do Território (1982) da zona junto ao rio Este

o *Pavilhão de Exposições* (1979-1987). (Transcribers, 2018: 80-81)

Estes três bairros contribuíram para a construção social do tecido urbano bracarense e refletem a sua segregação espacial. Por serem ocupados na sua maioria por comunidades de etnia cigana, ao longo do tempo, estes complexos foram sendo estigmatizados e hoje “lidam com uma série de problemáticas, rumores e preconceitos que impedem a possibilidade de uma melhor integração dos seus habitantes nas estruturas existentes de Braga” (Trancibers, 2018: 13).

Por outro lado, estas novas urbanizações também nos permitem refletir sobre um outro aspeto das transformações do tecido urbano bracarense, que aconteceu após a implantação da democracia: a transformação do cinturão agrícola que existia entre a *rodovia* e o *rio Este*, em território urbanizado. Visto que o eixo definido “pela veiga do rio Este, entre Maximinos e Santa Tecla, pelo eixo meridiano Enguardas/Nogueira”, constituiu-se como o principal quadrante de crescimento urbano até ao final do século XX (Bandeira, 2015: 19). Durante a década de 1970, construiu-se dentro dos limites da *rodovia*, que funcionava como uma *muralha* de contenção do crescimento urbano. Na década seguinte, além continuação da ocupação dos vazios urbanos dentro do perímetro desta via, foram definidas através de um plano de pormenor, as áreas destinadas a serem urbanizadas fora desse limite (Brito *apud* Queirós, 2015: 20). A este cenário de expansão urbana a sul da cidade, podemos associar o *Plano de Reestruturação do Território Municipal (PRTM)* desenvolvido em 1982.<sup>64</sup>

O plano em questão propunha a urbanização dos terrenos das antigas quintas agrícolas – como a Quinta de Sottomayor - através de loteamentos destinados à habitação, à atividade comercial e industrial, e a equipamentos públicos como o tribunal, escolas e um complexo desportivo. Inclusive, os espaços destinados à prática desportiva estão inseridos num *corredor* verde que se estende junto às margens do rio. Este plano também tem em consideração a circulação automóvel, pois reconfigura algumas ruas de modo a estas assumirem-se como eixos que permitem a ligação à cidade (Amaro, 2016: 17-18). É também relevante referir o ponto de partida deste plano de expansão, gerou-se em torno da antiga *Escola Preparatória André Soares* (1971), a leste da Avenida da Liberdade. As urbanizações que se criaram na envolvente deste equipamento marcam o início da proliferação do edificado com maior escala volumétrica e altimétrica que aconteceu a partir da década de 1980.

Segundo Bandeira (2015: 65), as urbanizações inerentes a este plano exemplificam o período de transição “em que as urbanizações deixam de ser organizadas em função da centralidade de um equipamento coletivo para passar a ser, nas décadas seguintes, um loteamento cujos equipamentos coletivos são subseqüentes aos alojamentos habitacionais.”

A esta alteração das formas dos processos de urbanização podemos associar a alteração das premissas de gestão do território por parte da autarquia, principalmente após a introdução dos *Planos Diretores Municipais* (PDM) em 1982. Este instrumento de gestão do território sustentava “um intervencionismo do tipo *solicitação-resposta*”, que favorecia as dinâmicas de extensão da malha urbana e de captação de empreendimentos públicos ou privados de grande dimensão. Ainda que o PDM de Braga tenha sido

64. Ainda que a CMB tenha aberto um concurso em 1978 para a elaboração do *Plano Geral de Urbanização*, só houve a aplicação de algum tipo de Plano com o PRTM. (Amaro, 2016: 17)

Avenida da Liberdade



Fig. 139 - Vista da cidade a partir do Monte Picoto na década de 1960



Fig. 140 - Vista da cidade a partir do Monte Picoto na década de 1980



Fig. 141 - Vista da cidade a partir do Monte Picoto na atualidade

apenas aprovado em 1994, o modelo adotado privilegiava a construção civil ao apresentar uma grande oferta de solo urbanizável e por apenas regulamentar aspetos das volumetrias construtivas e da classificação dos solos (Maia, 2005: 60). Este tipo de PDM expansionista, apresentou por norma dificuldades em evitar os crescimentos e renovações desregulados da mancha urbana (Portas *apud* Maia, 2005: 63; Bandeira, 2015: 19).

Na década de 1990, o crescimento do tecido urbano bracarense, além de ter passado pela consolidação das urbanizações da década anterior, passa a estender-se para Leste, pelas Avenidas Padre Júlio Fragata e Frei Bartolomeu dos Mártires, e para Norte pela Avenida António Macedo (Bandeira, 2015: 19). Destacamos o *Projeto do Vale de Lamações* (1989) que surge inserido neste contexto. Este plano além de ter gerado uma das urbanizações mais densas da cidade, permitiu a fixação de grandes superfícies comerciais, frutos da globalização comercial. Esta zona também possui uma localização privilegiada a nível infraestrutural, pela proximidade que tem com a circular urbana, uma das mais importantes vias de acessibilidade rodoviária da cidade. Esta *nova* cidade a Leste é produto dos processos de suburbanização, fomentada pela alteração dos padrões de mobilidade e pela proliferação do fácil acesso à habitação. (Maia, 2005: 75-76)

O desenvolvimento da importância da rede infraestrutural da mobilidade física e social nos modos de vida contemporâneos, provocada pela proliferação das técnicas de transporte e informação e pela infraestruturização do território, alteraram as formas de territorialização. Ou seja, o crescimento do próprio sistema viário, fomentado pela autarquia, o aumento dos fluxos dos movimentos pendulares, o desenvolvimento dos sistemas de transportes públicos e a banalização do acesso ao automóvel particular, irão contribuir para a alteração da lógica de crescimento e circulação da cidade. As alterações dos padrões de mobilidade, ao possibilitarem novas formas de territorialização, permitem a pulverização do território e a descontinuidade do tecido urbano (Domingues *apud* Queirós, 2015: 26). Assim, o sistema radial viário centralizado no centro histórico passa a ser sobreposto por uma nova rede infraestrutural que irá contribuir para a descentralização e fragmentação da cidade (Queirós, 2015: 20-22). A rede infraestrutural de mobilidade física e imaterial passa a ser o principal dispositivo de transformação do território (Rodrigues *apud* Queirós, 2015: 26).

Por outro lado, as alterações dos padrões de residência também interferiram nos processos de transformação do território. Se na década de 1980 houve um forte crescimento do número de alojamentos familiares no concelho de Braga, na década de 1990 esse desenvolvimento foi ainda mais intensificado. Em 2001, os alojamentos familiares sofreram um aumento de 47% relativamente a 1991. Os valores demográficos não acompanham esse crescimento, no entanto. O ritmo de desenvolvimento do número de alojamentos era superior ao das famílias. A proliferação do princípio da propriedade privada, o fácil acesso ao crédito da habitação proporcionado pela queda das taxas de juro das instituições bancárias e apoiada pelo Estado, aliados à vasta oferta imobiliária de Braga fomentada pelas políticas camarárias, irão fomentar o crescimento do parque habitacional. Neste processo, o aumento do poder de compra, a diminuição do agregado familiar, *a procura pelo novo* e o inerente desapeço pelo edificado considerado desatualizado, a inserção de novos formatos comerciais e de serviços, também irão contribuir para a multiplicação de novos alojamentos. (Maia, 2005: 71-75)



Fig. 142 - Vista das urbanizações do Vale de Lamas a partir do Monte Picoto na atualidade

*“Braga despontou assim para a democracia como uma cidade deslumbrada pelo alojamento barato, promovida no aparato da mobilidade social e enfardada com a fatura do consumo a que agora podia aceder. Sublinhe-se, muito por estímulo de um intervencionismo autárquico activo, abonado de recursos e autonomias crescentes, incontornável na criação de emprego directo e indirecto, bem ainda como na capacidade inédita de promover a animação da economia através das obras públicas intensivas.”*

(Bandeira, 2010: 28)

O problema social da habitação deixou de ser o mote de desenvolvimento do número de alojamentos familiares na cidade, para dar lugar às necessidades despoletadas pela alteração dos padrões de consumo da sociedade e, em prol dos benefícios económicos do mercado imobiliário (Bandeira, 2010: 27). A inserção da propriedade horizontal foi seguida pela aquisição da casa unifamiliar. Foram desenvolvidos prédios e loteamentos *desgarrados* do tecido urbano consolidado. Esta dispersão do tecido urbano aliada ao aumento da mobilidade, onde o planeamento e a gestão do território não foram eficientes, vão promover o aumento das desigualdades e da segregação espacial. Se por um lado temos as moradias unifamiliares ou prédios de habitação coletiva providos de todos os luxos que deram origem a zonas como a *favela dos ricos*, por outro temos o incremento da marginalização e estigmatização de outras zonas da cidade como os três bairros sociais que abordamos no início deste subcapítulo.

Esta fragmentação e descontinuidade urbana, fruto da rápida urbanização extensiva, além de ter criado inquietações associadas aos custos de infraestruturização e de transporte público, gerou outras inquietações como a carência de espaços públicos e a negligência de infraestruturas coletivas, fomentando assim um modo de vida mais individualista. A *favela dos ricos* que nos referimos anteriormente, é um exemplo de expansão urbana que reflete estas problemáticas. Visto que se trata de uma frente de urbanização pela encosta do Bom Jesus, produto do plano urbano informal, caracterizado pela proliferação de moradias geminadas ou *em banda*, pela carência de espaços públicos e pelo “aproveitamento intensivo dos espaços sobrantes”. Na sua maioria, estas moradias unifamiliares possuem um ou dois pisos, com espaço ajardinado, onde a presença das piscinas é frequente, e possuem uma vista panorâmica para o centro da cidade. (Bandeira, Veiga, & Veiga, 2018: 780) Estas habitações por terem ocupados antigos terrenos agrícolas, também nos permitem abordar a temática da *desruralização* e da inerente diluição entre o *urbano* e o *rural*.

Se antes dos processos de democratização, os limites da cidade eram claros, com a urbanização extensiva e a concomitante desruralização, estes limites alargaram-se e diluíram-se no território. A dicotomia cidade-campo difundiu-se e o urbano deixa de ser coincidente com a forma física da cidade, da *urbe* (Domingues *apud* Queirós, 2015: 25). Tal, também é visível na apropriação das margens das estradas/ruas nacionais de ligação à cidade e nas novas *polaridades* geradas pela concentração de atividades económicas junto a nós viários.

A alteração dos padrões de mobilidade e o inerente aumento do fluxo dos movimentos pendulares da cidade, foram fatores determinantes para a progressiva fixação de atividades e de habitação ao longo destas infraestruturas viárias. Os pequenos



Fig. 143 - Vista aérea do território urbanizado de Braga na atualidade



comércios e serviços que se foram disseminando entre as novas habitações e os territórios agrícolas, foram ocupando as estradas de ligação a cidades e vilas próximas, como uma espécie de *cidade em linha*. Este tipo de urbanização é caracterizado por construções de grande variedade de escala, de tipo e de continuidade, ou seja, tão depressa podemos encontrar um bloco de apartamentos como uma habitação com dois pisos onde o rés-do-chão é comercial ao longo destas vias. (Domingues *apud* Queirós, 2015: 35-37)

Já as novas centralidades estabelecidas pela concentração de atividades e funções, são consequência da alteração dos fatores de fixação. Isto é, a necessidade de maior área de implantação, maior acessibilidade e a proximidade funcional, são os fatores de atratividade que geraram polarizações tanto de serviços e equipamentos de grande escala como de parques industriais ou empresariais. (Domingues *apud* Queirós, 2015: 38-39)

Estas novas polaridades estão inerentes à alteração da estrutura histórica da cidade. O centro histórico deixou de ser o único centro da territorialização e organização social, para fazer parte de uma estrutura urbana policêntrica. Isto é, o centro histórico consolidado, inclusive a Avenida da Liberdade, deixam de ser “o princípio de organização e expansão urbana (do modelo centro – periferia) para ser parte do sistema urbano policêntrico.” (Queirós, 2015: 26). Esta despolarização urbana contribuiu para a perda de importância do centro histórico e da Avenida da Liberdade nas estruturas urbanas, influenciando alterações nas dinâmicas urbanas desta zona da cidade. Na Avenida foi sentido um progressivo *abandono*, visível tanto no envelhecimento e desocupação do edificado, com também na diminuição dos fluxos de movimento urbanos. Ainda que este tenha sido atenuado pelas políticas urbanas fomentadas pela autarquia que procura fomentar a reinvenção desta zona da cidade.

Inclusive, numa das observações participantes realizadas, tivemos uma conversa com os lojistas da loja de instrumentos musicais *Salão Mozart*, onde estes referenciam o envelhecimento e abandono do edificado da Avenida - e de algumas das suas ruas adjacentes – e a forma como este afeta a sua vivência, principalmente no período noturno. Estes chegaram até a especificar a necessidade de acompanhar professores a casa quando estes acabam as aulas no período da noite, resultado da falta de movimento destes espaços urbanos. Consideram também que apesar deste envelhecimento e abandono do edificado, é notável que nos últimos anos se tem vindo a assistir a algumas reabilitações nesta zona da cidade. Este testemunho reflete um dos aspetos que foram alterados na vivência da Avenida da Liberdade por consequência das transformações do tecido urbano bracarense.

Deste modo, podemos considerar que Braga é atualmente caracterizada por duas áreas distintas: o centro histórico consolidado e a área urbana estendida das últimas décadas, onde as infraestruturas de mobilidade estruturam a organização espacial do território. Ainda que os limites da cidade sejam difíceis de demarcar, sabemos que a maior parte das freguesias do concelho são agora parte do tecido urbano (72,5%), quando antigamente, este ocupava apenas sete das sessenta e duas freguesias. O crescimento urbano vivido em Braga após a implantação da democracia foi particularmente intenso, mesmo quando comparado com o contexto nacional. Dois terços do edificado urbano da cidade são posteriores à década de 1970, o que equivale a 66%, enquanto a média nacional ronda os 57%. Estes valores traduzem o impacto que estas alterações dos processos de urbanização tiveram sobre o território bracarense (Bandeira, 2010: 26-29).



Fig. 144 - Logotipo da CMB

## 2.5. Braga, cidade autêntica<sup>65</sup>

O progressivo desenvolvimento das relações de interdependência que os indivíduos, grupos ou nações têm estabelecido entre si com a globalização, fazem com que tenhamos a sensação de que a sociedade atual vive num *único mundo*. Ainda que este não seja um fenómeno atual, a globalização contemporânea diferencia-se por ser produto da conjugação de determinadas condições políticas, sociais, culturais e económicas. (Giddens, 2013: 131)

O desenvolvimento do capitalismo que tem por base a procura da expansão contínua e a acumulação crescente de riqueza, aliado ao fomento das redes internacionais, incentivou o crescimento das cadeias de produção de bens e serviços globais. As empresas transnacionais expandiram-se à medida que se estabeleceram mercados internacionais - sendo um deles o mercado único europeu – e adquiriram um papel estruturante nas dinâmicas económicas mundiais. O desenvolvimento da economia eletrónica também permitiu incrementar e complexificar as inter-relações dos mercados financeiros mundiais. Esta integração faz com que caso haja um problema financeiro num determinado lugar, este pode ter repercussões em economias localizadas no outro lado do mundo. (Giddens, 2013: 139-141)

Este aspeto em específico da globalização, permite-nos abordar um importante momento da história contemporânea que teve impacto à escala mundial e que afetou estruturalmente a sociedade portuguesa: *a crise dos subprimes* e a consequente *crise das dívidas soberanas na Zona Euro*. A primeira refere-se à crise do mercado imobiliário de 2008 relacionada com a dívida provocada pela difusão desregrada do crédito à habitação, que levou à diminuição do valor das habitações, à desvalorização dos títulos e à queda no investimento do sector. Esta crise que começou nos Estados Unidos da América foi sentida à escala mundial. Já a subsequente, remete à crise financeira e económica da zona Euro vivida, sensivelmente, no período entre 2009 e 2014 e como parte dos efeitos sistémicos da primeira (Mendes, 2014: 64).

A correlação destas duas crises foi particularmente impactante para os países periféricos europeus, em especial para Portugal que teve de recorrer mais uma vez à ajuda financeira do *Fundo Monetário Internacional* (FMI). Este período de recessão económica caracterizado por uma série de medidas de austeridade, provocou um

65. Slogan da cidade utilizado atualmente pela Câmara Municipal de Braga. (Município de Braga, s.d.)



Fig.145-Logotipo de Capital Europeia da Juventude



Fig.146- Logotipo de Cidade Europeia do Desporto

aumento do desemprego a nível nacional e uma inerente diminuição do poder de compra, contribuindo assim para o aumento do índice de pobreza da população. Este contexto fez com que muitos portugueses saíssem do país em busca de melhores condições de vida, tendo como destino países com economias mais estáveis e concorrenciais como a Alemanha e o Luxemburgo (Mendes, 2014: 64-65).

Ainda que todos os setores da economia nacional tenham sido afetados negativamente por esta conjuntura, o sector imobiliário merece ser destacado dada a importância que detinha para a economia local da cidade de Braga. Visto que, tal como abordado no subcapítulo anterior, o desenvolvimento da cidade até então apoiou-se no aumento das infraestruturas e no parque habitacional. Assim, com a primeira crise a incidir diretamente sobre este mercado e, a seguinte a afetar a capacidade de consumo das pessoas de bens duradouros e a contração de créditos, surgiu a necessidade de desenvolver novas estratégias de recuperação económica e financeira.

Neste contexto, as autarquias urbanas vão ser essenciais para a gestão e desenvolvimento dos planos estratégicos de recuperação, dado o papel estruturante que as cidades foram adquirindo ao se tornarem agentes políticos, económicos e sociais. Visto que as cidades podem “contribuir para a produtividade económica e para a competitividade, promover a integração social e cultural e servir como pontos de encontro acessíveis para a actividade económica” (Giddens, 2013: 265)”. Deste modo, as autarquias urbanas ao terem melhor capacidade para gerir de modo efetivo as problemáticas locais e os fluxos multidirecionais dos processos de mudança social, assumem um papel central no desenvolvimento de estratégias para gerir os efeitos de algumas questões globais, como é o caso da *crise dos subprimes* e da conseqüente *crise das dívidas soberanas na Zona Euro*.

A autarquia de Braga vai desenvolver planos estratégicos de recuperação local que tiram partido das nuances da sociedade global contemporânea. Do conjunto de esquemas que foram adotados para regenerar social e economicamente a cidade, vamos primeiro abordar o recurso estratégico ao *city branding*, uma forma de *marketing de lugar*.<sup>66</sup> Estes conceitos referem-se ao desenvolvimento de estratégias de marketing e de promoção de produtos aplicadas a *lugares*, sejam estes países, regiões ou cidades.

O *city branding* em particular consiste na criação de uma marca sobre uma cidade. Um processo que parte da conjugação da imagem que o ideário político pretenda, dos atributos que o público-alvo valoriza e, das características materiais e imateriais particulares que criam a identidade da cidade. Esta ferramenta permite tirar partido das características locais e torná-las um recurso para a captação de pessoas ou até de investimentos económicos (Kavaratzis & Ashworth *apud* Antunes, 2020: 49). Deste processo surge uma tendência recente de qualificação urbana. O recurso à adjetivação e à linguagem superlativa característicos da sociedade contemporânea e utilizados enquanto estratégia de *city branding*, podem ser enquadrados nas formas de competição entre territórios (Caldwell & Freire *apud* Fortuna, 2009: 92-93).

Uma das formas de *city branding* estrategicamente fomentada pelas agendas urbanas do município bracarense nos últimos anos foi o desenvolvimento de eventos sazonais de denominação qualificativa, que tenham projeção internacional, que permitam publicitar e dinamizar a economia da cidade e promover a renovação urbana.

66. Este conceito tem vindo progressivamente a ganhar força desde a década de 1990.

Avenida da Liberdade



Fig. 147 - Noite Branca na Avenida da Liberdade (2019)



Fig. 148 e 149 - Noite Branca na Avenida da Liberdade (2019)



Fig. 150 - Altice Forum Braga

Começando pelo desenvolvimento do projeto da *Capital Europeia da Juventude* em 2012, seguido pela *Capital Ibero-Americana da Juventude* em 2016, pela *Cidade Europeia do Desporto* promovida em 2018,<sup>67</sup> até aos programas atualmente em vigor da *Capital Europeia da Cultura do Eixo Atlântico 2021* e da candidatura a *Capital Europeia da Cultura em 2027*. Braga também foi escolhida como palco da XIII edição dos Jogos do Eixo Atlântico, em 2019, e desde 2017 faz parte da rede de *Cidades Criativas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)*, na área de *Media Arts*.

Este tipo de eventos acaba por ser particularmente impactante nas dinâmicas da cidade, principalmente para o seu centro histórico. Afinal, a crise económica, social e financeira que assolou o país, acentuou os problemas urbanos que esta zona da cidade já vinha a sofrer por consequência dos processos de desfragmentação e descentralização da estrutura urbana.<sup>68</sup> Assim, a realização destes eventos acaba por ser uma das diferentes metodologias adotadas pelo município para promover a regeneração social, económica e física desta zona, contrariando a tendência do progressivo abandono do centro da cidade.

A Avenida da Liberdade assume aqui e de novo um papel central. Por exemplo, quando se desenvolveu a agenda da *Capital Europeia da Juventude* em 2012, surgiram eventos como a *Noite Branca* e a *Braga Romana* que permaneceram na agenda cultural da cidade até aos dias de hoje e enchem as ruas do centro histórico de pessoas e de atividades. A Avenida da Liberdade constitui-se como um dos pontos estratégicos e de referência para este tipo de iniciativas, tanto pelas características físicas do seu espaço público, bem como pelos equipamentos culturais que nela estão localizados, nomeadamente pela presença do Theatro Circo. É tão normal encontrarmos no espaço público junto ao Theatro Circo palcos de concertos durante estes eventos, como o próprio Theatro presenciar atividades no âmbito destas diligências.

Um outro equipamento associado à Avenida de Liberdade que se destaca pelo envolvimento que tem com este tipo de programas é o atual *Altice Forum Braga*. O antigo *Pavilhão de Exposições* (1981) constitui-se como um relevante equipamento da cidade pela sua multiplicidade espacial, que lhe permitiu albergar vários tipos de eventos, desde socioculturais e científicos a desportivos. O projeto inicial desenhado por Gonçalo Byrne e por Eduardo Trigo de Sousa foi o selecionado num concurso nacional promovido pela CMB, e através da orientação do edificado, procurou resolver alguns problemas urbanos. A composição dos volumes do complexo cultural e desportivo foi estruturada em torno do cruzamento de dois eixos que funcionam como duas ruas internas. (Gonçalo Byrne Arquitectos, s.d.)

Perante os processos de mudança social e as suas inerentes necessidades, a Câmara Municipal de Braga e a empresa InvestBraga promoveram a reestruturação e modernização desta estrutura. Assim, o Forum Braga inaugurado em 2018 caracteriza-se por ser um espaço polivalente, capacitado infraestruturalmente para receber eventos de grande escala e de projeção internacional. Sendo, à data, a segunda maior sala de

67. Designação atribuída pela ACES Europe (European Capitals and Cities of Sport Federation).

68. O comércio do centro da cidade já vinha a sofrer alterações consequentes da descentralização da atividade comercial e da inserção de novos formatos, com a crise económica e financeira, esta problemática foi ainda mais acentuada. Principalmente, para os pequenos comércios e serviços que caracterizavam a atividade comercial desta zona e que tiveram que fechar, inclusive na Avenida da Liberdade.



Fig. 151 - Vista aérea do Antigo Pavilhão de Exposições de Braga



Fig. 152 - Vista aérea do atual Altice Forum Braga



Fig. 153 - Cerimónia de encerramento da Cidade Europeia do Desporto



espetáculos do país com capacidade de receber 12 mil pessoas em pé. (InvestBraga, s.d.)

Atualmente, o pavilhão de dois pisos permanece como um espaço multiusos, podendo ser adaptado para vários tipos de eventos, como desportivos, culturais ou musicais. A reconfiguração deste espaço permitiu aumentar a sua capacidade e a sua versatilidade, inclusivamente, possui uma bancada retrátil mecânica. Este pavilhão também possui estruturas de apoio como camarins, balneários, restaurante e cafetaria. Além de terem aumentado a lotação do auditório pré-existente, construíram um outro pequeno auditório. Possui uma sala de congressos que detém um sistema de divisórias modulares elétricas, uma sala de reuniões, um estúdio digital capacitado tecnologicamente e, uma galeria de arte contemporânea denominada *Forum Arte Braga*. Tanto o *foyer* do piso 0 como do piso 1, também são espaços multifuncionais que se podem adaptar a vários tipos de ocupações. Já o espaço exterior foi reformado de modo a poder ser utilizado como área de concertos, de exposição (stands), de estacionamento automóvel e para eventos ao ar livre. (InvestBraga, s.d.)

A intervenção, apesar de respeitar parte da volumetria preexistente, alterou a materialidade do edificado e a linguagem da sua fachada principal. O cruzamento dos dois eixos permanece, apesar de não tão claro, pois a volumetria que antes “saía” do edifício e destacava essa relação, serviu como elemento aglutinador do novo acrescento espacial. Este projeto permitiu adaptar o equipamento às exigências tecnológicas, infraestruturais e programáticas contemporâneas e procurou torná-lo mais apelativo ao dar-lhe uma nova imagem estética. Este equipamento que procura ser inovador para a cidade, cobre vários tipos de exigências programáticas, como o próprio slogan promocional sugere “+ negócios + cultura + experiências”.

A multiplicidade deste equipamento também acaba por refletir a matriz das políticas de gestão fomentadas pelo município, que procuram captar investimento e fixação de capital social e económico para a cidade. Isto é, quando visitamos o site oficial do município bracarense ou quando lemos o PDM em vigor, deparamo-nos com as principais áreas de atuação que estruturam o modelo da sua gestão territorial: “Um Município Onde Queremos Viver”, “Um Concelho Que Queremos Visitar”, “Um Território Para Investir” e “Rumo à Centralidade Ibérica” (Município de Braga, 2019: 5).

Destes quatro princípios, há um deles que se relaciona diretamente com a questão das estratégias de *city branding* e das nuances dos processos de globalização das últimas décadas que abordámos anteriormente. O fomento do “visitar” vai precisamente ao encontro do desenvolvimento de um setor, particularmente impactante para os processos de transformação dos territórios nos últimos anos, referimo-nos ao *turismo*.

O setor do turismo tem sofrido um progressivo crescimento à escala mundial nos últimos anos. Para tal, contribuiu em concreto: o desenvolvimento científico e tecnológico como a proliferação dos transportes aéreos, em particular as companhias *low-cost*, e da rede global de comunicação e informação (internet); o aumento dos fluxos de mobilidade facilitados pela livre circulação de pessoas e pela moeda única, fatores inerentes à modificação das estruturas políticas; transformação dos valores socioculturais, fomentados pela secularização do pensamento e pelo desenvolvimento da sociedade de consumo, que contribuem para a diversificação do setor. Neste sentido, a facilidade que a sociedade contemporânea tem em conseguir se deslocar e comunicar globalmente, ao provocar transformações nas perceções de tempo e de espaço, aumentou o tempo



Fig. 154 - Roteiros turísticos de Braga

quotidiano disponível para o lazer. O tempo de lazer, tornou-se progressivamente, um bem de consumo dada a relevância que passou a arquirir.

Perante estas mudanças sociais contemporâneas, o setor do turismo transformou-se. Atualmente, as novas formas de oferta turística passam ter diversidade tanto no seu intuito, bem como no seu tempo de duração. Isto é, a viagem pode ser realizada tanto por motivos profissionais bem como culturais, pode tão depressa durar dois dias como meses e, não se restringe a apenas uma época do ano como o verão ou o natal. Por outro lado, as mudanças geracionais também interferem na proliferação de novas formas de turismo, assim o novo turista urbano-cultural dá uma maior importância ao consumo de experiências, sejam estas eventos, paisagens, edifícios, entre outros. Deste modo, o turismo cultural e as suas especificidades, assumem-se como uma das principais formas de turismo mundial.

Neste contexto de novas tipologias de turismo, as cidades e as suas peculiaridades vão assumir um papel central, visto que se tratam de espaços agregadores de cultura. Assim, a cultura passa a ser vista como objeto de consumo e a respetiva promoção depende, numa primeira instância, das estratégias desenvolvidas pelas entidades públicas. Em Portugal, o desenvolvimento do sector do turismo foi uma das estratégias adotadas para recuperar do período de recessão económica. Nos últimos anos, o país ganhou projeção internacional como destino turístico, chegando a ser designado como *Europe's Leading Destination* entre 2017 e 2019 e, *World's Leading Destination* em 2018 e 2019. A evolução deste setor no panorama nacional também foi sentida na cidade de Braga. Facto que se verifica pela cidade ter sido escolhida como *European Best Destination* em 2021, após ter adquirido o 2º lugar em 2019.

A promoção turística da cidade assenta em parte na valorização do património cultural local, que engloba aspetos como a etnografia, religião, gastronomia, edificado histórico, entre outros. Quando visitamos o posto de turismo da cidade localizado na Avenida da Liberdade ou o site oficial do município, podemos encontrar diferentes mapas turísticos da cidade que correspondem a diferentes formas de conhecer a cidade e que tiram partido das suas especificidades locais. Por exemplo, as várias apelações da cidade como “*Roma Portuguesa*”, “*Cidade Barroca*” ou “*Cidade dos Arcebispos*” e “*Cidade Romana*” foram utilizadas como mote de *city branding* no âmbito de promoção turística. É também relevante informar que a classificação do *Santuário do Bom Jesus* como *Património Mundial da Humanidade* pela UNESCO também contribui para a evolução da atividade turística da cidade.

Naturalmente, a Avenida da Liberdade vai ser influenciada pelo desenvolvimento deste setor, nomeadamente na sua zona pedonal. Assim, quando visitamos a Avenida deparamo-nos com a alteração ou substituição de alguns espaços comerciais e do seu público-alvo, como é o caso do *1930 Benamor* ou a pastelaria *Braga Parque* que substituiu o antigo *Café Sporting*. A reabilitação do edificado e o constante embelezamento do espaço público, como as frequentes alterações das flores dos canteiros, também são outro sinal destas mudanças de público. Os turistas também contribuem para a dinamização da vida pública e influem transformações na vivência e nas memórias deste espaço urbano, seja pelo aumento da afluência pedonal do espaço público, seja pela diversidade de línguas faladas. Estes também acabam por beneficiar economicamente os hotéis que se encontram ao longo da Avenida como *Hotel Ibis* e o *Hotel Mercure Braga Centro*. No entanto, inerente a estas alterações surgem problemas urbanos como



Fig. 155 - Palácio do Raio (2019)

o aumento do custo de vida e a inflação do preço da propriedade privada, bem como a substituição do comércio local por lojas de empresas transnacionais como é o caso da *Bimba y Lola* e a *Zara*.

Estas alterações são sobretudo sentidas no troço norte da Avenida pois é onde se encontram alguns edifícios de referência identitária locais como o Teatro Circo e o adjacente Palácio do Raio. A morfologia do espaço público é mais agradável para os turistas deambularem, os espaços comerciais são visualmente mais apelativos e diversificados e podemos encontrar edificado mais eclético, como os edifícios desenhados por Moura Coutinho. O turismo contemporâneo ao ter mais impacto no seu troço norte, acabava por acentuar o contraste das dinâmicas urbanas que os dois extremos da Avenida já possuíam.

Deste modo, podemos considerar que a globalização influiu alterações no edificado e na vivência da Avenida da Liberdade, constituindo novas camadas no seu processo de produção. Se por um lado, as crises económicas e financeiras mundiais provocaram o encerramento de várias atividades económicas na Avenida, as estratégias de recuperação levadas a cabo como o turismo, contribuíram para a renovação da vida urbana desta mesma zona da cidade; de modo que quando percorremos a Avenida da Liberdade atualmente, deparamo-nos com pessoas de nacionalidades diferentes e até com atividades comerciais que remetem à multiculturalidade, como é o caso de restaurantes com comida de outras culturas. O fenómeno multidirecional que é a globalização, continua a gerar novas formas de cidade e, a Avenida da Liberdade enquanto território urbano, continua a reinventar-se consoante estas transformações da sociedade.



Fig. 156 - Desenho da autora da Avenida da Liberdade (2019)

### Considerações finais

Os processos de transformação do espaço desenvolvem-se mais rapidamente por consequência do aumento da velocidade das transformações sociais provocadas pelos processos de modernização. As temáticas abordadas ao longo deste trabalho permitiram-nos tirar conclusões acerca dos processos de produção do espaço que redefiniram as cidades contemporâneas portuguesas a partir da Primeira República, através do caso de estudo de Braga. O nosso percurso da Avenida da Liberdade, ao abordar as suas mutações, permitiu-nos refletir sobre as transformações sociais e urbanas que afetaram não só a escala local, como a nacional e internacional.

Aquando da Primeira República, Braga era uma cidade compacta onde tudo era acessível de modo pedonal. A emergência dos ideais liberais e as decorrentes políticas urbanas procuravam uma ideia de modernidade que permitiu à cidade crescer fora dos seus muros.

Com o regime salazarista, a estrutura da cidade complexificou-se, uma vez que este quis assumir a gestão dos processos de modernização e urbanização. A transformação sociocultural da população portuguesa foi inerente a estes processos de modernização. Isto é, assistiu-se a uma transformação das estruturas das cidades e dos modos de vida da população, ainda que de modo estrategicamente controlado por causa do cariz fascista deste regime.

Nestes dois períodos históricos, a vida quotidiana e as respetivas manifestações no espaço público refletiam laços sociais tanto de génese comunitária - assentes nos valores tradicionais e das relações pessoais e estáveis entre a vizinhança - como de génese impessoal e anónima, laços de curta duração, transitórios e instrumentais. Com a progressiva inserção dos fenómenos da industrialização e urbanização, o equilíbrio entre estes laços alterou-se, contribuindo para a redefinição dos mecanismos de interação social.

Com a revolução nacional de 25 de Abril de 1974 e a consequente democratização, estes processos de transformação urbana ganharam uma nova escala tanto na velocidade como na variedade. Perante o período de instabilidade inicial e os inerentes problemas sociais, económicos e políticos, o país voltou-se para a Europa. Esta aproximação, que culminou na adesão à CEE, compôs a estratégia de redefinição nacional após a queda do regime fascista. As aproximações aos modos de vida europeus geraram

Avenida da Liberdade



profundas transformações culturais desde os hábitos de consumo até às práticas de mobilidade. As cidades cresceram a um ritmo desenfreado, fruto das políticas de desenvolvimento económico, urbano e social.

As pessoas e os organismos de poder assumiram-se então como agentes de produção de espaço. Os planos e políticas urbanas, as obras públicas e empreendimentos privados, ao pressuporem determinados propósitos económicos, políticos e culturais, interferiram nas dinâmicas do espaço urbano e na forma como as pessoas vivem, significam e constroem espaço. Por exemplo, os programas de habitação fomentados pelo Estado Novo contribuíram para a construção social da Avenida. Estes programas incutiram novas formas de organização do espaço e da sociedade - tanto na esfera privada como na pública - e serviram o propósito de impulso à urbanização.

Apesar dos programas arquitetónicos pressuporem um propósito específico, estes podem ser vividos e significados de um modo distinto do seu preceito inicial. Apesar do Estado interferir e influenciar o processo de produção de espaço, este por ser uma realidade própria e coletiva, não pode ser manipulado na sua totalidade (Crawford, 1999). A complexificação dos mecanismos de interação social e a redefinição do papel da rua na estrutura da vida quotidiana tornaram o espaço urbano num lugar de experiências, de circulação, de signos e de valores de uma coletividade. Ou seja, a reestruturação da forma e dos modos de interação urbana fizeram com que os indivíduos passassem cada vez mais tempo na rua, incrementando as camadas de significação que esta contém. As apropriações do espaço urbano por parte dos seus habitantes, sejam elas temporárias ou permanentes, formais ou informais, individuais ou coletivas, interferem no seu processo de produção, fazendo com que esteja em permanente transformação.

Esta perspetiva da história urbana da Avenida da Liberdade, ao ter em consideração as dinâmicas socio-político-materiais da cidade, permitiu-nos retirar algumas conclusões acerca da relação da arquitetura com a cidade e da própria enquanto disciplina. Ao considerarmos a arquitetura como produto social, estamos a ter em conta os fatores pluridisciplinares que influenciam a identidade do edificado. A arquitetura enquanto ferramenta do ser humano para satisfazer as suas necessidades pressupõe um propósito. Este pode tanto ser um modo de expressão de determinada sociedade, como uma forma dos grupos de poder exercerem a sua influência. Esta perspetiva vai contra a visão linear e convencional da arquitetura que assenta apenas nos aspetos formais. Afinal, apesar da linguagem pictórica e representativa da arquitetura ser transversal e insubstituível para compreender e realizar projetos, esta demonstra-se incompleta pois não compreende todas as dimensões inerentes a um lugar. Enquanto arquitetos devemos recorrer a ferramentas de outras disciplinas como a antropologia, sociologia, geografia humana e economia para a prática da nossa própria disciplina. Seja para uma releitura da história da arquitetura, seja quando projetamos um edifício. A aproximação às pessoas que habitam a cidade, assim como a compreensão das suas especificidades e necessidades, devem ser ferramentas para a prática da disciplina.

A multidisciplinaridade permite-nos ter uma visão mais abrangente e inclusiva do exercício de organização e interpretação do espaço que, ao ser construído, vivido e significado de determinada forma, contém em si os imaginários, vivências e representações de quem o produz. As pessoas apropriam-se, significam e produzem espaço em função das suas características sociais, culturais e políticas e consoante o contexto onde estão inseridas. Deste modo, a paisagem é uma composição de espaços feitos ou modi-

Avenida da Liberdade

ficados pelo ser humano no intuito de servirem como infraestruturas ou background, em benefício da sua existência coletiva (Jackson, 1984).

Assim, este trabalho permitiu-nos compreender especificidades do processo de produção de Braga e a intrínseca relação com os momentos de transformação política, social e cultural da história nacional e internacional. Além de nos ter permitido perceber alguns dos processos pelos quais se produz paisagem, permitiu-nos tirar algumas lições acerca dos motivos pelos quais as diferentes gerações produzem espaço de maneira distinta. Isto é, quando conversamos com os nossos pais e os nossos avós, apercebemo-nos que existe uma discrepância nos valores e hábitos quotidianos, o que implica diferenças na forma como vivemos e concetualizamos os espaços urbanos. Estas diversidades podem ser associadas ao contexto social, político e cultural que as diferentes gerações viveram. Os nossos avós nasceram e viveram parte das suas vidas durante o regime salazarista, já os nossos pais presenciaram todo o desenfreado processo que transformou o país com os processos de democratização. Já as gerações que nasceram na democracia, cresceram num contexto onde a globalização económica e cultural imperava e as mudanças sociais passaram a acontecer a uma velocidade mais elevada. Deste modo, o estudo dos importantes momentos de tensões e polaridades do contexto português desde a Primeira República que redefiniram as paisagens portuguesas, também nos permitiu elucidar sobre alguns dos aspetos socioculturais que contribuem para estas discrepâncias geracionais.

Como o processo de produção de espaço é permanente, verificamos que desde o início deste estudo a Avenida da Liberdade já se transformou e adquiriu novas camadas de significação. Um facto comprovado pelas transformações geradas pela resposta à pandemia de COVID-19.

Avenida da Liberdade

**Bibliografia**

- Agarez, R. C. (2018). Cem anos de políticas públicas para a habitação em Portugal: notas para uma história em construção. *Habitação: cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp. 11-39). Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- Alves, C. F. (2017). Tão felizes que nós éramos. *Expresso*. Obtido de [https://expresso.pt/opiniaopiniaio\\_opiniaio\\_clara\\_ferreira\\_alves/2017-03-18-Tao-felizes-que-nos-eramos](https://expresso.pt/opiniaopiniaio_opiniaio_clara_ferreira_alves/2017-03-18-Tao-felizes-que-nos-eramos)
- Amaro, J. M. (2016). *Rodovia de Braga: Reintegração da Infraestrutura na Cidade*. Dissertação de Mestrado em Cidade e Território apresentada à Escola de Arquitetura da Universidade do Minho.
- Antunes, C. P. (2020). *Alojamento local: agente transformador pós-classificação UNESCO*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra.
- Associação de Festas de São João de Braga. (s.d.). Obtido de São João de Braga: <https://www.saojoaobraga.pt/sao-joao-de-braga-historia/>
- Bandeira, M. M., Veiga, C. V., & Veiga, P. V. (2018). A “favela dos ricos”. Processos de urbanização na encosta de uma cidade do Noroeste de Portugal. *Caderno de Geografia*, 28(54), pp. 769- 792. Obtido de [https://www.researchgate.net/publication/328777326\\_A\\_favela\\_dos\\_ricos\\_Processos\\_de\\_urbanizacao\\_na\\_encosta\\_de\\_uma\\_cidade\\_do\\_Noroeste\\_de\\_Portugal\\_The\\_favela\\_of\\_the\\_rich\\_Urbanization\\_processes\\_on\\_the\\_hill\\_of\\_a\\_city\\_in\\_the\\_Northwest\\_of\\_Portugal](https://www.researchgate.net/publication/328777326_A_favela_dos_ricos_Processos_de_urbanizacao_na_encosta_de_uma_cidade_do_Noroeste_de_Portugal_The_favela_of_the_rich_Urbanization_processes_on_the_hill_of_a_city_in_the_Northwest_of_Portugal)
- Bandeira, M. S. (2001). *O espaço urbano de Braga: obras públicas, urbanismo e planeamento (1790-1974)*. Dissertação de Doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga.
- Bandeira, M. S. (2001/2002). Braga sob o ideal da «cidade-jardim»: De Gröer e o espaço urbano de Braga na década de 40. *Bracara Augusta n.º104/105*, 50, pp. 63-96.
- Bandeira, M. S. (jul-dez de 2003). Investigação em morfogénese urbana, enquanto

Avenida da Liberdade

- factor de produção e promoção patrimonial. *Fórum 34*, pp. 141-155.
- Bandeira, M. S. (jul-dez de 2005). António Augusto, anfitrião de Braga. Ensaio dramatizado da cidade de, e para além de, o comendador. *Fórum 38*, pp. 117-135.
- Bandeira, M. S. (2010). Três mitos visuais de Braga — um ensaio em geografia cultural. *Caminhos nas Ciências sociais: memória, mudança social e razão*, pp. 20 - 30. Obtido de <http://hdl.handle.net/1822/12634>
- Bandeira, M. S. (2011). Leituras da Paisagem através de postais ilustrados: para uma sociosemiótica da imagem e do imaginário. (pp. 33-64). Edições Ecopy.
- Bandeira, M. S. (2015). Braga. Em F. Jorge, M. S.-a. Bandeira, & L. t. Burke, *Braga vista do céu*. Lisboa: Argumentum.
- Bandeira, M. S. (2016). Prefácio. Em J. d. Gomes, *Cafés emblemáticos de Braga*. Braga: Edições Bom Jesus.
- Bandeira, M. S. (2018). Transcrever o nosso Bairro. Braga: Município de Braga.
- Bandeirinha, A. (1996). *Quinas vivas: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa*. Porto: FAUP.
- Bandeirinha, J. A. (2011). *O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Byrne, G. (1998). *Gonçalo Byrne : opere e progetti/ a cura di Antonio Angelillo con un saggio de Ignasi de Solà-Morales*, pp.38-45. Milano: Electra.
- Calvino, Í. (1999). *Cidades Invisíveis* (3º ed.). (J. C. Barreiros, Trad.) Lisboa: Editorial Teorema.
- Carneiro, P. (2013). *Devolução do devoluto à comunidade: metodologia de intervenção aos centros comerciais de Braga*. Dissertação de Mestrado em Cidade e Território apresentada à Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. Obtida de <http://hdl.handle.net/1822/28017>
- Cosgrove, D. E. (1984). 1. The Idea of Landscape; 2. Landscape and Social Formation: Theoretical Considerations. Em *Social formation and symbolic landscape* (pp. 13-68). Totowa, New Jersey: Barnes & Noble Books.
- Costa, S., Oliveira, M. E., & Sousa, P. O. (2016). *Braga e a colina das várias cidades*.
- Crawford, M. (1999). Blurring the boundaries: public space and private life. Em *Everyday Urbanism* (pp. 22-35). New York: The Monacelli Press.
- Damasceno, J. (2010). Museus para o Povo Português. O Museu de Arte Popular e o discurso etnográfico do Estado Novo. pp. 218- 236. Obtido de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8941.pdf>
- de Certeau, M. (1984). Walking in the City. Em M. de Certeau, *The practice of everyday life* (pp. 91-110). Los Angeles, Berkeley, London: University of California Press.
- Delgado, I. (1998). *Braga: Cidade Proibida. Humberto Delgado e as eleições presidenciais de 1958*. Braga: Governo Civil de Braga.
- Dias, T. M. (5 de Dezembro de 2017). Associação que se bateu por Bracara Augusta

Avenida da Liberdade



- e Tibães faz 40 anos. *Público*. Obtido de <https://www.publico.pt/2017/12/05/local/noticia/associacao-que-leva-na-lapela-defesa-de-bracara-augusta-e-de-tibaes-faz-40-anos-1794998>
- Direção Geral do Património Cultural. (2008). *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. Obtido de [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=8754](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8754)
- Ferreira, R. (2016). *São João da Ponte. O pitoresco local da cidade de Braga*.
- Fontes, L., Martins, M., Sendas, J., & Catalão, S. (2010). *Salvamento de Bracara Augusta. Ampliação do Túnel da Avenida da Liberdade (BRA 08-09 TAVL). Relatório Final*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Fontes, L., Martins, M., & Andrade, F. (2010). *Salvamento de Bracara Augusta. Quarteirão dos CTT/ Interligação Túnel da Avenida da Liberdade (BRA 09 CTT-ITAVL). Relatório Final*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Fontes, L., Martins, M., & Cunha, A. (2013). Arqueologia Urbana em Braga: balanço de 37 anos de intervenções arqueológicas. Em *Arqueologia em Portugal 150 anos* (pp. 81-88).
- Fortuna, C. (2009). Cidade e urbanidade. *Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos*, pp. 83-94.
- Giddens, A. (2013). A globalização e o mundo em mudança. Em *Sociologia* (9º ed., pp. 110-161). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (2013). As cidades e a vida urbana. Em *Sociologia* (9º ed., pp. 220-266). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (2013). Interação social e vida quotidiana. Em *Sociologia* (9º ed., pp. 273-309). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, J. d. (2016). *Cafés emblemáticos de Braga*. Braga: Edições Bom Jesus.
- Gonçalo Byrne Arquitectos. (s.d.). *Exhibition and Sports Hall*. Obtido de Gonçalo Byrne Arquitectos: <https://www.goncalobyrnearquitectos.com/exhibition-and-sports-hall-home>
- Grande, N. (2005). Campo Magnético: Polaridades e Tensões na Arquitectura Portuguesa do Século XX. Em O. d. Arquitectos, *IAPXX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal* (pp. 61-64). Lisboa: Ordem dos Arquitectos.
- Guerra, P. (2010). *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Obtida de [Http://paulaguerra.pt/arquivo/265](http://paulaguerra.pt/arquivo/265)
- Guerra, P. (2018). E nada mais foi como dantes: fragmentos contraculturais e seus estilhaços no pós-abril de 1974 em Portugal. *Teoria e Cultura: Interseções entre gênero, sexualidade e curso da vida*, 13, pp. 195-214.
- Guimarães, P. (2009). *O comércio no centro da cidade de Braga face aos impactos provenientes da implantação de dois novos centros comerciais*. Dissertação de Mestrado em Geografia em Área de especialização em Planeamento e Gestão

Avenida da Liberdade

- de Território apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Guimarães, P. (2016). A eficácia dos projectos especiais de urbanismo comercial. Evidências de Braga. *Finisterra*, 51, pp. 47-64.
- Guimarães, P. (2014). The prospective impact of new shopping centres on the retail structure in Braga. *Bulletin of Geography. Socio-economic Series No. 25*, pp. 167-180.
- InvestBraga. (s.d.). Obtido de Altice Forum Braga: <https://www.forumbraga.com/>
- Jackson, J. B. (1984). The word itself. Em J. B. Jackson, *Discovering the Vernacular Landscape* (pp. 3-8). New Haven: Yale University Press.
- Jackson, J. B. (1985). The vernacular city. Em *The Emerging American Present* (pp. 27-43).
- Kostof, S. (1995). A History of Architecture: Settings and Rituals. Em S. Kostof, *A History of Architecture: Settings and Rituals* (pp. 1-20). New York: Oxford University Press.
- Kusno, A. (2010). *The appearances of memory: mnemonic practices of architecture and urban form in Indonesia*. Durham: Duke University Press.
- Lefebvre, H. (1991). *The production of Space* (D. Nicholson-Smith, Trans.). Oxford and Cambridge: Blackwell (edição original de 1974).
- Lobo, S. (2012). Arquitectura e Turismo: Planos e Projetos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª República à Democracia. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura (Teoria e História) apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Macedo, A. M. (2016). As elites sociopolíticas e os protagonistas de mudança em Braga nos primórdios do século XX. *IV Jornadas Doutorais Comunicação e Estudos Culturais*, (pp. 58-80).
- Maia, C. I. (2005). *O comércio e as transformações urbanas recentes na cidade de Braga*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana (Território e Desenvolvimento) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Martins, M., Fontes, L., Braga, C., Braga, J., Magalhães, F., & Sendas, J. (2010). *Salvamento de Bracara Augusta: Quarteirão dos CTT/ Avenida da Liberdade (BRA 08-09 CTT). Relatório Final* (Vol. 1). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, M., & Lemos, F. (1997). Duas décadas de vida de um projeto: o Salvamento de Braca Augusta. *Cadernos de Arqueologia, Série II*, pp. 9-21. Obtido de <http://hdl.handle.net/1822/10372>
- Martins, M., & Ribeiro, M. (2009/2010). A arqueologia urbana e a defesa do património das cidades. *Forum 44/45*, pp. 149-177.
- Martins, R. M. (2010). João de Moura Coutinho de Almeida d'Eça (1872-1954) : arquitectura e urbanismo. Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto. Obtido de <http://hdl.handle.net/10216/55698>

Avenida da Liberdade

- Massey, D. (1994). General Introduction. Em D. Massey, *Space, Place and Gender* (pp. 1-16). Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Mendes, P. (2014). *A evolução do Mercado Imobiliário português*. Banco BPI. Obtido de: [https://www.bancobpi.pt/content/conn/UCM/uuid/dDocName:PR\\_WCS01\\_UCM01007189](https://www.bancobpi.pt/content/conn/UCM/uuid/dDocName:PR_WCS01_UCM01007189)
- Milano, M. (2011). *José Gigante*. Vila do Conde: QuidNovi.
- Município de Braga. (s.d.). *Câmara Municipal de Braga*. Obtido em 2021, de: <https://www.cm-braga.pt/pt>
- Nunes, J. P. (2011). Minas, mineiros e guerras: as “corridas ao volfrâmio”. *Público*. Obtido de <https://www.publico.pt/2011/11/06/jornal/minas-mineiros-e-guerras-as-corridas-ao-volframio-23357897>
- Oliveira, E. (1995). *Estudos sobre os séculos XIX e XX em Braga*. Braga: Edições APPACDM.
- Oliveira, E. P. (2005). A difícil dialéctica entre o passado e a modernidade: Braga 1925-1950, *Fórum* 38, pp. 81-116. Universidade do Minho.
- Pereira, V. B., Queirós, J., Silva, S. D. & Lemos, T. C. (2018). Casas económicas e casas desmontáveis: Génese, estruturação e transformação dos primeiros programas habitacionais do Estado Novo. *Habitação: cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp. 83-217). Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- ProjectoBragaTempo. (2002). *Expansão Urbana e Qualidade de Vida - 1ª Conversa Desbragada*. Braga.
- Quatenaire Portugal; SOPSEC; Rui Passos Mealha, Arquitectos, Lda.; Município de Braga. (2011). *Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Braga. Projeto de delimitação da ARU. Relatório final*. Braga.
- Queirós, J. R. (2015). *Processo de intervenção no espaço urbano de Braga: espaço coletivo como novo estrato de relações*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada à Universidade do Minho.
- Rojas, J. (2003). The enacted environment: Examining the streets and yards of East Los Angeles. Em *Everyday America: Cultural Landscape Studies after J.B. Jackson* (pp. 275-292). Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Rosas, F. (2014-2015). Ser ou não ser. A Revolução portuguesa de 74/75 no seu 40º aniversário, *Fórum* 49-50, pp. 5-15. Universidade do Minho.
- Roseta, F. (2015). *The modern Avenue: Avenue des Champs-Élysées, Regent Street, Avenida da Liberdade*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Roseta, H. (2005). Em busca da Arquitectura Portuguesa do Século XX. Em O. d. Arquitetos, *IAPXX - Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal* (pp. 11-36). Lisboa: Ordem dos Arquitetos.
- Silva, S. (2016). Braga propõe prolongar túnel da Avenida da Liberdade e criar passeio ao estilo das Ramblas. *Público*. Obtido em: <https://www.publico.pt/2016/01/06/local/noticia/braga-propoe-prolongar-tunel-da-avenida-da-liberdade-e-criar-passeio-ao-estilo-das-ramblas-1719352>

Avenida da Liberdade

- Tavares, M. & Duarte, J. M.(2018). O arrendamento social público (1945-1969): Nova escala, novos programas e agentes. *Habitação: cem anos de políticas públicas em Portugal, 1918-2018* (pp. 197-233). Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana.
- Theatro Circo. (s.d.). Obtido de Theatro Circo: <https://www.theatrocirco.com/pt/theatrocirco/historia>
- Transcribers, S. (2018). Transcrever: Ações Participativas nos Bairros Sociais de Braga. (D. D. Pereira, & F. Ferreira, Edits.) Obtido de [https://drive.google.com/file/d/16DWXI4UgbBLPlqrxDAIhDu\\_1Kjc3Cb6F/view](https://drive.google.com/file/d/16DWXI4UgbBLPlqrxDAIhDu_1Kjc3Cb6F/view)
- Vieira, S. P. (2013). *Vindos de África: Retornados e Desalojados em Braga (1974-1977)*. Dissertação de Mestrado em História apresentada à Universidade do Minho.

Avenida da Liberdade



### Fontes das Imagens

Capa - Fotografia da Avenida da Liberdade fornecida pelo fotografo Luís Machado.

Fig. 1 - Vista aérea da Avenida da Liberdade - Obtida do Google Earth Pro em Junho de 2021

Fig. 2 - Extremo norte da Avenida da Liberdade (2019) - Fotografia da autora em Agosto de 2019

Fig. 3 - Extremo sul da Avenida da Liberdade (2019) - Fotografia da autora em Agosto de 2019

Fig.4 - Planta da cidade de Braga no século XIX - Fornecida pela CMB

Fig.5 - Planta do Campo de Sant'Anna e da proposta de intervenção do Engenheiro Manuel Guimarães (1854) - Fornecida pela CMB

Fig.6 - Passeio Público - Fotografia de Arcelino de Azevedo fornecida pelo Museu Nogueira da Silva

Fig. 7 - Avenida Central no início do século XX - Fotografia de Arcelino de Azevedo fornecida pelo Museu Nogueira da Silva

Fig. 8 - Avenida Central durante as festas populares de São João - Obtida em <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a dezembro de 2019

Fig.9 - Cruzamento entre a Avenida Central e a Avenida da Liberdade no início do séc. XX - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem

Fig. 10 - Vista da cidade para a Rua das Águas, Rua de São Lázaro e Rua da Ponte de Guimarães - Obtida em <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a dezembro de 2019

Fig. 11 - Plano de retificação da Rua das Águas - Obtida em <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a dezembro de 2019

Fig. 12 - Cruzamento entre o Campo de Sant'Anna e a Rua das Águas - Obtida em <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a dezembro de 2019

Fig. 13 - Rua das Águas - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem

Fig. 14 - Postal da AL (edifícios desenhados por Moura Coutinho) - Obtida em <https://>

Avenida da Liberdade

[www.facebook.com/groups/439745976040895](https://www.facebook.com/groups/439745976040895) a dezembro de 2019

- Fig. 15 - Garagem Auto-Palace (1916) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 16 - Troço da AL correspondente à 1ª fase da sua construção - Obtida em <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a dezembro de 2019
- Fig. 17 - Theatro Circo (1916) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 18 - Theatro Circo após obras de requalificação - Obtida de <https://webraga.pt/visitar/monumentos/theatro-circo/> em janeiro de 2021
- Fig.19 - Theatro Circo e a Avenida da Liberdade (2019) - Fotografia da autora de agosto de 2019
- Fig.20 - Vista aérea da Avenida Central e da Avenida da Liberdade (zona pedonal) - Obtida do Google Earth Pro em Junho de 2021
- Fig.21 - Avenida da Liberdade (zona pedonal) - Fotografia da autora de agosto de 2019
- Fig.22 - Avenida da Liberdade (zona pedonal) - Obtida de <https://www.facebook.com/BragaNossa/> em Maio de 2021
- Fig. 23 - Visita de Salazar e Carmona a Braga nas celebrações do 10ºAniversário do 28 de maio (1936) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 24 - Vista panorâmica de Braga desde o Monte Picoto (destaque da AL em construção) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 25 - Plano de urbanização da cidade de Braga por Étienne de Gröer (1945) - Fornecido pela CMB
- Fig.26 e 27 - AL na década de 1950 - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a janeiro de 2020
- Fig. 28 - AL na década de 1950 - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a janeiro de 2020
- Fig. 29 - Postal da Ponte S.João sobre o rio Este e a Capela de S.João - Obtido de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a janeiro de 2020
- Fig. 30 - Largo e pontes de S.João (1916) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 31 - Lavadeiras do rio Este - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 32 - Planta do Parque da Ponte e do Estádio 1º maio - Fornecido pela CMB
- Fig. 33 - Videoteca Municipal (antiga estufa) - Obtida de <https://webraga.pt/visitar/parques/parque-da-ponte/> a maio de 2021
- Fig. 34 - Piscina Municipal (após obras de requalificação) - Obtida de <https://webraga.pt/visitar/parques/parque-da-ponte/> a maio de 2021
- Fig. 35 - Planta do Parque da Ponte e do Estádio - Fornecida pela CMB
- Fig.36- Entrada do Estádio - Obtida de <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/02/estadio-1-de-maio-em-braga.html> a junho de 2021
- Fig.37 - Bancadas e tribuna - Obtida de <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/02/estadio-1-de-maio-em-braga.html> a junho de 2021
- Fig.38 - Postal do Estádio - Obtida de <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/02/>

Avenida da Liberdade

estadio-1-de-maio-em-braga.html a junho de 2021

- Fig. 39 - Vista aérea do Parque da Ponte e do Estádio - Obtida do Google Earth Pro em Junho de 2021
- Fig. 40 e 41 - Parque da Ponte - Obtida de <https://www.cm-braga.pt/pt/1201/viver/ambiente/espacos-verdes/item/item-1-721> a junho de 2021
- Fig. 42- Avenida Central e Avenida da Liberdade (1950) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 43 - Avenida da Liberdade (envolvente do stand Ford) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig.44 - Stand da Ford (década de 1940) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 45 - Stand da Ford - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 46 e 47 - Loja *Cheio-Cheio* (antigo stand da Ford, 2019) - Fotografia da autora de agosto de 2019
- Fig. 48 - Exposição do Estado Novo (região Norte) - Obtida de <https://digitarq.arquivos.pt/> a setembro de 2020
- Fig. 49 - Exposição (painel da política do espírito) - Obtida de <https://digitarq.arquivos.pt/> a setembro de 2020
- Fig. 50 - Exposição (painel regional) - Obtida de <https://digitarq.arquivos.pt/> a setembro de 2020
- Fig.51 - Posto de Turismo na AL - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a abril de 2021
- Fig. 52- Hotel Turismo na AL - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> a abril de 2021
- Fig. 53 - Mercure Hotel Braga (antigo Hotel Turismo, 2019) - Fotografia da autora em outubro de 2019
- Fig. 54 e 55 - Bairro das Casas Económicas de Braga (1939) - Obtidas de [http://www.monumentos.gov.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=17395](http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17395) em maio de 2021
- Fig. 56 e 57 - Casas Económicas de Braga - Obtidas de [http://www.monumentos.gov.pt/site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=17395](http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=17395) em maio de 2021
- Fig. 58 - Casas de Renda Económica (1º fase) na AL - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em abril de 2021
- Fig. 59 - Casas de Renda Económica na AL (década de 1960) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig.60 - Planta da habitação do tipo  $\frac{3}{4}$  - Fornecida pela CMB
- Fig.61 - Planta da habitação do tipo 7 - Fornecida pela CMB
- Fig.62 e 63 - Casas de Renda Económica (2019) - Fotografias da autora em outubro de 2019
- Fig.64 - Casas de Renda Económica (2ºfase) - Fotografia de Arcelino de Azevedo

Avenida da Liberdade

fornecida pelo Museu Nogueira da Silva

- Fig. 65 - Plano Parcial de Urbanização Sul de Braga (1958) - Desenho de Miguel Rezende retirado da dissertação de doutoramento de Miguel Bandeira “O espaço urbano de Braga: obras públicas, urbanismo e planeamento (1790-1974)” apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho em 2001.
- Fig. 66 e 67 - Rodovia e expansão urbana por influência do PPUS - Fotografias de Arcelino de Azevedo fornecida pelo Museu Nogueira da Silva
- Fig. 68 - Vista para a zona de expansão sul da cidade - Fotografia fornecida pelo fotografo Luís Machado
- Fig. 69 - Postal da Rodovia da década de 1950 - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 70 - Cruzamento da Rodovia com a AL (2019) - Fotografia da autora em outubro de 2019
- Fig. 71 - Celebrações do 10º aniversário do 28 de maio de 1926 (Avenida Central) - <https://www.flickr.com/photos/biblarte/8134558788/in/photostream/> em junho de 2021
- Fig. 72 - Capa de Jornal (inauguração do Estádio em Braga) - Obtida de <https://www.pinterest.pt/pin/609041549595440426/> em junho de 2021
- Fig. 73 - Parada Militar das celebrações do 28 de maio no Campo da Vinha (1966) - Fotografia fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 74 - Parada Militar na Avenida da Liberdade - Fotografia fornecida pelo Museu Nogueira da Silva
- Fig. 75 - Intervenção da PIDE - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em junho de 2021
- Fig. 76 - Cortejo etnográfico na AL – Fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 77 - Festa do S.João na Rua das Águas - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig.78 - Festa de S.João no Largo de S.João (1917) - Fornecida pelo Museu da Imagem
- Fig. 79 - AL decorada nas festas de S.João - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 80 - Cartaz da festa de S.João (1935) - Obtida de <https://www.facebook.com/postersportugal/photos/a.158672354178129/230918566953507> a junho de 2021
- Fig. 81 - O Nosso Café (antiga garagem Auto-Palace) na AL - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 82 - Cartaz de O Nosso Café - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 83 - Esplanada de O Nosso Café - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019

Avenida da Liberdade



- Fig. 84 - AL durante a visita do General Humberto Delgado - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 85 - Sede de campanha de Humberto Delgado na AL - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 86 - Capa do Jornal Diário do Minho a 26 de abril de 1974 - Obtida de <http://www.sdum.uminho.pt/> a setembro de 2019
- Fig. 87 - O 25 de abril de 1974 na Avenida da Liberdade - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 88 - O 25 de abril de 1974 na Avenida Central - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 89 - Manifestação na AL (década de 1970) - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em junho de 2021
- Fig.90 - Locais de alojamento temporário de ex-colonos em Braga - Desenho da autora
- Fig. 91 - Seminário de Santiago - <http://www.nos.uminho.pt/Article.aspx?id=69> em maio de 2021
- Fig. 92 - Uso do espaço externo do Seminário de Santiago - <http://www.nos.uminho.pt/Article.aspx?id=69> em maio de 2021
- Fig. 93 - Rua dos Granjinhos antes da demolição - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em outubro de 2019
- Fig. 94 - Antiga Igreja de São Lázaro na AL - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em outubro de 2019
- Fig. 95 - Rua dos Granjinhos - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em outubro de 2019
- Fig. 96 - Processo de demolição da rua dos Granjinhos - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em outubro de 2019
- Fig. 97 - Rua dos Granjinhos após a demolição - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em outubro de 2019
- Fig. 98 e 99- Antes e depois da intervenção de José Gigante no edifício - Obtida de <https://www.facebook.com/josegigantearquitecto> em abril de 2021
- Fig. 100 - O edifício em 2019 - Fotografia da autora
- Fig. 101 - Planta da intervenção (piso térreo) - Obtida em <https://www.facebook.com/josegigantearquitecto> em abril de 2021
- Fig.102 - Espaço interior do edifício - Obtida em - <https://www.facebook.com/josegigantearquitecto> em abril de 2021
- Fig.103 - Cartaz do Estúdio Acil - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em junho de 2020
- Fig. 104 - Avenida da Liberdade de noite - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em maio de 2021
- Fig. 105 - Plano estratégico de desenvolvimento urbano de Braga (1996) - Fornecido pela CMB

Avenida da Liberdade

- Fig. 106 - Planta do sistema patrimonial do PDM em vigor - Adaptação do PDM obtido de <http://pdmbraga.cm-braga.pt/index.php/pdm> pela autora em julho de 2021
- Fig. 107 - Esquema de localização da muralha, do fórum e de orientação da malha urbana de Bracara Augusta - Desenho da autora de julho de 2021
- Fig. 108 - Vista aérea dos vestígios arqueológicos na Cidade - Obtida de <https://www.facebook.com/portugal.romano/photos/pcb.893943507421718/893943040755098> em julho de 2021
- Fig. 109 - Vestígios do teatro romano na Cidade - Fotografia de Miguel Nogueira em maio de 2018
- Fig. 110 - Museu da Fonte do Ídolo - Fotografia da autora em agosto de 2019
- Fig. 111 - Fonte do Ídolo - Obtida de <https://www.cm-braga.pt/pt/1401/conhecer/historia-e-patrimonio/mapas-e-roteiros/item/item-1-5427> em julho de 2021
- Fig. 112 - Vestígios arqueológicos (Liberdade Street Fashion) - Obtida de <https://bragatv.pt/camara-de-braga-avanca-para-valorizacao-do-nucleo-arqueologico-de-santo-antonio-das-travessas/> em julho de 2021
- Fig. 113 - Vestígios arqueológicos (construção do prolongamento do túnel) - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em julho de 2021
- Fig. 114 - Mapa turístico dos vestígios arqueológicos romanos de Braga - Obtido de <https://www.cm-braga.pt/pt/1401/conhecer/historia-e-patrimonio/mapas-e-roteiros/item/item-1-6323> a julho de 2021
- Fig. 115 - Avenida da Liberdade na década de 1980 - Fotografia fornecida pelo fotógrafo Luís Machado
- Fig. 116 - Galerias e centros comerciais de 1º geração associados à AL - Desenho da autora
- Fig. 117 - Antigo Hotel Aliança - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 118 - Centro Comercial Gold Center - Fotografia da autora em outubro de 2019
- Fig. 119 - Centro Comercial Granjinhos - Fotografia da autora em outubro de 2019
- Fig. 120 - Loja de vestuário Jupial na Avenida da Liberdade - Fotografia fornecida pelo fotógrafo Luís Machado
- Fig. 121 - Desenho da autora tendo por base um desenho presente na dissertação de mestrado de Clara Maia intitulada “O comércio e as transformações recentes da cidade de Braga” apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2015.
- Fig. 122 - Campo da Vinha antes da intervenção - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em agosto de 2019
- Fig. 123 - Campo da Vinha depois da intervenção - Obtida de Google Earth Pro em julho de 2021
- Fig. 124 e 125 - Avenida da Liberdade antes e depois da intervenção - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em julho de 2019

Avenida da Liberdade

- Fig. 126 - Esquema do sistema comercial urbano policêntrico - Desenho da autora
- Fig. 127 - Avenida da Liberdade (quarteirão dos CTT) - Fotografia fornecida pelo fotografo Luís Machado
- Fig. 128 - Liberdade Street Fashion (antigo quarteirão dos CTT, 2019) - Fotografia da autora em outubro de 2019
- Fig. 129, 130 e 131 - Liberdade Street Fashion (relação urbana, 2019) - Fotografias da autora em agosto de 2019
- Fig. 132 - Comércio de rua na Avenida da Liberdade (2019)- Fotografia da autora em agosto de 2019
- Fig. 133 - Vista da cidade do miradouro do Santuário do Bom Jesus do Monte - Obtida de [https://www.cm-braga.pt/archive/img/Braga\\_em\\_Fotos\\_059.jpg](https://www.cm-braga.pt/archive/img/Braga_em_Fotos_059.jpg) em julho de 2021
- Fig. 134 - Esquema dos projetos de realojamento para os Bairros Sociais - Desenho da autora realizado em maio de 2021 baseado num outro presente no livro “Transcrever: Ações Participativas nos Bairros Sociais de Braga” de 2018
- Fig.135 - Vista aérea da reurbanização do Fajal, do Carandá e do Lugar das Lages – Obtido de Google Earth Pro em junho de 2021
- Fig. 136 - Escola Secundária André Gomes (antiga escola preparatória) - Obtido de Google Earth Pro em junho de 2021
- Fig. 137 - Plano de Reestruturação do Território (1982) - Fornecido pela CMB
- Fig. 138 - Plano de Reestruturação do Território (1982) da zona junto ao rio Este - Fornecido pela CMB
- Fig. 139 - Vista da cidade a partir do Monte Picoto na década de 1960 - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em junho de 2019
- Fig. 140 - Vista da cidade a partir do Monte Picoto na década de 1980 - Obtida de <https://www.facebook.com/groups/439745976040895> em julho de 2019
- Fig. 141 - Vista da cidade a partir do Monte Picoto na atualidade - Obtida de [https://www.cm-braga.pt/archive/img/Braga\\_em\\_Fotos\\_049.jpg](https://www.cm-braga.pt/archive/img/Braga_em_Fotos_049.jpg) em julho de 2021
- Fig. 142 - Vista das urbanizações do Vale de Lamações a partir do Monte Picoto na atualidade - Obtida de [https://www.cm-braga.pt/archive/img/Braga\\_em\\_Fotos\\_050.jpg](https://www.cm-braga.pt/archive/img/Braga_em_Fotos_050.jpg) em julho de 2021
- Fig. 143 - Vista aérea do território urbanizado de Braga na atualidade - Retirada do Google Earth Pro a julho de 2021
- Fig. 144 - Logotipo da CMB - Obtido de <https://www.cm-braga.pt/pt/0101/comunicacao/identidade-institucional> em junho de 2021
- Fig.145 - Logotipo de Capital Europeia da Juventude - Obtido de <https://www.logotipo.pt/blog/logotipo-braga-2012/> em julho de 2021
- Fig.146 - Logotipo de Cidade Europeia do Desporto - Obtido de <https://ced2018.cm-braga.pt/pt/0101/sobre-a-ced-2018/logotipo-braga-ced-2018> em julho de 2021

Avenida da Liberdade

- Fig. 147 - Noite Branca na Avenida da Liberdade (2019) - Retirada de [https://www.facebook.com/braganoitebranca/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/braganoitebranca/photos/?ref=page_internal) em julho de 2021
- Fig. 148 e 149 - Noite Branca na Avenida da Liberdade (2019) - Fotografias da autora em agosto de 2019
- Fig. 150 - Altice Forum Braga - Retirada de <https://correiodominho.pt/noticias/altice-forum-braga-acolhe-centro-de-rastreio-para-o-covid-19/123620> em julho de 2021
- Fig. 151 - Vista aérea do Antigo Pavilhão de Exposições de Braga - Obtida das imagens de 2017 do Google Earth Pro em julho de 2021
- Fig. 151 - Vista aérea do atual Altice Forum Braga - Obtida das imagens de 2020 do Google Earth Pro em julho de 2021
- Fig. 153 - Cerimónia de encerramento da Cidade Europeia do Desporto - Obtida de <https://www.forumbraga.com/Espacos/Pavilhao> em julho de 2021
- Fig. 154 - Roteiros turísticos de Braga - Fotografia da autora dos roteiros obtidos no Posto de Turismo em junho de 2021
- Fig. 155 - Palácio do Raio (2019) - Fotografia da autora de agosto de 2019
- Fig. 156 - Desenho da autora da Avenida da Liberdade realizado em setembro de 2019

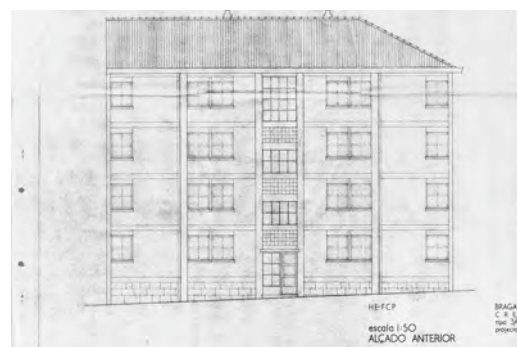
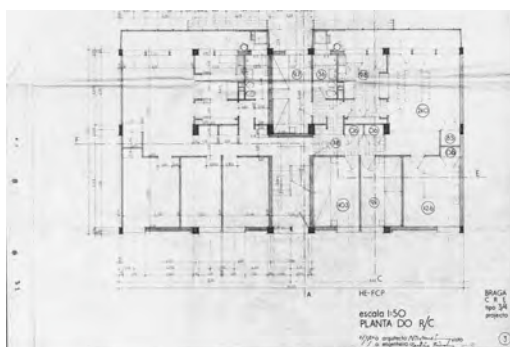
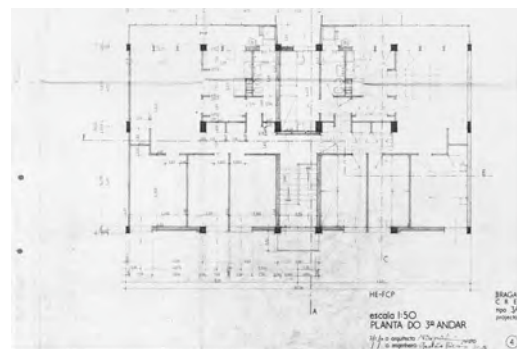
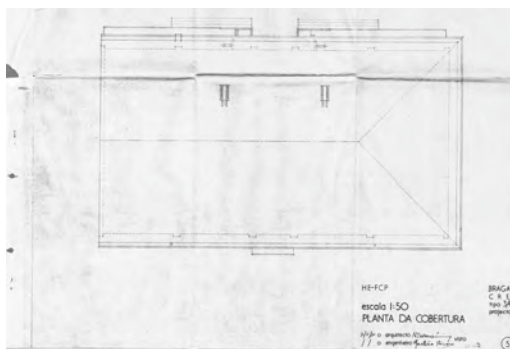
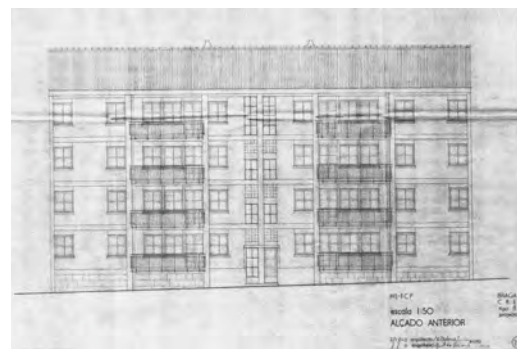
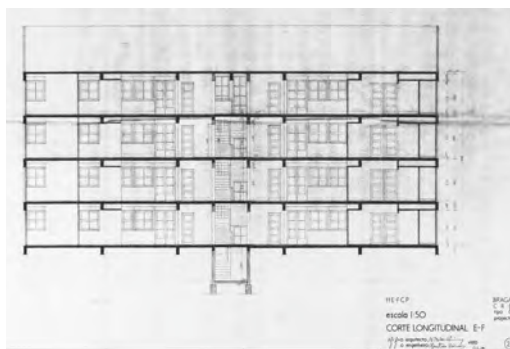
Avenida da Liberdade



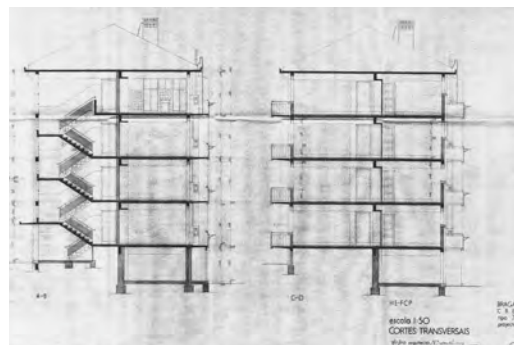
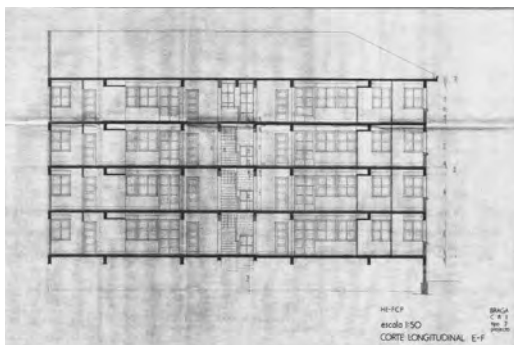
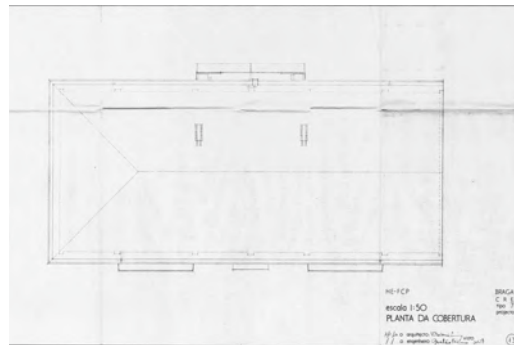
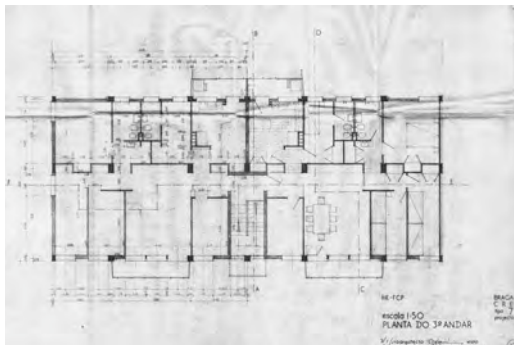
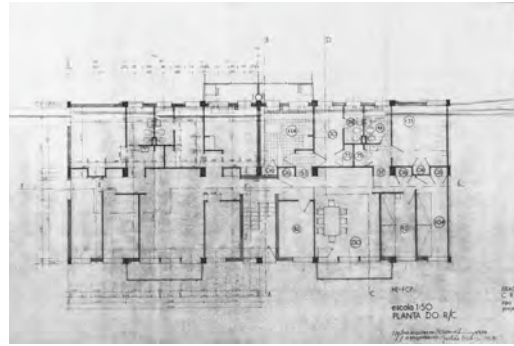
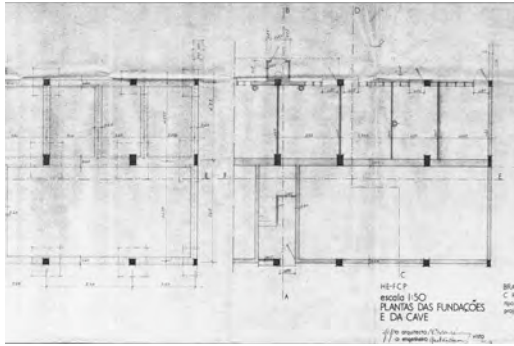
Anexos

Desenhos fornecidos pela CMB

Casas de Renda Económica (1ª fase)

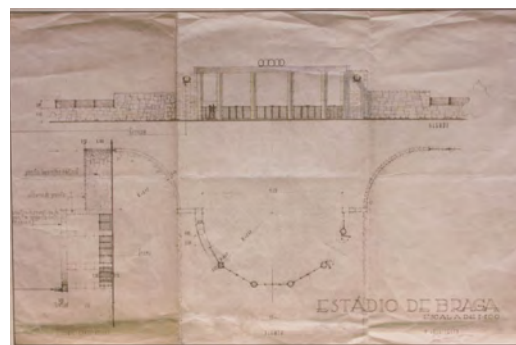
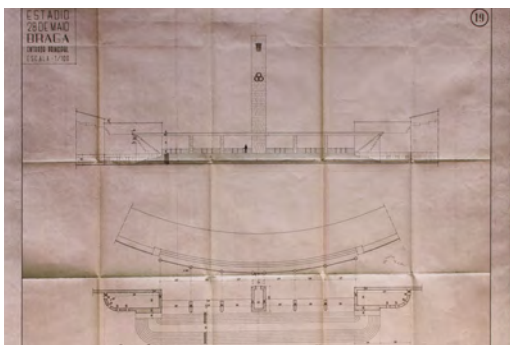
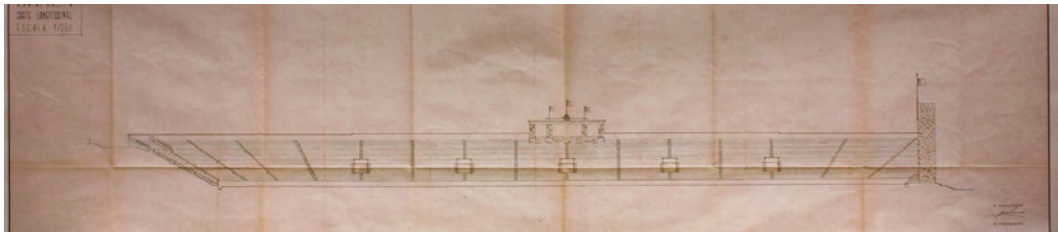
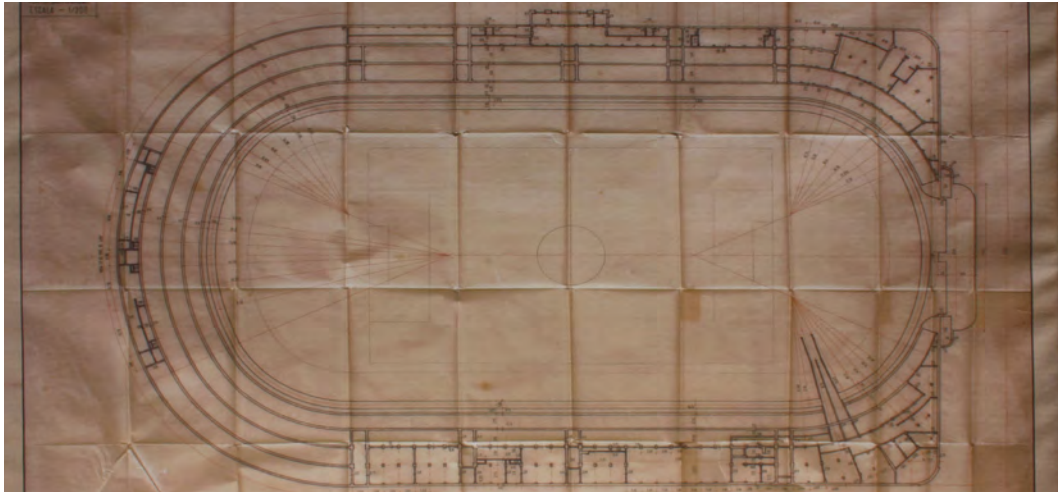


## Avenida da Liberdade

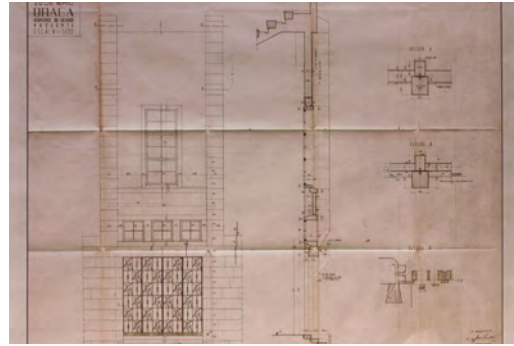
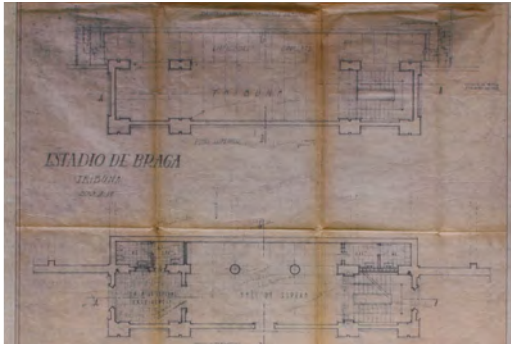


## Parque da Ponte e Estádio





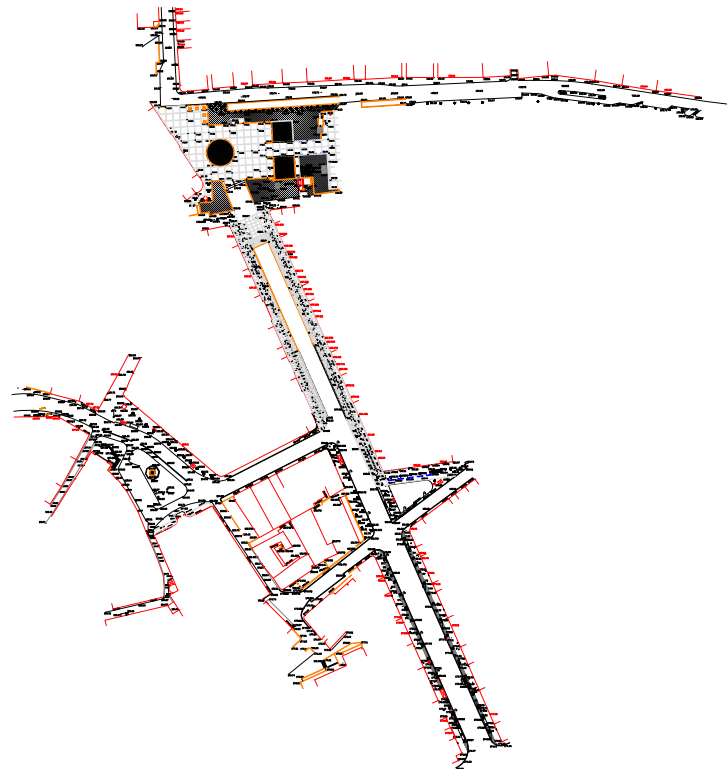
Avenida da Liberdade



Plantas da cidade 1968



Projeto do prolongamento do túnel da Avenida da Liberdade

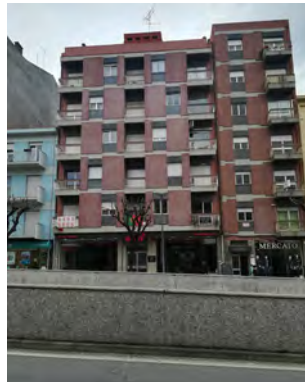


Avenida da Liberdade

**Registo fotográfico da Avenida da Liberdade a 30.10.2019**



Avenida da Liberdade

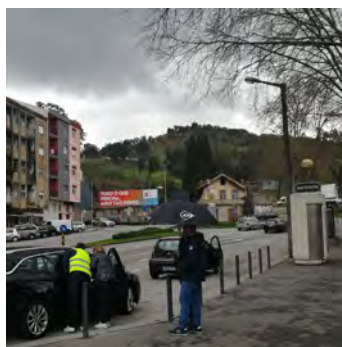






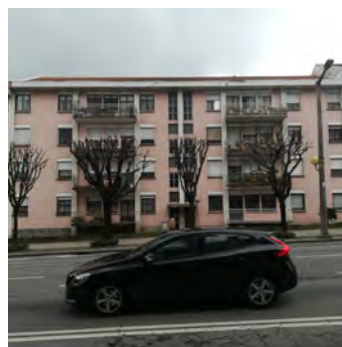
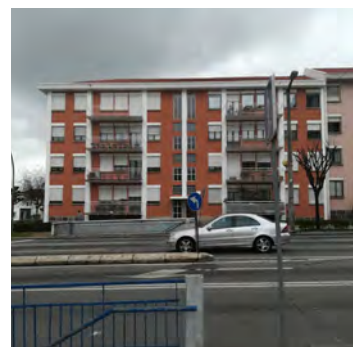
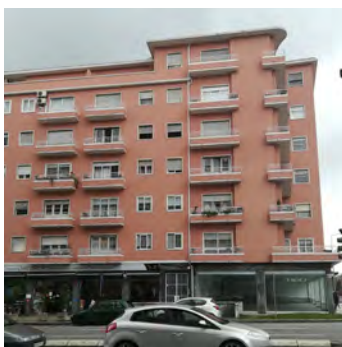
Avenida da Liberdade





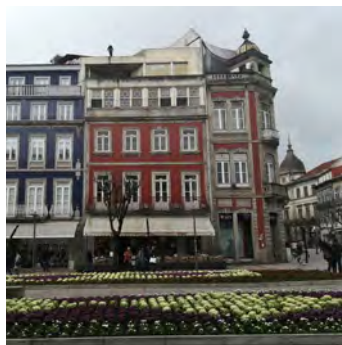
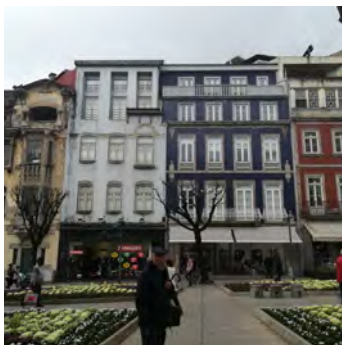
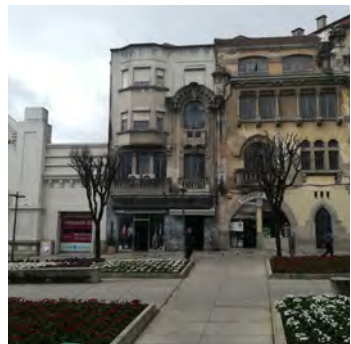
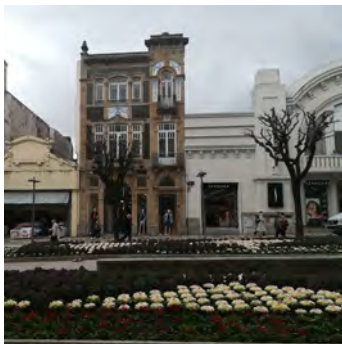
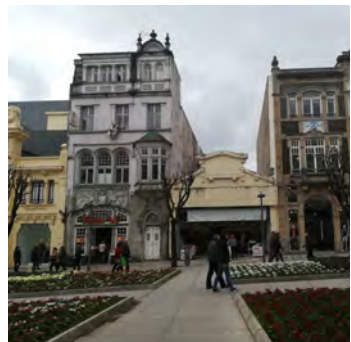
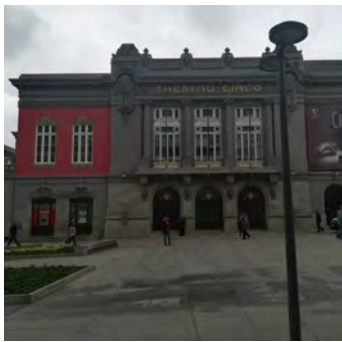
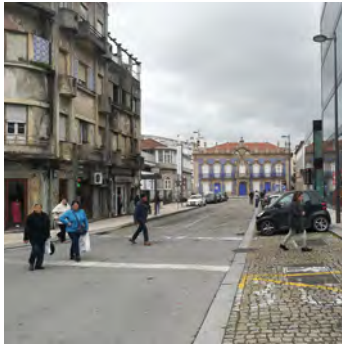
Avenida da Liberdade





Avenida da Liberdade





Avenida da Liberdade



### Observação participante 28.08.2019

Por volta das 15h da tarde da última quarta-feira do mês de agosto, desloquei-me de automóvel até ao centro histórico de Braga e estacionei-o perto do Mercado Municipal. Caminhando, dirigi-me à Avenida da Liberdade, mas ao descer a Rua dos Chãos pelo lado direito, deparei-me com uma das poucas livrarias alfarrabistas – Livraria Fernando Santos - que ainda existem na cidade. Resolvi entrar e conversar com o proprietário, Fernando Santos.

Explico a temática da dissertação e pergunto ao alfarrabista o que, para ele, foram as maiores transformações espaciais e sociais que Braga sofreu ao longo da sua vida, principalmente, na atual Avenida da Liberdade.

Assim, o Senhor Fernando conta que nasceu na cidade em 1932 e que, desde o início dos anos 80, tem a sua livraria no local onde nos encontramos. Após lamentar o progressivo desaparecer da sua profissão, conta que a vivência da cidade se transformou completamente desde a sua juventude. Na época dos seus vinte anos, durante a década de cinquenta, as pessoas percorriam a Avenida diariamente, pois esta tinha outra centralidade: “Era lá que namorávamos... Era o centro da cidade, tinha lá tudo”. Fosse de noite ou de dia, as pessoas começavam pela atual Avenida Central e desciam/subiam a atual Avenida da Liberdade. Ao longo deste percurso iam parando nos cafés que eram o ponto de encontro e um lugar central de convívio na vida social das pessoas. Destaca também, que alguns dos cafés mais importantes da cidade, como o Café Sporting e O Nosso Café localizavam-se na Avenida da Liberdade. “Mudou-se tudo, mudaram-se as vontades, principalmente o modo de vida. Antigamente, quando eu tinha os meus vinte anos, as pessoas percorriam a Avenida diariamente e paravam sempre nos cafés. As pessoas já não vão aos cafés, não como antigamente.”

O Senhor Fernando salienta também a transformação da vivência da Avenida da Liberdade, pois, antigamente, o Teatro Circo tinha sessões de cinema todos os dias, o coreto tinha atuações duas ou três vezes por semana, a atividade comercial da zona era enorme e o “abandono” noturno que se viveu a partir dos anos noventa, não era uma realidade: “À noite, o centro da cidade é um desastre!”

O senhor destaca também o impacto na zona da recente deslocação do hospital, pois o antigo Hospital de São Marcos (a terceira localização) atraía muita gente para a

Avenida da Liberdade

zona. Apesar de ter resolvido parte do problema do caos do tráfego rodoviário, esta transformação teve um impacto negativo no comércio.

O octogenário não apontou nenhum motivo em particular que tenha contribuído para esta alteração na vivência da cidade, à exceção do aparecimento dos centros comerciais.

Durante o seu discurso, o alfarrabista indica dois ou três livros que talvez ajudem no desenvolvimento da dissertação: “Guia de Braga, turístico e histórico” de Fernando Mendes e “Imagem real e potencialidades” do Governo Civil do distrito de Braga.

Assim, finalizada a conversa e após sair da livraria, percorro o resto da rua dos Chãos até ao chafariz. Como uma típica tarde de verão ensolarada, à medida que se aproxima da Praça da República, o fluxo de pessoas a caminhar aumenta. Junto ao caixote do lixo, perto da Caixa Geral de Depósitos, fazem-se esboços da conexão da Avenida Central com a Avenida da Liberdade. Por volta das 17h, volto a dirigir-me ao meu automóvel.

Avenida da Liberdade

### Observação participante 30.08.2019

Pelas 16 horas do dia 30 de agosto dirigi-me de automóvel até à Avenida da Liberdade. Tendo em conta a falta de lugares estacionamento nesta, estacionei numa das suas ruas perpendiculares, junto à Escola secundária D. Maria II. Logo depois, resolvi percorrer a avenida até ao Parque da Ponte. No último terço da avenida, deparei-me com uma loja de instrumentos musicais, o Salão Mozart, ao qual resolvi entrar e conversar com as pessoas da loja. O funcionário presente disse-me que trabalha naquele local há cerca de 20 anos e que aquele estabelecimento de quase 40 anos, sofreu algumas alterações ao longo do tempo: inicialmente, era apenas o número 68 e, posteriormente, aumentou para a loja ao lado, o número 72. Poucos minutos depois, o filho do dono da loja, também ele funcionário na mesma, juntou-se a esta conversa.

Começo por perguntar o que é que eles pensam daquela parte da Avenida, como é que a caracterizam e quais as principais alterações que este espaço sofreu desde que a frequentam. Assim, ambos consideram que o último terço da Avenida não tem sofrido grandes alterações físicas nos últimos anos, à exceção da requalificação do antigo pavilhão da Expo98 para o atual Altice Fórum Braga. Descrevem esta zona como uma zona residencial com atividade comercial nos rés do chão; apontam a presença de alguns escritórios, apesar de estes serem em maior número no primeiro terço da avenida; sentem a influência da especulação imobiliária nos últimos anos, principalmente no primeiro terço da avenida; denotam um progressivo “abandono” e “envelhecimento” do edificado, principalmente nas ruas adjacentes à Avenida, que se revela principalmente no período noturno, quando esta se torna uma área completamente deserta e, progressivamente, mais perigosa ao ponto de eles terem de acompanhar professores a casa; consideram haver muitos espaços destinados aos estacionamento mas que na sua maioria estão sujeitos a pagamento; apontam o embelezamento de algumas fachadas como outra das poucas alterações sentidas nesta zona nos últimos anos; pensam que as pessoas que ali habitam são, comumente, de uma faixa etária mais velha e que esta, apesar de ser uma área central na cidade com muito potencial, é desinteressante para jovens viverem pelo estado atual da mesma.

Por outro lado, afirmam que apesar da influência dos grandes centros comerciais, esta continua a ser uma zona minimamente movimentada com potencial para ser mais atrativa pela presença de serviços (escolas, Altice Fórum, etc.), do Parque da Ponte e do comércio. Consideram que o Parque da Ponte e os espaços nele compreendidos

Avenida da Liberdade

poderiam ser mais aproveitados, pois apesar de o estádio 1º de maio ainda ser utilizado, o aproveitamento e utilização dos jardins pelos bracarenses é muito pouco frequente pela má fama do local. Este é considerado um lugar “perigoso” e “mal frequentado”, devido à proximidade do Bairro Nogueira da Silva (que também tem má fama) e à frequente utilização do parque para utilização de drogas. Apesar de atualmente ser possível ver lá pessoas a praticar desporto, não é algo que renove a imagem que os habitantes têm do parque. Segundo o filho do dono, o facto das pessoas em Braga seguirem-se muito por modas e pela opinião alheia, também contribui para este cenário. Ele considera que esta característica acaba também influenciar a afluência a outros locais, como os cafés: “Por exemplo, os jovens frequentam sempre os mesmos cafés, os que vivem na periferia vão aos cafés da aldeia, já os da cidade juntam-se nos bares/cafés junto à Sé, porque está na moda. Não é como em Lisboa e no Porto, em que há uma maior oferta e descentralizavam destes lugares.”

Consideram que o comércio desta parte da Avenida continuou, mais ou menos, o mesmo, pois os cafés e as lojas mais antigas resistiram à crise de 2008, apesar de alguns terem mudado de gerência. No entanto, notam que a atividade comercial dos pequenos centros comerciais mais antigos que existiam ao longo da Avenida, bem como nas ruas perpendiculares a esta, foi diminuído drasticamente. Neste momento, eu resolvi perguntar sobre a antiga loja da Ford, pois este edifício chamou-me à atenção durante a minha caminhada, pela sua escala e características formais distintas da envolvente. Deste modo, o primeiro funcionário pensa que aquele edifício foi loja da Ford até aos anos 90 e que o prédio anexado a este, existe há pelo menos 40 anos (a avó do filho do dono vive lá desde que este edifício foi construído). Este prédio em questão já foi um centro comercial e pensa-se que futuramente será um restaurante chinês enorme.

Além disso, consideram que a Avenida da Liberdade possui dinâmicas muito distintas nos seus dois extremos: “A avenida lá em cima é diferente da daqui. Lá é onde se fazem mais modificações e reabilitações, é onde se tiram as fotos, é a parte mais turística. A quantidade de pessoas que frequenta esta zona é mais constante, já lá em cima, varia muito.” Consideram que a Câmara Municipal contribui para esta diferença, pois esta é mais dinâmica na sua atuação no espaço público do centro histórico - que engloba o extremo norte da Avenida - e desleixa-se perante outras zonas da cidade como o extremo sul da avenida. Exemplo disto, foi o facto de no ano passado terem posto as luzes de natal na parte turística com meses de antecedência e, em contrapartida, só puseram naquela zona uns 20 dias antes da festividade. Nesta sequência, dissera-me que a Câmara Municipal promove poucas atividades no Parque da Ponte, o que contribui para o estado atual do mesmo; que a população considera a recente mudança da localização da feira do Parque negativa; que o projeto de tornar o último terço da avenida pedonal, à semelhança do primeiro, foi completamente esquecido.

Atualmente, sente-se o impacto da alteração da localização do hospital público, que por um lado, diminuiu o congestionamento de trânsito, mas que em contrapartida, influenciou negativamente o comércio da envolvente (loja do cidadão, etc.); do turismo e da gentrificação, que estão a alterar muito o centro histórico da cidade, seja pelos preços, pelo tipo de comércio, pelo aumento da presença de espaços destinados a alojamento local ou até pela própria acústica dos espaços urbanos.

Avenida da Liberdade



### Questionário

Este questionário visa obter dados sobre as transformações da Avenida da Liberdade em Braga no âmbito da dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Peço que responda a todas as questões com a resposta que lhe pareça mais apropriada.

1. Reside ou já residiu no distrito de Braga?

- Sim
- Não

Caso a resposta for negativa, o formulário termina aqui.

2. Sexo:

- Feminino
- Masculino
- Outra

3. Idade:

- Até 30 anos
- Entre 30 a 60 anos
- Mais de 60 anos

4. Local de residência:

- Braga (Centro)
- Braga (Periferia)
- Concelhos circundantes (Ex: Amares, Vila Verde, etc.)
- Outra

5. Sabe onde fica a Avenida da Liberdade em Braga?

- Sim
- Não

6. Atualmente, frequenta a Avenida da Liberdade?

- Sim
- Não

Caso a resposta for não, o questionário encaminha-se para as seguintes questões:

6.1. Já frequentou a Avenida da Liberdade?

- Sim
- Não

Caso a resposta for negativa, o formulário termina aqui.

6.2. Por que motivo deixou de frequentar a Avenida da Liberdade?

---

7. Com que frequência o faz/fazia?

- Diariamente
- Semanalmente
- Mensalmente
- Anualmente

8. O que faz/fazia na Avenida da Liberdade?

- Trabalho
- Compras
- Serviços
- Teatro
- Turismo
- Atividades lúdicas (festas, feiras, etc.)
- Viver
- Convívio
- Deslocação
- Passear
- Outra opção...

9. Considera que a Avenida da Liberdade reflete/refletia a cidade?

- Sim
- Não

10. Como descreve a Avenida da Liberdade?

Para si quais são as características mais marcantes deste lugar, sejam elas edifícios ou eventos.

---

---

---

---

11. Para si, o início da Avenida da Liberdade é diferente do seu fim? Porquê?

---

---

---

---

12. O que significa/ significou a Avenida da Liberdade para si?

Para si, o que é que este lugar significa ou significou para a sua vida, como por exemplo, um lugar que o/a faz recordar da sua infância, amizades, etc.

---

13. Quais as suas principais memórias da Avenida da Liberdade?

---

---

---

14. Desde que se lembra, a Avenida da Liberdade mudou?

( ) Sim

( ) Não

Caso a resposta for negativa, o formulário termina aqui.

14.2. Em que aspetos é que a Avenida da Liberdade mudou?

Para si, que aspetos físicos e/ou sociais é que este lugar se modificou, levando ao seu estado atual. Como por exemplo, se foram as pessoas, as atividades, os hábitos sociais e/ou os edifícios que se alteraram.

---

---

---

14.2. Quais os principais motivos para essa mudança?

---

---

---

14.3. Que edifícios da Avenida da Liberdade melhor refletem essas mudanças?

---

Obrigada pela sua colaboração.

Avenida da Liberdade

### **Respostas ao questionário**

O questionário seguiu um formato semiestruturado, com perguntas de resposta fechada, que possibilitam obter dados quantitativos e padronizados e, outras de resposta aberta, que permitem a compreensão aprofundada da ação individual no contexto social. Assim, o formato e as perguntas deste questionário têm como objetivo verificar e procurar a opinião dos inquiridos sobre o processo de produção da Avenida da Liberdade de Braga, nomeadamente, sobre a sua significação e utilização. As respostas dos inquiridos serviram de base para comprovar e estruturar os temas abordados ao longo da dissertação.

O questionário online foi feito através da Google Docs e disponibilizado através das redes sociais. Por outro lado, este também foi respondido presencialmente através de entrevistas realizadas pela autora na cidade de Braga. No total responderam 83 inquiridos, dos quais apenas 70 foram utilizados pois são os que residem ou já residiram no distrito de Braga.

As respostas aos questionários estão discriminadas por sexo e idade para ser possível compreender se a perceção e significação da Avenida da Liberdade bracarense varia consoante estes fatores demográficos, através da comparação dos valores percentuais. Os valores percentuais apresentados, encontram-se arredondados.

Assim, no início apresentam-se tabeladas as respostas às perguntas fechadas e de seguida, as perguntas abertas. Lateralmente às respostas das perguntas abertas, encontram-se caixas de textos que contêm uma sintetização das respostas.

Todos os inquiridos sabem localizar a Avenida da Liberdade, ou seja, a pergunta 5 não aparece tabelada pela unanimidade de resposta.

	4.	6.	6.1.	6.2.	7.	9.	14.
1.	C.C.	Sim			Mensal.	Sim	Sim
2.	C.C.	Não	Sim	Emigração	Mensal.	Sim	Não
3.	C.C.	Não	Sim	Emigração	Mensal.	Sim	Sim
4.	C.C.	Sim			Mensal.	Sim	Não
5.	C.C.	Sim			Anual.	Sim	Sim
6.	Outra.	Sim			Mensal.	Sim	Não
7.	C.C.	Sim			Mensal.	Não	Não
8.	C.C.	Sim			Semanal.	Sim	Sim
9.	Braga (P.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
10.	Braga (P.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
11.	Braga (P.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
Total:	Braga (C.): 0 Braga (P.): 3 (27%) C.C.: 7 (64%) Outra: 1 (9%)	Sim: 9 (82%) Não: 2 (18%)			Diaria.: 3 (27%) Semanal.: 1 (9%) Mensal.: 6 (55%) Anual.: 0	Sim: 10 (91%) Não: 1 (9%)	Sim: 7 (64%) Não: 4 (36%)

	Trabalho	Compras	Serviços	Teatro	Turismo	At. lúdicas	Viver	Convívio	Desl.	Passar	Outra
1.		×			×			×		×	
2.		×						×		×	
3.		×	×		×			×		×	
4.		×								×	
5.		×	×		×	×		×		×	
6.		×			×	×				×	
7.					×			×		×	
8.										×	
9.	×		×	×		×			×	×	
10.	×	×	×							×	
11.	×	×								×	
Total:	3 (27%)	8 (73%)	4 (36%)	1 (9%)	5 (45%)	3 (27%)	0	5 (45%)	1 (9%)	11 (100%)	0

**Até 30 anos\_sexo feminino**

Amostra de 11 inquiridas.

**10. Como descreve a Avenida da Liberdade?**

1. Edifícios.
2. Uma avenida linda.
3. Espaços bonitos e práticos. Boa exposição. Eventos correntes.
4. Área comercial.
5. A paisagem, comércio local.
6. Edifícios, enquadramento com o arco da porta nova, a diferença tipológica dos edifícios e do espaço público (no encontro por ex. com a sé) e a diferente morfologia urbana dos arruamentos ao longo desta (ruas ora estreitas, ligações transversais por exemplo com o jardim de Santa Bárbara.
7. A dimensão, os jardins.
8. Um sítio simpático e agradável às pessoas.
9. Rua bem movimentada, com pessoas simpáticas e que se ajudam umas às outras. Para andar pelas lojas, é mais agradável ir à avenida do que aos grandes centros comerciais, pois tem menos confusão. Parte da cidade com tudo “à mão”, mas não viveria aqui por não gostar de viver em prédios.
10. Quando me perguntam pela cidade de Braga, perguntem-me pela zona do chafariz, do início da avenida e dos jardins. Para viver, considero-a bastante agradável, pois é uma zona bonita apesar de alguns edifícios parecerem muito velhos.
11. As pessoas são simpáticas. Faz parte do centro histórico. Faz-me lembrar da braga romana.

- .características físicas do espaço (64%):
  - espaço público, incluído os jardins (36%);
  - o edificado (27%);
  - as diferenças morfológicas e tipológicas ao longo da avenida (9%);
  - estado degradado do mesmo (9%);
- . social e esteticamente agradável (55%);
- . área comercial e central (27%);
- . com eventos correntes (18%);
- . parte do centro histórico (9%).

**11. Para si, o início da Avenida da Liberdade é diferente do seu fim? Porquê?**

1. Sim, o fim é mais industrial.
2. Não.
3. Sim. O início da avenida tem belas superfícies comerciais e de fácil circulação.
4. Sim. A parte de cima é muito mais cosmopolita que a parte de baixo, parecendo mais deserta.
5. (Não respondeu à questão).
6. Sim, o início tem uma lógica mais aberta (praça, espaços mais amplos) e vai reduzindo o seu perfil, com a exceção de elementos pontuais como a praça ou outros espaços de “abertura”.
7. Sim, é. O início é muito dedicado a lazer e turismo. enquanto que o final parece mais industrial, parece uma periferia e não um centro, uma avenida (a avenida central).

- Extremo norte:
  - .superfícies comerciais mais apelativas (18%);
  - .fácil circulação, pedonal (36%)
  - .maior centralidade e movimento (36%);
  - .espaços mais abertos e bonitos (18%);
  - .turismo e lazer (9%).
- Extremo sul:
  - .industrial (18%);
  - .menor centralidade e

São muito díspares.

8. Não conheço o final.

9. Sim, em todos os aspetos. As pessoas no fim não se concentram tanto pois não há estacionamentos. A maior parte das lojas que as pessoas procuram estão no seu início (parte pedonal) e por isso, não descem a avenida toda.

10. Sim, até ao túnel é muito mais bonito, do túnel para baixo é bastante diferente.

11. Sim. No fim é mais abandonado, no início é mais movimentado.

**12.** O que significa/significou a Avenida da Liberdade para si?

1. Local para passear.

2. Passear com o meu namorado que não é de Braga.

3. Faz-me lembrar os passeios ao fim de semana com os pais e a ida às compras com amigos.

4. Local meramente comercial.

5. Amizades.

6. Faz-me recordar os tempos em que reunia com os meus amigos no largo da sé, ou quando vou para a estação ferroviária. Para mim, é uma das mais importantes “avenidas” de ligação/permeabilidade urbana.

7. Parque de exposições, passeios ao ar livre. Festas dos santos populares.

8. Um local onde vou passear.

9. Local de trabalho.

10. Lugar do dia-a-dia.

11. Faz-me lembrar da infância. O comércio de rua, faz-me lembrar de tempos mais históricos.

**13.** Quais as suas principais memórias da Avenida da Liberdade?

1. Natal.

2. O seu comprimento.

3. Saídas com amigos e as festas populares.

4. Compras.

5. Amizades, saídas à noite.

6. Resposta anterior.

7. Os jardins, o chafariz.

8. Passeios em família ou com amigos.

9. Sempre as mesmas: compras e atividades de natal (principalmente para crianças).

10. Eu sou do tempo em que só havia o primeiro túnel e o início não era pedonal, por isso tenho mais memórias da zona do chafariz porque era pedonal. Tenho memórias do São João, quando se percorria a avenida até ao fundo.

11. Desfile da Braga Romana.

movimento, periferia com poucos estacionamentos (36%);

.espaços de abertura pontual (9%).

.3 não apontam disparidades (27%).

.passeio (36%);

.comércio (27%);

.amizades e família (27%);

.trabalho (18%);

.São João (9%);

.antigo Parque de Exposições (9%);

.recordar a infância (9%);

.ligação/permeabilidade urbana (9%);

.História (9%).

.eventos (45%) como o natal, o São João e a Braga Romana;

.as características físicas do espaço (36%):

-jardins (18%);

-chafariz 18%);

-1º túnel/ antiga Praça da República (9%);

-zona de permeabilização urbana (9%);

-comprimento (9%);

.passeios/convívio com família, amigos (36%);

.comércio(18%).



**14.1.** Em que aspetos é que a Avenida da Liberdade mudou?

1. Jardins e reconstrução de edifícios.
3. Pelo que observo melhorou porque tem várias atividades culturais. Por outro lado, as superfícies comerciais estão a fechar.
5. Algumas lojas fecharam.
8. É mais povoado, agora há mais pessoas a passear.
9. Com o túnel, mudou tudo. Lojas que têm vindo a fechar e que depois não reabrem. No início da avenida fecham, mas facilmente abre uma nova, no fim, muito dificilmente isso acontece.
10. Sim, tem mudado até meio, daí para baixo, está um bocado esquecida. As pessoas, também têm mudado. O turismo tem muita influência nisso, pois antigamente só se vi por lá espanhóis e agora vêm-se de todas as nacionalidades. As unidades hoteleiras estão um bocadinho mais afastadas do centro, agora com os hosteis, fica mais atrativo para os turistas. Cada vez mais vejo jovens a viver na zona histórica.
11. Não mudou muito, tirando a renovação de alguns edifícios.

- .o fecho/alteração do comércio (27%);
- .a reabilitação do edificado/espço urbano (27%), como o atual túnel, os jardins e algumas fachadas;
- .mais afluência populacional (18%);
- .uma maior dinâmica cultural (18%);
- .o turismo (9%).

**14.2.** Quais os principais motivos para essa mudança?

1. Modernização.
3. A evolução. Abertura de grandes shoppings.
5. Abertura dos shoppings.
8. Centro mais dinamizado, com mais eventos.
9. O aparecimento do túnel.
10. Investimento por parte da câmara. Por exemplo, agora no natal e apesar do mau tempo, eles tentaram pôr algumas coisas. O comércio também está cada vez mais moderno. Terem posto mais zonas pedonais e retirarem o trânsito do centro.
11. A renovação das fachadas para atraírem mais turismo.

- .túnel atual e parte pedonal/jardins (27%);
- .a abertura dos grandes shoppings (18%);
- .dinamização do centro pela CMB(18%);
- .modernização/evolução (18%);
- .modernização do comércio (9%);
- .o turismo (9%).

**14.3.** Que edifícios da Avenida da Liberdade melhor refletem essas mudanças?

1. Posto turismo e muitos prédios.
3. O centro da avenida.
5. A Brasileira.
8. (Não respondeu).
9. Túnel.
10. Os edifícios mais degradados do centro da cidade que agora estão a ser reabilitados, seja para habitação ou para hosteis.
11. Renovação de fachadas de edifícios antigos (ex.: Zara).

- .edifícios recentemente reabilitados (27%);
- .túnel (18%);
- .posto de turismo (9%);
- .cafés (9%).
- .1 pessoa não respondeu (9%).

	4.	6.	6.1.	6.2.	7.	9.	14.
1.	C.C.	Sim			Semanal.	Não	Não
2.	C.C.	Não	Sim	Distância	Mensal.	Sim	Sim
3.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
4.	C.C.	Sim			Semanal.	Sim	Não
Total:	Braga (C.): 1 (25%) Braga (P.): 0 C.C.: 3 (75%) Outra: 0	Sim: 3 (75%) Não: 1 (25%)			Diaria.: 0 Semanal.: 3 (75%) Mensal.: 1 (25%) Anual.: 0	Sim: 3 (75%) Não: 1 (25%)	Sim: 3 (75%) Não: 1 (25%)

	Trabalho	Compras	Serviços	Teatro	Turismo	At. lúdicas	Viver	Convívio	Desl.	Passear	Outra
1.		x		x		x			x	x	
2.		x									
3.		x	x					x	x	x	
4.		x	x			x		x		x	
Total:	0	4 (100%)	2 (50%)	1 (25%)	0	2 (50%)	0	2 (50%)	2 (50%)	11 (50%)	0

**Até 30 anos\_ sexo masculino**

Amostra de 4 inquiridos.

**10. Como descreve a Avenida da Liberdade?**

1. A relação entre escala dos edifícios e o espaço público, para mim, é confortável, sendo que, não me sinto esmagado entre os edifícios e simultaneamente não é demasiado largo perdendo-se a relação entre edifício/rua. No entanto, acredito que na parte “baixa” da avenida, ou seja, desde o túnel para baixo em direção ao parque da cidade, o espaço dedicado ao transporte viário é demasiado largo. Como a oferta de transportes públicos é reduzida essa zona da avenida está sempre sujeita a um intenso tráfego o que acaba por prejudicar o transeunte.
2. Ambiente característico da cidade devido às festividades de São João.
3. Demasiado espaço dedicado ao automóvel, no qual se reflete nos níveis elevados de poluição e ruído. Deveria existir ciclovias e mais espaços de repouso (e.g. bancos).
4. Os edifícios, os cheiros e a vista.

.características físicas do espaço (75%);

-espaço viário excessivo e prejudicial à qualidade do espaço pelo ruído, poluição e perigo aos pedestres (50%);

-relação entre a escala do edificado e espaço público agradável (25%);

.Festa de S.João (25%);

.transportes públicos insuficientes (25%);

.ciclovias e espaços de repouso insuficientes (25%).

**11. Para si, o início da Avenida da Liberdade é diferente do seu fim? Porquê?**

1. Sim, em primeiro lugar e, como referi anteriormente, a utilização do espaço urbano é diferente entre a zona “baixa” e “alta” da avenida, em segundo lugar o público alvo do comércio também varia e consequentemente os seus utilizadores. Na alta o comércio surge cada vez mais como um apoio ao turismo (cada vez mais um turismo de massas) e na baixa o comércio dedica-se mais ao comércio local com pequenos cafés pastelarias mercados etc., providenciando recursos de utilização diária aos habitantes daquela área. Outra característica que acho que destingue as duas zonas é que acredito que a zona alta está lentamente a ser abandonada por quem lá habita ficando ora vazia ou com habitação dedicada ao alojamento local.

Extremo norte:

.superfícies comerciais mais voltadas para o turismo de massas (25%);

.fácil circulação, pedonal (50%);

.gentrificação (25%).

Extremo sul:

.superfícies comerciais mais voltadas para os habitantes da zona, Ex: pequenos cafés, mercearias, etc. (25%).

.1 não aponta disparidades (25%).

2. Não.

3. O início (no topo) é mais amigável ao peão.

4. Porque cada canto tem uma história.

**12. O que significa/ significou a Avenida da Liberdade para si?**

1. Maior parte da minha vida, usei a avenida como uma forma de deslocação entre ponto A e ponto B ou como uma zona de passeio. Como zona de passeio, como é normal traz memórias, tal como muitas outras ruas ou outros parques, edifícios etc.
2. Nada significativa.

.passeio (50%);

.amizades e família (50%);

.infância (25%);

.deslocação (25%);

.centralidade urbana

3. Espaço central da cidade. (25%);
4. Lembro-me de quando era miúdo e só queria ir para Braga e Braga para mim significa avenida da liberdade. .a cidade, Braga (25%);  
.nada relevante (25%).
- 13.** Quais as suas principais memórias da Avenida da Liberdade?
1. As idas, quase semanais, à loja Mozart. .eventos (50%), nomeadamente, festa de S. João (25%);
2. As festividades de São João. .quotidiano (25%);
3. Memórias normais de um habitante que passa por lá frequentemente. .comércio 25%).
4. Festas de São João.
- 14.1.** Em que aspetos é que a Avenida da Liberdade mudou?
2. Aspeto visual dos espaços. .atual túnel (25%);
3. Prolongamento do túnel. .aspeto visual dos espaços (25%).
4. A sua extensão.
- 14.2.** Quais os principais motivos para essa mudança?
2. Necessidade de dinamizar o aspeto. .área pedonal (25%);
3. Maior área pedonal. .dinamização visual (25%);
4. Evolução dos tempos. .evolução (25%).
- 14.3.** Que edifícios da Avenida da Liberdade melhor refletem essas mudanças?
2. Liberdade street fashion. .Liberdade Street Fashion (50%)
3. (Não respondeu à questão).
4. O Liberty avenida shopping .1 não respondeu à questão (25%).

**Entre 30 e 60 anos\_ sexo feminino**

Amostra de 27 inquiridas.

**10. Como descreve a Avenida da Liberdade?**

- |  |   |
|--|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Edifícios e jardim.</li> <li>2. É uma das avenidas de Braga mais maravilhosa.</li> <li>3. Onde se pode encontrar um pouco de tudo (comércio) adoro passear-</li> <li>4. Longa.</li> <li>5. Maior, antiga, moderna.</li> <li>6. Para mim o edifício mais marcante da Avenida é o Teatro Circo e se é bonito por fora por dentro é mesmo espectacular, bem como os canteiros de flores que fazem parte da Avenida.</li> <li>7. Para mim, está tudo incluído, edifícios, eventos, jardins e pessoas.</li> <li>8. Edifícios.</li> <li>9. Edifícios.</li> <li>10. Beleza dos jardins.</li> <li>11. Jardim e o facto de ser comprida e sem carros.</li> <li>12. Central.</li> <li>13. Linhas minimalistas ligadas com antiguidade das fachadas.</li> <li>14. Avenida principal.</li> <li>15. Espaço de reencontros.</li> <li>16. Ponto central da cidade de Braga, mas com muito prédio em mau estado. Má porta de entrada da nossa cidade.</li> <li>17. Gostava muito do edifício da (ex) Ranhada e Teixeira, no fundo da avenida. Hoje gosto de olhar para o edifício dos Correios e recordar.</li> <li>18. A “cara” da cidade.</li> <li>19. Edifícios bonitos, eventos, locais de convívio/encontro de pessoas.</li> <li>20. Esplendorosa, o nosso ex-líbris!</li> <li>21. São João.</li> <li>22. Culturais, arquitectura.</li> <li>23. Para definir Braga, é a Avenida. É o centro de tudo. Para mim, Braga, é a Avenida.</li> <li>24. É uma avenida muito bela e com edifícios muito interessantes. É um ponto turístico. O turista, quando vem a Braga, procura muito essa avenida, pelos jardins, pelos edifícios e pela zona envolvente. É um espaço agradável, principalmente para quem tem tempo para usufruir.</li> <li>25. Considero mais a avenida central como ponto de referência, não a avenida da liberdade. Para mim, essa é mais um sítio de trânsito. Às vezes, também vou lá fazer compras, mas não considero um sítio de passeio. Não é agradável, de todo.</li> </ol> | <p>edificado (26%), em particular, a degradação deste (4%);<br/>         .jardins (22%);<br/>         .longa, comprida (11%);<br/>         .“cara” da cidade, o ex-líbris (11%);<br/>         .recordações/nostalgia (11%);<br/>         .comercial (7%);<br/>         .antiga (7%), mas simultaneamente moderna (4%);<br/>         .grande afluência de pessoas (7%);<br/>         .eventos (7%);<br/>         .central (7%);<br/>         .espaço de (re)encontros (7%);<br/>         .arquitectura (7%);<br/>         .agradável (7%);<br/>         .local de passeio (4%);<br/>         .Theatro Circo (4%);<br/>         .espaço pedonal (4%);<br/>         .má entrada da cidade (4%);<br/>         .São João (4%);<br/>         .cultural (4%);<br/>         .ponto turístico (4%);<br/>         .não é um ponto de referência (4%);<br/>         .com demasiado trânsito (4%);<br/>         .desagradável (4%).</p> |
|--|---|

Avenida da Liberdade

	4.	6.	6.1.	6.2.	7.	9.	14.
1.	C.C.	Não	Sim	Trânsito	Mensal.	Sim	Sim
2.	C.C.	Sim			Mensal.	Sim	Sim
3.	C.C.	Não	Sim	Imigração	Semanal.	Sim	Sim
4.	Braga (P.)	Sim			Diaria.	Não	Sim
5.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
6.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
7.	C.C.	Sim			Mensal.	Sim	Sim
8.	C.C.	Sim			Mensal.	Sim	Sim
9.	C.C.	Sim			Mensal.	Sim	Sim
10.	Braga (P.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
11.	Braga (P.)	Sim			Semanal.	Não	Sim
12.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
13.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
14.	Braga (C.)	Sim			Mensal.	Sim	Sim
15.	Braga (P.)	Sim			Mensal.	Sim	Sim
16.	Braga (C.)	Sim			Mensal.	Não	Sim
17.	C.C.	Sim			Mensal.	Sim	Sim
18.	Braga (P.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
19.	Braga (C.)	Não	Sim	Não ter necessidade	Semanal.	Sim	Sim
20.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
21.	Braga (P.)	Sim			Mensal.	Sim	Sim
22.	C.C.	Não	Sim	Sem disponibilidade	Anual.	Não	Não
23.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
24.	Outra	Sim			Mensal.	Sim	Sim
25.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Não	Sim
26.	C.C.	Sim			Semanal.	Sim	Sim
27.	Braga (P.)	Não	Sim	Sem disponibilidade	Mensal.	Sim	Sim
Total:	Braga (C.): 10 (37%) Braga (P.): 7 (26%) C.C.: 9 (33%) Outra :1 (4%)	Sim: 22 (81%) Não: 5 (19%)			Diaria.: 7 (26%) Semanal.: 7 (26%) Mensal.: 12 (44%) Anual.: 1 (4%)	Sim: 22 (81%) Não: 5 (19%)	Sim: 26 (96%) Não: 1 (4%)

26. Excelente pelas boas recordações.  
 27. Espaço bonito e agradável para passear, sempre com um grande número de pessoas.

11. Para si, o início da Avenida da Liberdade é diferente do seu fim? Porquê?

1. Não sei.
2. É um encanto, tudo em si, os monumentos, o jardim, etc.
3. (Não respondeu à questão).
4. Habitação.
5. Sim, porque o poder está sempre lá em cima.
6. Diria que a avenida termina no Parque da Ponte e de facto não é uma área tão frequentada por peões apesar do parque ser muito bonito. Eventualmente porque a área pedonal da avenida termina muito perto do seu início (chariz).
7. Sim.
8. Na beleza.
9. Sim. Acaba em movimento pediam-lhe com trânsito.
10. Trânsito.
11. Sim pois não tem carros.
12. Abandono.
13. Sim, a parte sul da avenida está mais degradada.
14. Sim, o início é zona nobre, o fim menos.
15. Sim, é. O topo é mais belo, o fim nem por isso.
16. O início está muito melhor cuidado que o final. Prédios e rua a precisar de requalificação.
17. Onde inicia? O que pode ser o final para uns, pode ser o início para outros.
18. Sim, mas poderia ser não, inicia com uma bela imagem de uma praça e poderia acabar com um belo parque (São João da ponte).
19. Está diferente, basta não existir trânsito no início da Av. e ter objetivos diferentes (o início é mais uma zona de lazer e o fim já faz parte da saída da cidade).
20. Não, é linda do início ao fim e vice-versa!
21. Sim, porque tem mais turismo no fim.
22. (Não respondeu).
23. Sim, no movimento. No início, sente-se mais o turismo e lá em baixo, são mais as pessoas da cidade. O parque também está muito abandonado. Mesmo com o Fórum, falta ali alguma atração.
24. Até ao S. João nunca fui. Mas gosto mais do início, até à parte que tem jardim. Depois vem o túnel e, mais para baixo, não tem nada que cativa. A parte mais interessante e cativante é dos jardins para cima.
25. O início, tem condições para as pessoas andarem com

Extremo norte:

- .não tem trânsito viário (11%);
- .esteticamente mais agradável (11%);
- .área pedonal agradável (7%);
- .zona nobre (7%);
- .zona de lazer e passeio (7%);
- .mais turístico (7%);
- .jardins (7%).

Extremo sul:

- .com muito trânsito (15%), não agradável ao peão (4%);
- .Parque da Ponte não frequentado (11%);
- .esteticamente menos apelativa e cativante (11%);
- .mais degradado (7%), abandonado (4%), com espaço urbano e edificado a necessidade de requalificação;
- .frequentada pelos habitantes da cidade (7%);
- .zona menos nobre (4%);
- .saída da cidade (4%);
- .comércio específico (4%);
- .Altice Forum Braga (4%).
- .possuem movimentos (7%), habitações (4%) e aspetos (4%) distintos;
- .1 não os considera distintos (4%);
- .3 respostas não conclusivas (11%).

Avenida da Liberdade

	Trabalho	Compras	Serviços	Teatro	Turismo	At. lúdicas	Viver	Convívio	Desl.	Passear	Outra
1.		x	x							x	
2.										x	
3.						x				x	
4.		x		x							
5.		x							x	x	
6.		x	x	x	x	x		x	x	x	
7.						x					
8.		x								x	
9.		x	x	x		x		x		x	
10.										x	
11.		x			x	x		x			
12.	x		x						x		
13.		x	x	x					x		
14.		x		x						x	
15.		x		x	x	x		x	x	x	
16.		x	x			x				x	
17.			x		x	x		x			
18.		x	x	x					x		
19.								x		x	
20.		x								x	
21.		x								x	
22.		x	x	x				x			
23.		x		x					x	x	
24.									x	x	
25.		x							x		
26.		x						x		x	
27.		x								x	x
Total:	1 (4%)	19 (70%)	9 (33%)	9 (33%)	4 (15%)	8 (30%)	0	8 (30%)	9 (33%)	18 (67%)	1 (4%)



crianças e é mais agradável do que com o trânsito do fim.

26. Pelo seu aspeto.

27. O início é pedonal e florido. No fim, já há aquela confusão do trânsito. Normalmente, as pessoas quando vão passear, não vão até ao fim, vão só até à parte pedonal, onde terminam os jardins. Para baixo, de certa forma, já não é tão frequentado, são mais as pessoas que lá vivem ou quem vai à procura de lojas específicas.

**12.** O que significa/ significou a Avenida da Liberdade para si?

1. Perto do chafariz é o local que escolhi para fazer as minhas fotos de casamento.

2. A Infância e amizades.

3. Marca a minha adolescência, passava horas com amigos.

4. Centro da cidade.

5. A alegria no parque da ponte em dias de São João.

6. As minhas primeiras memórias de Braga estão relacionadas com a Avenida (passeio e compras).

7. Faz-me recordar as compras com as amigas.

8. Infância.

9. Amizades.

10. Passeio.

11. Faz lembrar festas.

12. Infância.

13. Faz parte da cidade que moro traz muitas memórias.

14. Lugar central.

15. Lugar onde recordo a minha infância.

16. O nosso São João.

17. Eu deixei de frequentar Braga, assiduamente, há uns 15 anos, mas gosto de passear por lá e recordar quando ia com as colegas da escola ao cinema... com as minhas primas... o São João... no fundo, recordar!

18. Sim um lugar que me faz lembrar desde a infância até à adolescência, um local de muitas e longas amizades e o local onde cresci foi a minha primeira residência.

19. A existência do Copa Cabana, Salão de Chá, Teatro de Circo e o sinaleiro!!!

20. Sim, lembro-me de passear ao domingo de manhã com o meu pai.

21. São João.

22. Fomento de amizades.

23. (Não respondeu).

24. Quando eu vou para essa Avenida, eu sinto um encontro de gerações. Sinto-me bem, talvez seja por que quando lá vou, estou com aquele espírito de hora livre. Sinto uma energia lá que é muito boa.

25. (Não respondeu).

.amizades (26%);

.infância (19%);

.festa de São João (15%), em particular, a alegria no Parque da Ponte (4%);

.passeio (15%), em específico com a família (7%);

.adolescência (11%);

.local de memórias (11%);

.centro da cidade (7%);

.comércio (7%);

.primeiras memórias da cidade (4%);

.primeira residência (4%);

.Copa Cabana, Salão de Chá, Teatro Circo, o sinaleiro (4%);

.local de encontro de gerações (4%);

.local agradável, de descanso (4%);

.2 não responderam (7%).

26. Passeios em família.

27. Faz-me recordar a minha adolescência, porque a infância não foi em Braga pois sou de Ponte Lima e ao vir para cá estudar, fiquei na cidade.

**13.** Quais as suas principais memórias da Avenida da Liberdade?

1. Tranquilidade.

2. Infância.

3. Adolescência.

4. São João.

5. A primeira vez que vi um filme no cinema!

6. As primeiras memórias estão relacionadas com passeios e compras ao longo das lojas da Avenida.

7. A minha juventude.

8. Os monumentos.

9. Compras.

10. Passavam os carros sem o túnel e não havia o belo jardim.

11. São João.

12. Andar na rua.

13. Festas, passear, compras, etc.

14. Cafés com história.

15. Passar dos carros no largo da Praça da República.

16. São João.

17. Os edifícios antigos. Lamento muitos terem sido “absorvidos” ...

18. Avenida da Liberdade marcada por vários edifícios lindos e algumas lojas e muito marcante, o edifício dos Correios Antigos e a linda e bela Igreja de S. Lázaro, destruída em detrimento de um “mamarracho” muito pouco funcional e bonito.

19. A adolescência (passagem obrigatória para ir para o Liceu D. Maria II).

20. O meu pai entrava num café e dar-me um lápis grande de chocolate.

21. São João.

22. Convívio, amizade.

23. Para mim, a avenida era o Braga Shopping. Na minha infância, era o Teatro São Geraldo.

24. Horas de descanso/pausa de almoço.

25. Antes do túnel, era estrada até ao turismo e os carros fartavam-se de estacionar por ali. Antigamente, as condições dos passeios não eram tão boas como agora. Existia o trólei que em dias de chuva, dava choque e que traumatizou a minha infância.

26. Momentos fantásticos em família.

27. Quando estudava, quando ia com os meus amigos até

.São João (15%);

.passeios (11%);

.compras (11%);

.infância (7%);

.adolescência (7%);

.amizades (7%);

.escolaridade (7%), em particular, o percurso para o Liceu D. Maria II (4%);

.cafés (7%);

.família (7%);

.tranquilidade (4%);

.1º ida ao cinema (4%);

.juventude (4%);

.monumentos (4%);

.caminhar (4%);

.festas (4%);

.edifícios (4%);

.lojas (4%);

.antigos CTT (4%);

.demolição da igreja de São Lázaro e a construção do edifício dos Granjinhos (4%);

.tempo de pausa do trabalho (4%);

.convívio (4%);

.Teatro São Geraldo (4%);

.Braga Shopping (4%).

à avenida passear.

**14.1.** Em que aspetos é que a Avenida da Liberdade mudou?

- |   |   |
|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Muito confuso.</li> <li>2. A avenida...</li> <li>3. Os edifícios mudaram e cortaram o trânsito.</li> <li>4. Construção e trânsito.</li> <li>5. Social, mais turistas e menos gente da cidade. Físicas, túneis, jardins á superfície e algum comercio realmente tradicional desaparecido.</li> <li>6. A principal alteração na Avenida foi a construção e prolongamento dos túneis para desvio do trânsito, em que se fez várias descobertas arqueológicas e o alargamento da área pedonal e jardins na superfície.</li> <li>7. Os hábitos sociais.</li> <li>8. Os edifícios que se alteraram.</li> <li>9. Aspetos sociais e atividades.</li> <li>10. Atividades, edifícios, trânsito, etc.</li> <li>11. Ficou sem carros e a construção e remodelação de edifícios.</li> <li>12. Trânsito.</li> <li>13. Nível estrutural.</li> <li>14. Comércio tradicional.</li> <li>15. Tudo mudou, mas não sei se para melhor. Saíram as árvores, entrou o betão...</li> <li>16. Degradou-se. Muito trânsito.</li> <li>17. As pessoas que frequentam a avenida deixaram de ser os residentes, tem muitas pessoas de fora, "frias", além de terem mudado o trânsito, havendo mais passeios, tornou-se uma cidade "fria" de sentimentos... ir a Braga é chique, ser vista em Braga é chique. Ir a Braga por se gostar de Braga é cada vez menos frequente.</li> <li>18. Foram os hábitos sociais e muitos dos edifícios que se alteraram.</li> <li>19. Deixou de ter trânsito, tendo sido feito um bonito jardim no centro.</li> <li>20. Mudou o aspecto, fazem se atividades muito diferentes do antigamente e os hábitos sociais mudaram completamente.</li> <li>21. Lembro-me da Avenida antes de fecharem a rua em frente dos antigos correios.</li> <li>23. Mudou esteticamente, eu gostava mais como estava antigamente. Não gosto da pedra que está no chão, pois acumula muita água quando chove. Não gosto do chafariz ligado quando está a chover. Gostava mais quando tinha mais árvores. Agora, tem demasiada pedra. Fecho do comércio. Estão a fechar muitas lojas, o que para mim era</li> </ol> | <ul style="list-style-type: none"> <li>.terem diminuído a zona viária (41%);</li> <li>.alteração dos hábitos sociais (19%);</li> <li>.alteração do edificado (19%), mais especificamente, a reabilitação deste (7%);</li> <li>.jardins (15%);</li> <li>.construção e prolongamento do túnel (11%);</li> <li>.desaparecimento de comércio tradicional (11%);</li> <li>.alteração de atividades (11%);</li> <li>.diminuição do número de árvores (menos sombra), aumento nos pavimentos de pedra e betão (11%);</li> <li>.alteração do aspeto (11%);</li> <li>.gentrificação (11%); mais turistas (7%), menos habitantes da cidade (7%), aumento das rendas (4%);</li> <li>.aumento da afluência do trânsito automóvel (7%);</li> <li>.degradação (4%);</li> <li>.a cidade tornou-se "fria" e "chique" (4%);</li> <li>.transferência do hospital público que influenciou negativamente algum comércio e diminuição da área de circulação viária (4%);</li> <li>.sistema de transportes públicos incompetente (4%);</li> <li>.1 não respondeu (4%).</li> </ul> |
|---|---|

interessante pois eu gosto de passear. Fecharam as lojas (h&m, bershka, ...) que na hora do almoço, as pessoas até perdiam algum tempo a passear. Estão a fechar o comércio tradicional na Avenida.

24. Recuperação de edifícios, o que é uma vantagem para a cidade pela recuperação da beleza. Os senhorios estão também a aumentar as rendas antigas e querem obrigar as pessoas a sair, para poderem restaurar e poderem recolher rendas maiores. Para mim, esta é a parte negativa das cidades em crescimento.

25. A nível de prédios não, são os mesmos desde o meu tempo, à exceção de alguns que foram recuperados. Há muito mais trânsito, apesar de ainda haver muita gente a vir a pé para o centro. O fecho do hospital teve impacto comercial apenas no shopping santa cruz e no parque de estacionamento.

26. A parte pedonal.

27. O viaduto e os jardins, pois antes circulava-se por aquela zona. Tal, também aconteceu na praça da república. Quanto às pessoas, normalmente, há um grupo de idosos (incluído o meu sogro) que todas as tardes se reúnem ali e vão dar a sua voltinha pela avenida ou ficam ali junto à praça da república. Na zona do chafariz, antes tinha ali uma zona com árvores e muita sombra que foram retiradas e aquilo ficou completamente transformado. Esta última alteração, de certa forma, deixou as pessoas desagradadas porque já não têm aquele espaço para estar à sombra. Já outras, gostaram. Esses conflitos acontecem normalmente quando há alguma alteração. Mas, no fundo, considero o resultado positivo.

#### 14.2. Quais os principais motivos para essa mudança?

- |  |   |
|--|---|
| 1. Gastar dinheiro sem necessidade.            | .para suprir necessidades (22%), em particular, para corresponder à procura (7%) e à necessidade de mais área pedonal (7%); |
| 2. foi por fazerem o parque subterrâneo.       | ."evolução" (19%);  |
| 3. O podermos passear a pé.                    | .crescimento da cidade (11%);   |
| 4. Interesses camarários e imobiliários.       | .turismo (7%);  |
| 5. "Evolução".                                 | .má gestão de recursos financeiros (4%);  |
| 6. Crescimento da cidade.                      | .construção do estacionamento subterrâneo (4%);   |
| 7. Modernização.                               | .interesses camarários e imobiliários (4%);   |
| 8. Para o bem-estar das pessoas.               | .modernização (4%);   |
| 9. Procura.                                    |   |
| 10. Turismo.                                   |   |
| 11. Necessidade.                               |   |
| 12. Crescimento da cidade.                     |   |
| 13. Evolução.                                  |   |
| 14. Ocupação de multinacionais.                |   |
| 15. Muita entrada de betão.                    |   |
| 16. Túnel e falta de manutenção dos edifícios. |   |

- |   |  |
|---|--|
| 17. Comércio...   | .crescimento demográfico (4%);                 |
| 18. A evolução e o crescimento de população para crescimento da cidade.   | .multinacionais (4%);                          |
| 19. Para tornar o Centro mais movimentado por peões.  | .construção e prolongamento do túnel (4%);     |
| 20. A evolução da própria cidade.   | .carência de manutenção do edificado (4%);     |
| 21. O turismo.  | .comércio (4%);                                |
| 23. (Não respondeu).  | .diminuição da área de circulação viária (4%); |
| 24. Aumento da procura.   | .transportes públicos insuficientes (4%);      |
| 25. Ninguém abdica do carro e os transportes públicos ainda não funcionam pois são muito caros e com poucos horários. | .1 não respondeu (4%).                         |
| 26. A evolução e a necessidade de adaptar realidades.   |  |
| 27. Já não se circular naquela zona.  |  |

**14.3. Que edifícios da Avenida da Liberdade melhor refletem essas mudanças?**

- |  |   |
|--|---|
| 1 Não sei.   | .antigos CTT, atual Liberdade Street Fashion (41%); |
| 2. O turismo.  | .Theatro Circo (26%);                               |
| 3. Não me lembro do edifício espelhado onde se encontra a Massimo Dutti.   | .túnel (11%);                                       |
| 4. Teatro circo, antigos correios: liberdade street fashion.   | .reabilitação de edificado (11%);                   |
| 5. Zara (O nosso café).  | .o edifício do turismo (7%);                        |
| 6. Todo o traçado rodoviário via túneis e parques estacionamento e algumas obras de requalificação de edifícios, como por exemplo, o Teatro Circo. | .Praça da República (7%);                           |
| 7. Teatro Circo.   | .parque de estacionamento (4%);                     |
| 8. O turismo, etc.   | .edifício do Granjinhos (4%);                       |
| 9. Street Fashion.   | .o repuxo (4%);                                     |
| 10. Túnel, teatro circo, liberdade street fashion.   | .antigo O Nosso Café (4%);                          |
| 11. Teatro circo.  | .edifícios mais antigos (4%);                       |
| 12. Zona da avenida.   | .3 não conclusivas (11%).                           |
| 13. O Liberty street fashion.  |   |
| 14. Teatro circo, edifício dos correios.   |   |
| 15. Praça da República, repuxo.  |   |
| 16. Todos os prédios da 2ª metade da rua. O início da rua recebeu a tão merecida requalificação.   |   |
| 17. O edifício dos correios.   |   |
| 18. O edifício dos Granjinhos e o novo edifício colado ao Antigo Edifício dos Correios.  |   |
| 19. O edifício dos espelhos.   |   |
| 20. Vários.  |   |
| 21. Antigo edifício dos correios.  |   |
| 23. Edifício do canto, a antiga sapataria junto à Arcada.  |   |
| 24. Teatro circo e edifício que atualmente está a ser reabilitado junto à vodafone.  |   |
| 25. Os antigos correios.   |   |
| 26. Edifícios mais antigos.  |   |
| 27. Viaduto e Praça da república.  |   |

Avenida da Liberdade

	4.	6.	6.1.	6.2.	7.	9.	14.
1.	Braga (P.)	Não			Semanal.	Sim	Sim
2.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
3.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Não	Sim
4.	Braga (P.)	Sim			Mensal.	Não	Sim
5.	Braga (C.)	Sim			Díaria.	Sim	Sim
6.	C.C.	Sim			Semanal.	Sim	Não
7.	C.C.	Sim			Anual.	Sim	Sim
8.	Braga (P.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
9.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Não	Sim
10.	Braga (P.)	Sim			Mensal.	Sim	Sim
11.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Não	Sim
12.	C.C.	Sim			Diaria.	Sim	Sim
Total:	Braga (C.): 5 (42%) Braga (P.): 4 (33%) C.C.: 3 (35%) Outra: 0	Sim: 12 (100%) Não: 0			Diaria.: 4 (33%) Semanal.: 5 (42%) Mensal.: 2 (17%) Anual.: 1 (8%)	Sim: 8 (67%) Não: 4 (33%)	Sim: 11 (92%) Não: 1 (8%)

	Trabalho	Compras	Serviços	Teatro	Turismo	At. lúdicas	Viver	Convívio	Desl.	Passear	Outra
1.									x	x	
2.	x	x	x	x		x	x	x		x	
3.	x										
4.		x	x						x	x	
5.			x	x			x	x		x	
6.	x					x		x		x	
7.	x	x	x	x							
8.	x	x		x			x			x	
9.		x				x		x		x	
10.		x				x		x		x	
11.									x		
12.									x		
Total:	5 (42%)	6 (50%)	4 (33%)	4 (33%)	0	4 (33%)	3 (25%)	5 (42%)	4 (33%)	8 (67%)	0

**Entre 30 e 60 anos\_ sexo masculino**

Amostra de 12 inquiridos.

**10. Como descreve a Avenida da Liberdade?**

1. Espaço amplo.
2. (Não respondeu à questão).
3. Larga.
4. Boa.
5. Centraliza-se e acessos facilitados.
6. Centro da cidade.
7. Central.
8. Avenida, alameda fantástica.
9. Urbanismo descuidado.
10. Transversal a cidade. Eixo de circulação. Deveria ter menos trânsito.
11. Neste momento, está descaracterizada do resto da cidade que pelas novas construções, perdeu a tradição da cidade, à exceção da parte de cima (pedonal).
12. Uma avenida muito moderna. Centro histórico bem organizado.

- .ampla/larga (17%);
- .urbanismo descuidado/descaracterizado (17%);
- .zona central (25%);
- .eixo de circulação transversal à cidade (8%);
- .com demasiado trânsito (8%);
- .moderna (8%);
- .parte do centro histórico (8%).
- .1 não respondeu (8%).

**11. Para si, o início da Avenida da Liberdade é diferente do seu fim? Porquê?**

1. Parte superior para as pessoas, parte do meio e baixo mais para o trânsito.
2. (Não respondeu à questão).
3. Questões urbanas.
4. Sim. O fim é feio e descuidado.
5. É como ter a cabeça de um lado e os pés do outro. A zona do parque e monte picoto, deveriam de ser preservadas, mas cuidadosamente dinamizadas, pois as próprias pessoas que vivem na avenida não desfrutam destes espaços.
6. Zona pedonal e zona rodoviária.
7. Sim, ofertas completamente distintas.
8. Pedonal, não pedonal e a qualidade do edificado.
9. O início é a convergência de várias artérias pedestres. O final não.
10. Não percebi a questão.
11. Sim, muito diferente. Está muito diferente do que era, principalmente no fim que está muito descaracterizado.
12. No fundo, melhoraram bastante mais ainda tem coisas que faltam melhorar: a zona em que passa o rio, a zona que daí vai ter ao picoto e aquelas casas velhas que estão por restaurar.

- Extremo Norte:
  - .fácil circulação, pedonal, voltada para as pessoas (33%).
- Extremo Sul:
  - .feio, descuidado, descaracterizado, degradado (33%);
  - .trânsito (17%);
  - .por melhorar/dinamizar (17%).
  - .possuem ofertas distintas (8%);
  - .2 não responderam (17%).

**12. O que significa/ significou a Avenida da Liberdade para si?**

1. Memórias e sítio de passeio na atualidade.
2. (Não respondeu à questão).

- .centro/coração da cidade (42%);

3. Modernidade. .passeio (8%);
  4. (Não respondeu à questão). .comércio (8%);
  5. O local onde vivi e vivo desde sempre. .lazer (8%);
  6. Emblemático desde a infância. .serviços (8%);
  7. Serviços. .residência (8%);
  8. O centro de Braga. .modernidade (8%);
  9. Festas bairristas. .São João (8%);
  10. Junto com a Avenida Central é emblema do centro. .2 não responderam (17%).
  - Lazer e comércio.
  11. O centro/coração da cidade.
  12. Eu não sou daqui, mas estou cá há 28 anos e eu acho que a avenida representa o mais importante da cidade.
- 13. Quais as suas principais memórias da Avenida da Liberdade?**
1. Convívio. .festa de São João (25%);
  2. (Não respondeu à questão). .espaço de passagem (25%), 1 em particular, para a escola;
  3. São João. .recordações de infância (8%);
  4. (Não respondeu à questão). .jardins (8%);
  5. Poder brincar na rua, coisa que os mais novos já não podem fazer... .espaço de lazer (8%);
  6. Os jardins. .convívio (8%);
  7. São João. .edifícios do início do século XX (8%);
  8. Espaço de passagem e desde 2008, espaço de fruição. .2 não responderam (17%).
  9. Caminho para a escola.
  10. Edifícios históricos como o Theatro Circo e edifícios de início século XIX.
  11. A festa de São João que ocupa a avenida toda.
  12. Quando passo por lá.
- 14.1. Em que aspetos é que a Avenida da Liberdade mudou?**
1. Metade da avenida ficou mais adaptada às pessoas. .arranjo urbano: zona pedonal, túnel, jardins (67%);
  2. (Não respondeu à questão).
  3. Trânsito. .crescimento da cidade (8%)
  4. Está mais bonita na parte de cima. .uma maior dinâmica cultural e comercial (8%);
  5. A principal diferença está no facto de não se verem crianças a brincar como antigamente, mas isso também porque certamente as crianças atuais tem hábitos diferentes. .trânsito (17%);
  7. Início. .hábitos sociais (17%);
  8. Jardins, espaço pedonal. .descaracterização dos edifícios, desaproveitamento do Parque da Ponte (8%);
  9. Mais comércio e atividades de rua. Parte inicial mais cuidada. . continua uma zona central (8%).
  10. Túnel e área pedonal.
  11. A descaracterização dos edifícios. Perdeu trânsito, antes tinha muito pela avenida toda, agora é só num um quarto. Continua a ser um sítio central, perto de tudo. O parque da ponte não mudou, fizeram poucas obras recentemente, podiam ter aproveitado aquilo melhor.



12. Muito, mudou em todos os aspetos, até ao nível de crescimento da cidade. A cidade mudou muito nos 30 anos em que vivi aqui. Mas ultimamente, no centro não se tem construído nada.

#### 14.2. Quais os principais motivos para essa mudança?

1. Ampliação do espaço pedonal.
2. (Não respondeu à questão).
3. Túneis.
4. Não sei.
5. A mudança de hábitos das crianças que já não brincam nos passeios com os vizinhos. Há 40 anos quase todas as crianças da avenida se conheciam, encontravam para brincar na rua, no centro comercial, no parque infantil ou em casa uns dos outros, e estes espaços eram interdependentes em termos dos encontros que proporcionavam.
7. Parque subterrâneo e túnel.
8. Um fantástico projeto de reabilitação urbana.
9. Turismo e dinamização da marca “Braga”.
10. Melhoria do trânsito e criação de zonas para peões.
11. Agora é pedonal.
12. Uma boa administração, mas noutros aspetos, má, pois tiraram os espaços verdes. O turismo tem mudado muito a cidade e tem-na feito evoluir, tendo um papel muito importante nesta cidade nova que agora temos. Casas antigas que foram restauradas mudaram muito a imagem da cidade, que antigamente só tinha casas velhas no centro. Na zona do centro histórico também fez com que houvesse mais lojas.

#### 14.3. Que edifícios da Avenida da Liberdade melhor refletem essas mudanças?

1. Até à zona do teatro circo.
2. (Não respondeu à questão).
3. Túneis.
4. (Não respondeu à questão).
5. O antigo hotel turismo que deixou de ser uma zona comercial e de interação social.
7. Túnel.
8. Os no topo reabilitados, nomeadamente o Teatro Circo.
9. Theatro Circo.
10. Theatro Circo e Street center.
11. Os antigos correios que só aproveitaram um cantinho, o que é uma pena pois era um edifício muito bonito. Mantiveram-se o turismo, a arcada, o banco de Portugal, o resto mudou completamente.
12. Casas antigas que foram restauradas. Área de Lamações (edifícios altos) que mudou a estrutura da cidade.

.arranjo urbano: zona pedonal, túnel, parque subterrâneo (50%);  
 .o turismo (17%):  
 .reabilitação do edificado degradado (8%);  
 .aumento do comércio no centro histórico (8%);  
 .diminuição dos espaços verdes (8%);  
 .alteração dos hábitos sociais e, conseqüentemente no modo como usufruem dos espaços urbanos (8%);  
 .2 não responderam (17%).

. reabilitação do edificado (50%):  
 .Theatro circo (33%);  
 .antigos CTT/ Liberdade Street Fashion (33%);  
 .casas antigas (8%);  
 .construção de edifícios da área de Lamações (8%);  
 .túneis (8%);  
 .alteração dos hábitos sociais/ interação no antigo Hotel Turismo (8%);  
 .3 não responderam (25%).

Avenida da Liberdade

	4.	6.	6.1.	6.2.	7.	9.	14.
1.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
2.	Braga (C.)	Sim			Diaria.	Sim	Sim
3.	Braga (P.)	Sim			Mensal.	Sim	Sim
4.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
Total:	Braga (C.): 3 (75%) Braga (P.): 1 (25%) C.C.: 0 Outra: 0	Sim: 4 (100%) Não: 0			Diaria.: 1 (25%) Semanal.: 2 (50%) Mensal.: 1 (25%) Anual: 0	Sim: 4 (100%) Não: 0	Sim: 4 (100%) Não: 0

	Trabalho	Compras	Serviços	Teatro	Turismo	At. lúdicas	Viver	Convívio	Desl.	Passar	Outra
1.		×	×	×	×	×	×	×	×	×	
2.		×		×				×		×	
3.		×				×				×	
4.		×	×	×						×	
Total:	0	4 (100%)	2 (50%)	3 (75%)	1 (25%)	2 (50%)	1 (25%)	2 (50%)	1 (25%)	4 (100%)	0

## Mais de 60 anos\_ sexo feminino

Amostra de 4 inquiridas.

### 10. Como descreve a Avenida da Liberdade?

1. Edifício da Zara (antigo nosso café), Teatro Circo, Antigo Edifício dos Correios, Salão de Chá da Benamor.
2. Evoluiu entre os anos 60 e os 80 e de forma diferente no seu lado esquerdo e direito. A zona mais próxima da Avenida Central foi sempre de cafés uma ou duas lojas comerciais e de lazer com o Teatro do Circo. Entre os correios e a Igreja de São Lázaro aresta tornava se mais residencial e com casas modestas particularmente do lado esquerdo até ao Parque de S João. Pequeno comércio mercearias e padarias pontuavam entre bairros.
3. Edifícios.
4. Jardim, edifícios.

.edificado (100%): antigos CTT; Theatro circo (50%); Nosso Café (25%); Salão de chá Benamor (25%);  
 .époocas de desenvolvimento distintas (25%):diferenças entre o lado esquerdo e o direito; zona próxima da Avenida Central, área de lazer e comércio; entre os antigos CTT e igreja S.Lázaro, é uma área residencial, particularmente mais modesta do lado esquerdo até ao Parque de São João;comércio familiar.

### 11. Para si, o início da Avenida da Liberdade é diferente do seu fim? Porquê?

1. Sim. Porque os edifícios não são tão ricos arquitetonicamente.
2. O fim foi sempre mais humilde e ponto de concentração dos populares que visitavam durante o São João a zona onde também acampavam os ciganos nómadas.
3. O início é cheio de vida.
4. Turismo. Fim mais afastado do centro e com menos comércio.

Extremo norte:  
 .vitalidade (25%);  
 .centro histórico (25%);  
 .turismo (25%);  
 .edificado apelativo (25%).  
 Extremo sul:  
 .menos central e comercial (25%);  
 .mais humilde, popular (25%);  
 .festas de S. João (25%).

### 12. O que significa/ significou a Avenida da Liberdade para si?

1. Local de passeio, de ida para o trabalho, de ida ao cinema.
2. Local onde se concentrou toda a minha vida na infância e adolescência desde casas de amigas, acesso à escola primária, experiências de vida cultural e social, e festa popular (S. João).
3. Passeios em família.
4. Não tem um significado especial pois não nasci em Braga.

.passeio (50%), em particular com a família (25%);  
 .experiências culturais e sociais (25%);  
 .deslocação, acesso à escola (25%);  
 .São João (25%);  
 .nada significante (25%).

### 13. Quais as suas principais memórias da Avenida da Liberdade?

1. Convívios no nosso café, cinema, compras.
2. A memória das casas humildes de algumas amigas da primária, do sineiro, da igreja e padaria.

. convívio (50%): cafés (Nosso Café e tertúlias), cinema, amizades;  
 .serviços, segurança social (25%);

Depois a diversão no Teatro do Circo e barraquinhas de S. João. Finalmente as tertúlias dos cafés, e o comércio de Música e livrarias.

3. A Segurança Social.

4. Nada de especial.

**14.1.** Em que aspetos é que a Avenida da Liberdade mudou?

1. Alteração do transito, passou a ter uma zona pedonal, actividades alteradas bem como edifícios transformados, jardins.

2. Lembro a remodelação do cruzamento com a Rua do Liceu feminino agora Rua 25 de Abril, que tinha dois níveis e que alterou a composição social dos moradores. O desaparecimento de comércio tradicional (o sineiro, os sapateiros, os padeiros, a funerária). Os primeiros hotéis e cafés de proximidade ao liceu, as livrarias e a transformação da avenida na artéria principal da cidade.

3. Hábitos sociais e o túnel.

4. Jardim, bancos de pedra. Pessoas sentadas. Mais comércio.

**14.2.** Quais os principais motivos para essa mudança?

1. Desenvolvimento da cidade.

2. A instalação de equipamentos sociais e o facto de ser um eixo central de distribuição do trânsito automóvel entre as entradas e saídas da cidade com uma via muito larga.

3. O crescimento da cidade.

4. Câmara municipal.

**14.3.** Que edifícios da Avenida da Liberdade melhor refletem essas mudanças?

1. Hotel Aliança transformado no centro comercial Gold Center, Edifício do Nosso Café.

2. A escola de S Lázaro, o Liceu D Maria a Intervenção na Igreja de S Lázaro o acesso ao Hospital de S Marcos assim como os Correios.

3. O antigo Nosso Café, edifício dos CTT.

4. Pintura de alguns edifícios e reabilitação do Theatro Circo.

.comércio: música, livrarias (50%);

.festa de S. João, barraquinhas (25%);

.recordações de infância (25%);

.igreja, dinheiro e teatro (25%);

.1 nada significativa (25%).

.zona pedonal, túnel, jardins (50%);

.dinâmica cultural (25%);

.trânsito (25%);

.hábitos sociais (50%);

.reformulação do cruzamento AL/ Rua 25 de Abril e da estrutura social dos moradores (25%);

.desaparecimento do comércio tradicional: sineiro, sapateiros, padeiros, funerária (25%);

.os primeiros hotéis, os cafés (junto ao liceu) e as livrarias (25%);

.transformação da avenida na principal artéria da cidade (25%).

.crescimento da cidade (50%);

.instalação de equipamentos sociais (25%);

.eixo central de circulação automóvel com ligação a entradas/saídas da cidade (25%);

.câmara municipal (25%).

.reabilitação Theatro circo (25%);

.antigos CTT/ Liberdade Street Fashion (50%);

.antigo O Nosso Café (50%)

.construção de edifícios da área de Lamações, demolição da igreja e acesso ao hospital (25%);

.Hotel Aliança transformado no centro comercial Gold Center (25%);

.pintura de algumas fachadas (25%).

**Mais de 60 anos\_ sexo masculino**

Amostra de 12 inquiridos.

**10. Como descreve a Avenida da Liberdade?**

1. Artéria principal da cidade.
2. Jardins, pessoas e comércio.
3. O Theatro Circo e no meu tempo de Braga, os Cafés.
4. Com uma dimensão e uma arquitetura contrastante com o resto do centro.
5. É uma zona central da cidade, onde naturalmente tudo acontece, é uma avenida com vários aspectos, como zona de comércio, jardim, passeios largos onde as pessoas podem circular sem qualquer problema de trânsito, é uma avenida muito agradável, e, é o grande centro das festas da cidade, tanto no S. João, como em outras actividades da cidade cultural.
6. Espaço e fluidez de Trânsito Móvel e Pedonal.
7. Uma mistura do novo e do antigo.
8. Ampla Avenida, parte pedonal e com edifícios de referência (Theatro Circo, Casa da Farmácia Brito e antigo edifício dos Correios).
9. Simplesmente bonita.
10. Avenida, jardim.
11. Boa.
12. É o centro da cidade, o ex-libris da cidade juntamente com o jardim de Santa Barbara. É um sítio agradável.

- .agradável (33%);
- .jardins (25%);
- .centro da cidade (25%), “o ex-libris” (8%);
- .zonas pedonais (25%);
- .Theatro circo (17%), Farmácia Brito (8%) e CTT (8%).
- .comércio (17%);
- .principal artéria da cidade(8%);
- .dimensão e arquitetura contrastante com o resto do centro (8%);
- .espaço de fluidez de trânsito automóvel e pedonal (8%);
- .ampla (8%);
- .mistura do novo e antigo(8%);
- .pessoas (8%);
- .cafés (8%);
- .atividades culturais: festas populares, etc. (8%).

**11. Para si, o início da Avenida da Liberdade é diferente do seu fim? Porquê?**

1. Exigências urbanísticas.
2. O início é central.
3. Foi aberta em épocas muito diferentes.
4. Sim, porque à monumentalidade do cimo corresponde a simplicidade do seu término.
5. Esta Avenida, tem duas partes, a zona perto da Arcada e a parte mais junto à Ponte, são diferente e com características bem diferentes, a parte mais perto da Ponte, é algo de características diferentes, tanto em paisagem com actividades, uma mais centralizada ao comércio, a outra já mostra mais que é a Braga mais antiga, a fugir para fora da zona Urbana, mais natural do passado enquanto a parte superior da Av. é mais pró modernismo.
6. Início marca o centro da urbe e o fim tenta direccionar os utentes para a periferia como a saída da Cidade (Guimarães; Sameiro).
7. Início é mais novo, frequentado por pessoas mais jovens. O fim é mais antigo, pouco cuidado.
8. Não entendo a pergunta. Será que se refere à parte pe-

- Extremo norte:
- .arranjo urbano: pedonal (8%), jardins (17%).
  - .central (17%);
  - .monumentalidade (8%);
  - .esteticamente agradável (25%);
  - .modernismo (8%);
  - .comércio (8%);
  - .com pessoas jovens (8%);
- Extremo sul:
- .descuidado, degradado (8%);
  - .circulação viária (25%);
  - .simplicidade (8%);
  - .demonstra a cidade mais antiga (17%);

Avenida da Liberdade

	4.	6.	6.1.	6.2.	7.	9.	14.
1.	Outra	Não	Sim		Diária.	Sim	Sim
2.	Braga (C.)	Sim		Migração	Diária.	Sim	Sim
3.	Braga (C.)	Não	Sim	Migração	Diária.	Sim	Sim
4.	Braga (P.)	Sim			Semanal.	Não	Sim
5.	Braga (P.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
6.	Braga (C.)	Sim			Diária.	Sim	Sim
7.	Braga (C.)	Não	Sim	Migração	Semanal.	Não	Sim
8.	Outra	Não	Sim	Migração	Diária.	Sim	Sim
9.	Braga (P.)	Sim			Diária.	Sim	Sim
10.	Braga (P.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
11.	Braga (C.)	Sim			Semanal.	Sim	Sim
12.	Braga (P.)	Sim			Mensal.	Sim	Sim
Total:	Braga (C.): 5 (42%) Braga (P.): 5 (42%) C.C.: 0 Outra: 2 (17%)	Sim: 8 (67%) Não: 4 (33%)			Diária.: 6 (50%) Semanal.: 5 (42%) Mensal.: 1 (8%) Anual.: 0	Sim: 10 (83%) Não: 2 (17%)	Sim: 12 (100%) Não: 0

	Trabalho	Compras	Serviços	Teatro	Turismo	At. lúdicas	Viver	Convívio	Desl.	Passear	Outra
1.								x			
2.		x							x	x	
3.				x			x	x			
4.		x		x					x	x	
5.							x				
6.									x	x	
7.		x				x		x		x	
8.		x		x						x	
9.		x				x				x	
10.				x						x	
11.								x			
12.							x	x		x	
Total:	0	5 (42%)	0	4 (33%)	0	2 (17%)	3 (25%)	5 (42%)	3 (25%)	8 (67%)	0

donal e à parte com circulação automóvel? Se assim é, claro que têm características diferentes, sendo uma mais comercial.

9. Os tempos mudam.

10. Começa em jardim e acaba em avenida.

11. (Não respondeu).

12. Sim, até aos jardins é muito bonita, depois disso é uma avenida normal.

**12.** O que significa/ significou a Avenida da Liberdade para si?

1. Amizades, convívios, juventude.

2. Antiga Avenida Marechal Gomes da Costa. Antigo café Sporting, Nosso Café, Cinelândia, etc.

3. As idas ao cinema e aos outros espectáculos, no Theatro Circo e a frequência do café Cinelândia e de O Nosso Café, onde jogava bilha.

4. Como imigrante na cidade, a avenida é para mim a artéria anteriormente caracterizada.

5. Esta Avenida, faz-me lembrar o dia que jamais esquecerei na vida, faz-me lembrar o dia da prometida vinda do General Humberto Delgado á cidade de Braga, na campanha para a Presidência da Republica, foi o dia em que o Bicho da política me mordeu, foi o dia em que percebi o que era a Ditadura, tinha apenas 7 anos, esse dia ficou gravado na memória como o dia em que escolhi ser Democrata, dizer não à violência, não à mordada, não à falta de liberdade!

6. Espaços de outras vivências.

7. Lugar de passear com amigos.

8. O anterior Nosso Café que frequentava diariamente, o Theatro Circo e o café Cinelândia que o meu Pai frequentava.

9. Sempre foi um lugar aonde me encontrava com amigos.

10. Estudo.

11. Amizade.

12. Para mim, sempre foi um lugar muito bom.

**13.** Quais as suas principais memórias da Avenida da Liberdade?

1. O Nosso Café - Nome: Av. Marechal Gomes da Costa.

2. Nosso Café, Teatro circo.

3. As idas ao Theatro Circo e o caminho para o Estádio.

4. O “Nosso Café”, a discoteca “Trigonometria”, o friorento Theatro Circo, etc.

5. Esta Avenida, faz-me lembrar o dia que jamais esquecerei na vida, faz-me lembrar o dia da prometida vinda do General Humberto Delgado á cidade de Braga, na campanha para a Presidência da Republica, foi o dia em que o Bicho

.ligação com a periferia e saídas da cidade (17%);

.époocas distintas (17%);

.possuem paisagens e atividades distintas (8%);

.exigências urbanísticas distintas (8%);

.1 não respondeu (8%).

.amizades (25%), juventude (17%), convívio (8%) e passeio com amigos (8);

.cafés: O Nosso Café, Café Sporting, Cinelândia (25%);

.Theatro Circo, cinema e espetáculos (17%);

.artéria da cidade (8%);

.lugar de consciencialização política (8%);

.estudo (8%);

.agradável (8%).

.Theatro Circo (42%);

.O Nosso Café, em particular, os jogos de bilhar (33%);

.passeios (17%);

.caminho para o estádio (17%);

.discoteca Trigonometria (8%);

da política me mordeu, foi o dia em que percebi o que era a Ditadura, tinha apenas 7 anos, esse dia ficou gravado na memória como o dia em que escolhi ser Democrata, dizer não à violência, não à mordada, não à falta de liberdade!

6. No passado havia uma Ausência de Caos no trânsito automóvel; o desenvolvimento do Casco da cidade foi-se construindo como pólo de atração do automóvel para o Centro (alienação do espaço público para construção de parques de estacionamento para benefício de interesses não identificáveis e também para a obtenção de benefícios financeiros para o SCB e o ABC);

7. Teatro, compras, passeios no verão.

8. Os jogos de bilhar em O Nosso Café e as idas ao Theatro Circo.

9. Lembro-me de ir trabalhar, pois trabalhava a 200 metros da avenida, nos anos sessenta.

10. Estudo, passear.

11. Ampla e poucos carros.

12. Antigamente, quando era jovem, no São João percorria a avenida toda na festa com os amigos. Lá em baixo, no parque de exposições também havia a feira semanal. Tenho memórias da Avenida desde dos meus 5/10 anos, ia ver o futebol lá em baixo, depois casei e levava os meus filhos.

**14.1.** Em que aspetos é que a Avenida da Liberdade mudou?

1. Urbanístico. Acabou o Nosso Café. Sou agora um velho de + 90 anos.

2. O início da avenida com o ajardinamento ficou muito bonito.

3. Alterou-se fundamentalmente a circulação rodoviária de que a avenida era, anteriormente, um eixo fundamental da cidade. Nos anos mais recentes, a eliminação da circulação de automóveis na parte norte, a construção do túnel rodoviário e a descaracterização do edifício que foi dos Correios.

4. As alterações urbanísticas da Praça de República e a transformação da mesma num local de lazer e convívio.

5. Principalmente aquilo que mudou foi apenas a imagem da Avenida, como os novos edifícios os hábitos, o que nem sempre é para melhor, das pessoas infelizmente não mudaram tanto quanto era desejável, mas como na vida, nada se faz a correr, tudo tem o seu tempo e o tempo devemos ser nós as pessoas a procurar modificar, em hábitos e costumes, uma coisa que mudou nesta cidade, foi a cultura, existe mais pessoas interessadas na cultura em geral, os grupos musicais, a divulgação maior dos nossos instrumentos, como o Cavaquinho e Braguesa, são aspectos muito interessantes para a cidade e para o futuro das gerações vin-

.a vinda do General Humberto Delgado à cidade durante a sua campanha para a Presidência da República (8%);

.compras (8%);

.caminho para o trabalho (8%);

.estudo (8%);

.a sua amplitude (8%);

.ausência do caos automóvel (8%);

.alteração da circulação e crescimento do centro da cidade em função de interesses financeiros privados (8%);

.São João (8%);

.feira semanal no antigo parque de exposições (8%).

.fecho de cafés, em particular de O Nosso Café (17%);

.arranjo urbano: jardins (17%), túnel (8%), alteração da circulação viária (17%);

.alteração da Praça da República, agora um espaço de comércio e lazer (8%);

.descaracterização/transferência dos antigos CTT (17%);

.transferência do Hospital público, o que levou a uma menor afluência de pessoas (8%);

.alteração da sua imagem por consequência dos novos edifícios (8%);

. alteração dos hábitos



douras.

6. Atividades Comerciais dirigidas para o excesso de consumo, eliminando outras atividades mais diferenciadas e construindo uma desarmonia visual;

7. É frequentado por um público mais jovem, talvez pelas novas atrações.

8. O encerramento dos cafés e a transferência dos Correios levaram a alterá-la significativamente. Hábitos sociais desapareceram, embora as actividades comerciais se mantenham. Também o encerramento do Hospital na vizinhança da Av. da Liberdade contribuiu para uma menor presença de pessoas nessa zona.

9. Tudo.

10. Jardim.

11. Físicos.

12. Agora, lá encontram-se os moradores dali, tem muito comércio e muitos cafés. Antigamente, tinha menos cafés, havia o nosso café, ... na cidade não tinha muito que se ver, e a gente ou ia para o cinema ou ia para os cafés (o nosso café, café sporting, Cinelândia, a Benamor...). No fim da avenida, não havia nada, só o futebol. Havia o bairro do carandá, que era para pobres e agora está melhor, o hotel turismo. Não havia a rua 25 de abril, nem a avenida João XXI, havia a igreja de São Lázaro, .... Modificou-se muito, mas acho que para melhor e muito depressa, isto em relação ao meu tempo. A avenida central também mudou muito com o tempo. Antigamente, a gente parava mais no centro da cidade, agora alargou mais um bocadinho e a avenida pode ter influência nisso.

#### 14.2. Quais os principais motivos para essa mudança?

1. Urbanismo.

2. Comércio de rua e criação de espaços pedonais.

3. No caso do edifício dos Correios a especulação imobiliária e no caso da eliminação da circulação rodoviária, a alteração efectuada no centro da cidade.

4. Para além dos apontados anteriormente, a necessidade de construção de um parque de estacionamento.

5. Os motivos são de várias ordens, sociais e culturais, melhor distribuição de verbas por parte do Estado em relação às Autarquias, faz com que tudo se desenvolva de maneira a acompanhar melhor a evolução Social e Tecnológica.

6. Violação do PDM; Alteração do PDM para legalizar o ilícito;

7. Renovar.

8. Já em parte respondida acima.

9. Não sei.

10. Beleza.

sociais (25%): aumento do interesse/maior afluência de jovens (8%);

.atividade comercial entorno do consumismo, o que provocou uma diminuição do comércio diferenciado e a uma desarmonia visual da avenida (8%).

.arranjo urbano do extremo norte: criação de espaços pedonais (25%);

.comércio de rua (8%);

.especulação imobiliária (8%);

.a necessidade de estacionamento subterrâneo (8%);

.melhor distribuição de verbas às autarquias por parte do Estado (8%);

.manipulação do PDM (8%);

.renovação (8);

.evolução (8%);

.modernismo (8%);

11. Novos tempos.

12. O modernismo, no meu tempo, eram só casas velhinhas, agora foi tudo restaurado e modificado. Iniciativas do antigo presidente da câmara Santos da Cunha que mudou muita coisa na cidade e na avenida (rodovia, etc). O Mesquita Machado, apesar de muito contestado, fez muito pela cidade e pelo seu crescimento nos 30 anos em que lá esteve. O presidente atual, tem algumas iniciativas, mas não está focado no crescimento da cidade.

**14.3.** Que edifícios da Avenida da Liberdade melhor refletem essas mudanças?

1. Teatro Circo, Farmácia Brito.

2. Vários.

3. O edifício dos antigos Correios e a demolição da velha igreja de São Lázaro.

4. Talvez o fontanário.

5. A generalidade dos edifícios já todos tem mais de 50 anos, não me lembro de novas construções nesta Avenida, mas o Edifício do Teatro Circo, é o grande esplendor assim como o Edifício dos antigos Correios, são os edifícios mais marcantes desta Avenida.

6. Desarmonia: Edifício dos Granjinhos...;

7. Teatro Circo, o novo shopping.

8. A nova área comercial situada no anterior edifício dos CTT, o Hotel de Turismo.

9. Não sei.

10. Não me lembro.

11. Os antigos correios.

12. Hotel turismo, hotel carandá, os prédios, o desaparecimento da igreja de São Lázaro que deu lugar ao centro comercial do pingo doce e o jardim à direita, os supermercados.

.renovação do edificado (8%);

.iniciativas de antigos presidentes da câmara municipal, Santos da Cunha e Mesquita Machado (8%);

.3 respostas não conclusivas (25%).

.antigos CTT, atual Liberdade Street Fashion (42%);

.Theatro Circo (33%);

.demolição da igreja de São Lázaro (17%);

.centro comercial dos Granjinhos (17%);

.Hotel Turismo (17%);

.Hotel Carandá (8%);

.farmácia Brito (8%);

.chafariz (8%).

